

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UF....
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO - PROP
COORDENAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

JOSÉ BENEDITO NASCIMENTO DE SOUSA

**A REGÊNCIA VERBAL EM TEXTOS DE ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

TERESINA

2018

JOSÉ BENEDITO NASCIMENTO DE SOUSA

**A REGÊNCIA VERBAL EM TEXTOS DE ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), como exigência obrigatória para conclusão do curso, sob a orientação do Prof. Dr. Raimundo Francisco Gomes.

TERESINA

2018

JOSÉ BENEDITO NASCIMENTO DE SOUSA

**A REGÊNCIA VERBAL EM TEXTOS DE ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, (PROFLETRAS), da Universidade Estadual do Piauí, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Letras.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Raimundo Francisco Gomes.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raimundo Francisco Gomes (Orientador)
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Profa. Dra. Iveuta de Abreu Lopes (Examinadora)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Prof. Dr. Pedro Rodrigues Magalhães Neto (Examinador)
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Dedico sempre, e nunca em excesso, a meus pais, Zé de Deus e Benedita, pessoas cujos ensinamentos e companhias são indispensáveis pelos ensinamentos, assistência, incentivo e exemplo que me forneceram ao longo da empreitada da vida, que sem dúvida, auxiliaram-me até aqui. A minha filha (Açucena) e ao meus irmãos (José Augusto, Rayna, Elizete, Joilson, sobretudo, Joelson Nascimento de Sousa (in memoriam)).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que tem dado a mim todas as coisas;

A meus pais, José de Deus Gomes de Sousa e Benedita Nascimento de Sousa. O tempo que lhes subtraio de convívio é a única dor real que o magistério me causa, compensada apenas pelo generoso amor que me dedicam;

A minha filha: Açucena Rocha Sousa, pois nada permaneceu igual após essa linda flor, porque tudo ficou mais bonito;

Aos meus irmãos: Elizete, Rayna, José Augusto, Joílson, Joelson (in memoriam);
A todos os meus sobrinhos, em especial, Carlos Eduardo (Dudu) pela parceria de todas as horas;

Na empreitada da vida registro a companhia proveitosa com amigos, realmente muitos, dentro os quais agradeço por ora: Amanda, Agustinho, Renata. Alisson, Luís Carlos (Bá), Carlos Eugênio, Celso, Claudiane, David, Irene Rocha, Letícia, Larcy, Deusdete, Fernandes, George, Lúcio Flávio, Sandro, Wener, Isaias, Janildo Ximenes, Roziane, Lucivaldo, Lucielma, Manoel Messias, Maria Helena, Marciana, Natan, Natasha, Nilsin, Rita Miranda, entre outros.

A universidade Estadual do Piauí, pela oferta do Mestrado Profissional em Letras;
Aos notáveis professores doutores do curso de Mestrado Profissional em Letras. Em especial, Dr. Raimundo Francisco Gomes e Pedro Magalhães Neto. Pela imensurável contribuição em minha formação pessoal e profissional;

Aos queridos colegas do curso (turma 2016/2018) pela amizade, tempo de convívio e troca de experiências: Ayra Raquel, Claudía, Dariana Ribeiro, Evaldo, Kleoneide Sérvio, Lucélia, Mari, Orlando, Rogério Alves, Rogério Batista, Vanessa, Vilma e Lucilda;

Aos colegas de trabalho, aos meus alunos, pela compreensão nas ausências em sala de aula e a todas as pessoas que fazem parte do meu mundo, familiar, profissional e acadêmico.

MUITO OBRIGADO!!!!!!.

RESUMO

Este estudo pertence ao âmbito da sintaxe da Língua Portuguesa, por abordar o ensino de Regência Verbal, tendo como base o texto escrito dos alunos de uma turma do 9º ano de ensino fundamental. Isso porque, ensinar a Língua Materna na sociedade contemporânea em que a norma culta tem sido limitada, muitas vezes, ao coloquialismo, sobretudo na língua escrita é um desafio aos professores. Desta forma, o objetivo principal que norteia esse trabalho é analisar a ocorrência de usos da regência verbal nos textos escritos espontâneo dos alunos do 9º ano do ensino fundamental para, a partir disso, estabelecer um ensino correlacionado com a norma padrão em uma escola da rede estadual de Caxias – MA. Através do objetivo geral. Seguem-se os seguintes objetivos específicos: Identificar a predominância de usos de regência verbal aplicados pelos alunos em suas produções textuais escritas; Comparar os usos de regência verbal, atentando para o que preconiza a norma padrão; Propor um processo de ensino aprendizagem através de atividades didáticas sobre regência verbal como proposta de intervenção que conduza aos empregos regências sobre a perspectiva da tradição gramatical e da variação linguística. Para tanto, o estudo se fundamenta nos seguintes teóricos: Dorneles (2006), Borba (1996), Perini (2010, 2016), Castilho (2014), Antunes (2007), Bechara (2009), Campos (2014), Sacconi (2008) Travaglia (2009), Kenedy (2013), Luft (2008), Mioto (2016), Kato (2015), Giacomozzi (2004), Cunha (2007), Azeredo (2010). Além de outros, que subsidiaram a construção e desenvolvimento do trabalho como um todo. Na construção do referencial teórico, apresentam-se três capítulos topicalizados, sucessivamente com os seguintes assuntos: Conceitos de verbos na visão da Tradição Gramatical, Gramática de Valência e Gramática Gerativa; definições sobre regência e complementos verbais à luz dessas teorias, e ganha destaque a Estrutura Argumental do verbo, teoria, que sustenta a pesquisa. O trabalho foi conduzido através de uma pesquisa básica, exploratória, de campo e quali-quantitativa que subsidiaram a investigação de forma mais eficaz. A pesquisa desenvolve-se a partir de observações do trabalho com a escrita em sala de aula, onde houve a aplicação da coleta de dados. Para a coleta foi utilizado o poema: “ Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu sobre o qual os alunos escreveram um texto espontâneo. Com base nos textos, foi examinado o fenômeno em estudo. As análises dos dados revelaram que o emprego da regência verbal nos textos dos discentes aponta para um moderado conhecimento sobre transitividade verbal, os alunos usam estruturas sintáticas, as vezes, iguais para verbos de regência diferentes, configurando a instabilidade da transitividade, demonstram domínios moderados sobre a norma culta da língua referente fenômeno investigado, por isso os estudantes empregam-no associado aos usos da língua coloquial, portanto não fazem relativas diferenças entre os usos orais e escritos. À vista disso, o ensino sobre a Regência precisa ser aprimorado tanto no aspecto sintático, quanto no semântico, por isso propõe-se atividades linguísticas que partem desde os empregos coloquiais para as práticas formais de Ensino da Língua Portuguesa.

Palavras Chaves: Ensino de Língua Portuguesa, Ensino de Regência Verbal e Produções textuais escritas de alunos.

ABSTRACT

This study belongs to the context of the syntax of the Portuguese language, for addressing the teaching of Verbal Regency, based on the written text of the students of a class of the ninth year of elementary school . This is because teaching the mother tongue in contemporary society in which the cultured norm has often been limited to colloquialism, especially in written language is a challenge to teachers. In this way, the main purpose that guides this work is to analyze the occurrence of uses of the verbal regency in the spontaneous written texts of the students of the ninth year of elementary school to, from this, establish a teaching correlated with the standard norm in a school of the network State of Caxias-MA. Linked to the general objective. The following specific objectives are followed: to identify the predominance of verbal regency uses applied by students in their written textual productions; Compare the uses of verbal regency, paying attention to what the standard Norm recommends; To propose a process of teaching learning through didactic activities about verbal regency as a proposal for intervention that leads to the conducting jobs on the perspective of grammatical tradition and linguistic variation. For this reason, the study is based on the following theorists: Dorneles (2006), Borba (1996), Perini (2010, 2016), Chakravarty (2014), Antunes (2007), Bechara (2009), Fields (2014), Conni (2008) Travaglia (2009), Kennedy (2013), Luft (2008), Maria (2016), Kato (2015), Giacomozzi (2004), Wedge (2007), Azeredo (2010). In addition to others, they have subsidized the construction and development of the work as a whole. In the construction of the theoretical reference, three Topicalizados chapters are presented, successively with the following subjects: verb concepts in the vision of grammatical tradition, grammar of Valencia and generative grammar; Definitions about Regency and verbal supplements in light of these theories, and gains prominence the argumental structure of the verb, theory, which supports the research. The work was conducted through basic, exploratory, field and qualitative-quantitative research that subsidized research in a more effective way. The research develops from observations of the work with the writing in the classroom, where there was the application of the data collection. For the collection was used the poem: "My Eight years," by Casimiro de Abreu on which the students wrote a spontaneous text. Based on the texts, the phenomenon in study was examined. The analysis of the data revealed that the use of verbal regency in the texts of the students points to a moderate knowledge about verbal transitivity, the pupils use syntactic structures, sometimes equal to different regency verbs, setting the instability of the transitivity, demonstrate moderate domains on the cultured norm of the language related phenomenon investigated, so the students employ it associated with the uses of the colloquial language, therefore do not make relative differences between the oral and written uses. In view of this, the teaching on the regency needs to be improved both in the syntactic aspect and in the semantic, so it is proposed that linguistic activities depart from the colloquial uses for the formal teaching practices of the Portuguese language.

Key words: Portuguese language Teaching, Verbal Regency teaching and written textual productions of students.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Sujeito e Predicado	45
Quadro 02: Estrutura Argumental Básica dos itens “ ver” e “Visão”	60
Quadro 03. Exemplificação de Papéis Temáticos	62
Quadro 04 Estrutura Argumental.....	63
Quadro 05: Categorias de Análise.....	73
Quadro 06: Descrição das Categorias de Análise	78
Quadro 07: Análise dos Textos dos Alunos por Categoria.....	79
Quadro 08: Classificação dos Gêneros de Vídeo Game	102
Quadro 09 Modelo para Resolução de Exercício	109
Quadro 10: Modelo Para Resolução de Exercício.....	109
Quadro 11: Modelo para Resolução de Exercício	109
Quadro 12: Usos Adequados e Inadequados da Regência Verbal	114
Quadro 13 Empregos da Regência verbal	114
Quadro 14. Transitividade Verbal: Exemplos e Classificação	119
Quadro 15. Frases com Omissão da Regência Verbal	119

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Estrutura Frasal.....	34
FIGURA 02: Estrutura da oração conforme a Tradição Gramatical.....	65
FIGURA 03: Estrutura da oração segundo a Gramática de Valência.....	65
FIGURA 04: Estrutura da oração segundo a Gramática Gerativa.....	66
FIGURA 05: Garoto jogando vídeo game.....	98
FIGURA 06: Garotos divertindo-se jogando vídeo game.....	99
FIGURA 07: Gênero Shotes.....	99
FIGURA 08: Gênero Adventure.....	99
FIGURA 09: Gênero Construção/ Gerenciamento.....	100
FIGURA 10: Gênero Esportes.....	100
FIGURA 11: Regência em Capa de Revista.....	105
FIGURA 12: Regência em Capas de Revistas.....	106
FIGURA 13: Tirinha I.....	110
FIGURA 14: Tirinha II.....	110
FIGURA 15: Usos do verbo Preferir.....	110

LISTA DE SIGLAS

GT	-	GRAMÁTICA TRADICIONAL
AEE	-	ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO
C1	-	CATEGORIA UM
C2	-	CATEGORIA DOIS
C3	-	CATEGORIA TRÊS
C4	-	CATEGORIA QUATRO
SC	-	SEM COMPLEMENTO
CCP	-	COMPLEMENTO COM PREPOSIÇÃO
CSP	-	COMPLEMENTO SEM PREPOSIÇÃO
T	-	TEXTO
VI	-	VERBO INTRANSITIVO
VTD	-	VERBO TRANSITIVO DIRETO
VTI	-	VERBO TRANSITIVO INDIRETO
VTDI	-	VERBO TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ABORDAGEM SOBRE OSTIPOS DE GRAMÁTICA	18
3 DIFERENTES ABORDAGENS SOBRE O CONCEITO DE VERBO	35
3.1 Verbo na visão da gramática tradicional	35
3.2 Verbo na visão da gramática de valência.....	37
3.3 Verbo na visão da gramática gerativa	40
4 DEFINIÇÕES SOBRE REGÊNCIA	48
4.1 Regência a luz da gramática tradicional.....	48
4.2 Regência a luz da gramática de Valência	52
5 CONCEPÇÕES DE COMPLEMENTO	54
5.1 Complemento na perspectiva da gramática tradicional.....	54
5.2 Complemento na perspectiva da gramática de valência.	57
5.3 Complemento na perspectiva da gramática gerativa.	58
6 METODOLOGIA.	67
6.1 Caracterização da pesquisa	67
6.2 Sujeitos e Campos de pesquisa.....	72
6.3 Corpus.....	73
6.4 Categorias de análise.....	73
6.5 Instrumento de coleta de dados.....	75
7 ANÁLISE DE DADOS	78
7.1 Verbo Intransitivo (C1VI)	80
7.2 Verbo Transitivo Direto (C2 VTD)	81
7.3 Verbo Transitivo Indireto (C3 VTI)	87
7.4 Verbo Transitivo Direto e Indireto (VTDI C4)	92
8 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	94
8.1 Estrutura da Proposta.....	95

8.1.1 Atividade 1.....	96
8.1.2 Atividade 2	103
8.1.3 Atividade 3	107
8.1.4 Atividade 4	112
8.1.5 Atividade 5	117
CONCLUSÕES	122
REFERÊNCIAS.....	124
APÊNDICE/ANEXOS.....	128

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que utilizar a língua seja de forma oral ou escrita é imprescindível em diversas situações do cotidiano, por essa razão, cabe a escola, sobretudo, no âmbito da composição textual, analisar como os alunos estão utilizando essa competência linguística, visto que existem fatores que são fundamentais para uma melhor construção e compreensão do texto escrito, entre eles, têm-se o verbo, por essa razão, este trabalho de pesquisa enfatiza como a Regência Verbal se apresenta na produção gráfica dos alunos.

Com efeito, conceber a forma que alunos estão utilizando o verbo, em seus textos, principalmente na relação com os seus complementos, e, diante disso, desenvolver um trabalho relacionado a maneira como o estudante faz essa relação, é fundamental para a prática do ensino da Língua Portuguesa.

Por essa razão, o trabalho busca ser relevante para o emprego da regência verbal nos textos escolares de alunos de ensino fundamental, isso porque considera o ato de escrever e o mecanismo gramatical da regência verbal um fator de comunicação linguística indispensável para a vida social e profissional de qualquer indivíduo em processo de formação escolar e, conseqüentemente, intelectual.

Foi pensando nisso que, um estudo voltado para aspectos relacionados ao conteúdo supracitado e empregá-lo no processo de construção redacional pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa, principalmente, com estudantes em processo de aquisição de conhecimento e dos usos efetivos da língua.

Assim, considerando que a prática da escrita em sala, aliada aos aspectos gramaticais representam um dos grandes desafios para o desenvolvimento e aprimoramento da aprendizagem do aluno, especialmente aqueles que se encontram no ensino fundamental, pois nesse nível de escolaridade a relação da proficiência da atividade da escrita está relacionada, também, ao domínio de conhecimentos da gramática da normal padrão.

Nesse sentido, a temática deste trabalho tem um olhar voltado para o ensino e a aprendizagem da língua enquanto instrumento de comunicação gramático-textual. Cabe dizer que, a área de concentração na qual se encaixa esta pesquisa é 'Linguagens e Letramentos', pois adota diferentes concepções de abordagens em

seus estudos sobre a linguagem e suas distintas formas de manifestação as quais influenciam diretamente na prática de uso da Língua Materna pelo estudante.

A linha de pesquisa em que este trabalho se associa é 'Teorias de Linguagem e Ensino', pois entre outros aspectos, envolve estudos relacionados a normatização e entendimento da língua, bem como aprendizagem da modalidade escrita contextualizando-a com aspectos gramaticais.

A predileção por esta temática, reside no fato de a regência verbal ter como elemento norteador do sentido da oração o verbo que corresponde a uma classe gramatical de dimensão e representação muito ampla na construção de frases, orações, períodos e do próprio texto, visto que é dentro dele que os aspectos gramaticais ganham utilidade para os devidos empregos linguísticos.

Assim, fica claro que, os conteúdos da modalidade padrão da língua utilizados de forma adequada contribuem para a organização coesa e coerente das ideias e, assim, tornam as práticas linguísticas favoráveis ao processo de comunicação, para isso, a sistematização interna do texto deve estar em harmonia com as prescrições normativas de organização da língua.

Na perspectiva de delimitação temática, o trabalho aborda a Regência Verbal na produção escrita espontânea dos alunos do 9º ano do ensino fundamental. A escolha dessa turma é justificada por duas razões, primeiramente, porque é nessa série que o aluno estuda esse conteúdo, em segundo lugar, pelo fato de se tratar de uma etapa final do ensino fundamental, portanto, nesse ano de ensino o aluno já possui certa maturidade com os estudos de Língua Portuguesa, logo, possui um grau de conhecimento que permite analisar a sua bagagem teórica em relação ao objeto em estudo.

Com relação a problemática em questão, sabe-se que os alunos ao escreverem seus textos revelam pouco domínio formal sobre a regência de alguns verbos, muitas vezes, há uma dificuldade em distinguir a prescrição da gramática normativa e a linguagem no âmbito da informalidade, dessa forma, é substancial um trabalho voltado para o uso adequado da regência verbal, tendo em vista que os estudantes têm dificuldades de expressá-la, acertadamente, ao escrever. Nesse sentido, esta pesquisa almeja oferecer subsídios para um melhor aprendizado de Língua Portuguesa, já que os estudantes, muitas vezes, encontram-se desacreditados em relação à aquisição da aprendizagem de produção textual, configurando um baixo desempenho da língua escrita, a título de exemplificação, exames como ENEM

ratificam essa constatação ao divulgarem a insatisfatória performance de estudantes na prova de redação.

Diante dessa realidade, sem dúvida, é preciso analisar como tem sido a comunicação escrita dos discentes, e também, de que forma isso tem influenciado na aprendizagem deles no que tange ao ato de escrever. Nesse sentido, indaga-se: O que leva a falta de conhecimento dos alunos sobre aspecto gramatical da regência verbal no processo de produção textual? Assim sendo, na busca de esclarecimentos para essas indagações, esta pesquisa carrega consigo os seguintes pressupostos ou hipóteses:

- Se houver uma estratégia de compreensão do emprego da regência verbal a partir da construção textual realizada pelos próprios discentes, tornará a aprendizagem desse conteúdo mais significativa para os alunos;
- Se houver um estudo da regência verbal voltado para a escrita, ou textos do cotidiano dos discentes, será possível garantir que os alunos identifiquem os diferentes casos de usos da regência de verbos bem como empregá-los em contextos de produção escrita no cotidiano Inter e extraescolar;
- Espera-se que através da proposta de análise da regência verbal em textos de alunos apresentada por este trabalho, possa-se conhecer diferentes situações de usos regenciais no processo de construção textual.

Vale ressaltar, nesse contexto que, as hipóteses, apresentadas configuram-se, em sua essência, pelas possibilidades de respostas possíveis para o problema em questão, dado que uma das razões de se examinar um fenômeno linguístico é, justamente, essa averiguação das questões envolvidas nele.

É importante dizer que este trabalho científico traz no seu contexto o objetivo principal que o norteia o qual é: analisar a ocorrência de usos da regência verbal nos textos escritos espontâneo dos alunos do 9º ano do ensino fundamental para, a partir disso, estabelecer um ensino correlacionado com a norma padrão, em uma escola da rede estadual de Caxias – MA.

Arelado ao objetivo geral, seguem-se os seguintes objetivos específicos:

- Identificar a predominância de usos de regência verbal aplicados pelos alunos em suas produções textuais escritas;

- Comparar os usos de regência verbal no texto escrito dos alunos, atentando para e o que preconiza a norma padrão;
- Propor um processo de ensino aprendizagem através de atividades didáticas sobre regência verbal como proposta de intervenção, que conduzam os empregos regências sobre a perspectiva da tradição gramatical e da variação linguística.

Por todos esses aspectos apresentados, o estudo em análise se justifica, entre outras razões, porque o conteúdo pesquisado traz em si um olhar para uma problemática ligada ao da comunicação escrita evidente no contexto escolar. Uma vez que, os estudantes ao produzirem seus textos sentem, frequentemente, a necessidade de utilizarem a regência de alguns verbos que, por vezes, podem não ser empregados de forma esperada no âmbito desse domínio linguístico.

Nesse sentido, é imprescindível um estudo de regência relacionado à norma padrão que explicita, a partir de ocorrências na escrita do aluno, a maneira correta de se utilizar essa competência gramatical, não no sentido de apontar o certo ou errado, mas demonstrar as formas pertinentes de utilizar a língua sob a perspectiva de domínio das variações linguísticas, ou seja, perceber que a língua acontece em diferentes situações de uso.

Por essa razão, a temática, ora exposta, é relevante para uma compreensão da linguagem a partir dos usos efetivos dos discentes, sejam eles normatizados pelos cânones da norma padrão, sejam eles externados nos textos produzidos no processo de comunicação da escrita. Indubitavelmente, o entendimento desses enfoques contribui, de forma imensurável, para a internalização, por parte dos estudantes, acerca da temática em análise, visto que a língua é um fenômeno que possui o atributo da dinamicidade e variação, portanto, apresenta-se em diferentes formas e é influenciada por diversos fatores, tais como: regionais, culturais, profissionais e contextuais.

Decorrente dessa constatação, cabe à escola mostrar aos alunos, usuários da língua, como a linguagem escrita acontece para que possam sistematizar a construção de seus discursos linguísticos, quando precisarem usá-la. Nesse sentido, não há como não abordar durante o ensino de regência verbal aspectos relacionados à língua culta e coloquial, já que ambas possuem estilos extremamente peculiares, assim, saber diferenciá-las é uma prática válida para o momento da adequação linguística.

Dessa forma, outra razão para a escolha desta temática, deu-se em virtude de se estabelecer parâmetros ou bases que favoreçam o conhecimento da prática do conteúdo gramatical em análise, a partir de referências vivenciadas pelo próprio aluno na realidade social escolar e na perspectiva de contribuir com o ensino de regência verbal na escola em que os alunos estão em processo de construção de saberes linguísticos.

Esta temática gramático-textual, portanto, representa um desafio a todos os profissionais que trabalham com o ensino da Língua Portuguesa. Em resumo, esta pesquisa pode representar um auxílio para o aprimoramento da aprendizagem do aluno no assunto em análise, o que permitirá maior confiança a esse indivíduo, enquanto falante e produtor de textos em língua materna.

Enfim, descreve-se como se estrutura a pesquisa em questão, logo em seguida ao capítulo que introduz esta pesquisa, apresenta-se o capítulo dois no qual é inicializado o referencial teórico, nessa parte, é feita uma abordagem sobre os diferentes tipos de gramática, visto que o conhecimento sobre elas se faz necessário para a construção efetiva deste trabalho.

Posteriormente, apresenta-se o capítulo três este, por sua vez, destaca o conceito de verbo no âmbito da gramática tradicional, Gramática de Valência e Gramática Gerativa. Nessa última, além explicações teóricas sobre ela, enfatiza-se a estrutura argumental do verbo a qual é a teoria que subsidia esse estudo.

Dando continuidade, no capítulo quatro, salienta-se as definições de regência verbal, segundo as perspectivas das três gramáticas aludidas no capítulo anterior. Em seguida, há o capítulo cinco sobre o qual realça-se as concepções de complementos, também na ótica das gramáticas supracitadas.

No capítulo seis, explicita-se a metodologia que está dividida em partes bem definidas, as quais são: Caracterização da pesquisa, Sujeitos e campos de pesquisa, corpus, categorias de análise e instrumento de coleta de dados. No capítulo sete, encontra-se a análise dos dados distribuída por categorias de análises, conforme a transitividade verbal empregada nos textos dos discentes. Cada uma dessas etapas estão explanadas para que o trabalho em estudo ocorra de forma clara e precisa em sua investigação na busca de resultados sobre o fenômeno investigado. Em seguida, produz-se no capítulo oito, a proposta de intervenção com atividades didáticas formuladas com base nas categorias de análises e nas lacunas encontradas referentes ao uso da regência verbal. Por fim, apresenta-se as considerações finais.

Para tanto, utiliza-se de autores como: Dorneles (2006), Borba (1996), Perini (2010, 2016), Castilho (2014), Antunes (2007), Bechara (2009), Campos (2014), Sacconi (2008) Travaglia (2009), Kenedy (2013), Luft (2008), Mito (2016), Kato (2015), Giacomozzi (2004), Cunha (2007), Azeredo (2010). Além de outros que subsidiaram a construção e desenvolvimento da pesquisa como um todo.

No que se refere à metodologia utilizada, esta pesquisa se caracteriza como quali-quantitativa, exploratória, descritiva, básica e de campo, o corpus é constituído por 25 textos os quais serão utilizados como base para serem distribuídos em quatro categorias de análise, a saber:(Categoria I: verbo intransitivo, Categoria II: Verbo transitivo direto, categoria III: Verbo transitivo indireto e Categoria IV: Verbo transitivo direto e indireto VTDI). Essas categorias estão assim divididas pelo fato de o verbo possuir a especificidade da transitividade a qual influi no uso da regência verbal e no sentido das construções frasais e, certamente, no fenômeno linguístico em estudo.

Para isso, tenciona-se, em um primeiro momento, examinar nos textos produzidos pelos alunos o nível de conhecimento deles sobre o emprego do objeto de estudo, para subsequentemente, caso se encontre mau uso gramatical do assunto em questão, elaborar-se uma proposta de intervenção que contribua para uma melhor aprendizagem da regência em textos.

Como este estudo se realiza com a participação de seres humanos foi submetido ao Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Estadual do Piauí, sendo aprovado pelo referido órgão, por meio do certificado de apresentação para apreciação CAAE nº 67455617700005209, conforme informações que se encontram na plataforma Brasil.

2 ABORDAGEM SOBRE OS TIPOS DE GRAMÁTICA

Os assuntos apresentados, ao longo deste capítulo, serão relevantes para auxiliar os estudos empreendidos neste trabalho, uma vez que as informações teorizadas, além de contribuir para as investigações sobre o assunto estudado, representam alguns argumentos do campo científico sobre como o objeto explorado é abordado nas visões de alguns teóricos e tais concepções serão fundamentais para o processo de análise dos dados colhidos dos textos espontâneos dos alunos.

Assim, neste capítulo serão expostos conteúdos relativos aos diferentes tipos de gramática e seus postulados sobre a essência de cada uma delas, bem como os pontos que interessam diretamente à pesquisa do objeto, aqui, investigado.

Falar de gramática internalizada é um convite para explorar o processo de comunicação praticado apenas pelo ser humano. Na verdade, é preciso destacar que essa gramática se constitui em um estudo, ou método de observação da língua em seu funcionamento durante exercício de comunicação entre falantes. Ou seja, cabe a esta explicar esse fenômeno língua, bem como seus elementos estruturais que interagem através de processos sintático-semânticos para, posteriormente, exemplificar a parte de funcionalidade da língua que se inicia ainda no “estado de ideias” até atingir seu nível de funcionalidade prática, quando o estímulo promove a materialização do pensamento em informação e mensagens expressadas através de um complexo sistema linguístico cuja finalidade é tornar essa comunicação ou mensagens compreensíveis para os falantes e entendedores de um mesmo sistema linguístico.

Além disso, no mundo, há muitas línguas, e muito mais dialetos, uma espécie de língua prática, mas que não possui uma base de estudo de sua estrutura macro, e esse tipo de língua existe no interior de um sistema linguístico maior e explorado pela ciência linguística. Por esse motivo, o dialeto não alimenta o propósito da pesquisa, já que o interesse é investigar as diferentes posições de estudiosos para explicar o processo linguístico relacionado a materialização dos usos da língua. Essa técnica natural passou ser bastante investigada por gramáticos, e cada estudioso apresentará suas contribuições para explicar o fenômeno estudado.

Vale mencionar que de acordo com as abordagens gramaticais, o estudo, em questão, será fundamentado em três linhas de investigações propostas para capturar, ou mapear os fenômenos linguísticos, cuja importância é atribuir sentido as palavras de acordo com a posição destas na organização frasal.

Poderá ser percebido que houve o cuidado, em destacar a materialização de ideias como uma técnica natural de domínio do ser humano. Quando se frisou esse mecanismo, buscou-se fazer uma referência à gramática internalizada, já que é da estrutura processada por ela que as demais iniciam suas observações. Sob outro ponto de vista, ocorre um fenômeno de metalinguagem, porque a gramática internalizada representa um conhecimento o qual soma-se ao da Gramática de Valência da Tradição gramatical, e Gramática Gerativa.

Fica claro, portanto, que se pretende conhecer mais detalhes sobre as gramáticas mencionadas, ou seja, compreender os conteúdos delas que agregam informações ao objeto em estudo e associar evidências da língua no exercício de aprofundamento da teoria em prol do conhecimento prático. E nesse exercício, o falante de língua materna, desde muito cedo, já demonstra um domínio da gramática internalizada, o que permite destacar que a escola demanda considerar essa primeira experiência gramatical da criança. Pois, assim, certamente, fará com que o processo de ensino aprendizagem aproveite os conhecimentos prévios trazidos por ela e coloque em contato com modelo de gramática apontado pelo sistema escolar, isso permitirá que esses estudantes de língua busque trabalhar associações e contradições entre essas gramáticas, mas compreendendo os fatores que proporcionam tudo isso.

Com efeito, o mais importante para o professor de Língua portuguesa é abolir do ensino de gramática a concepção de “erro” e empregar a concepção “diferente”, posto que como a língua trata de um fenômeno vivo, em constante evolução para se adequar à condição comunicativa do falante, o ensino na escola não pode se prender às bases estagnadas.

É importante, também, que se deixe evidente, nas aulas de Língua Portuguesa, o porquê de se estudar e praticar a Tradição Gramatical, as suas finalidades, a relevância social dela e seus usos em situações específicas. Isto pelo fato do processo de ensino de normas gramaticais acontecer, muitas vezes, sem orientações ao aluno sobre a dimensão do campo de atuação Língua Portuguesa, logo é indispensável ressignificar o ensino para obter êxito na aprendizagem do aluno.

Essas noções são necessárias para promoverem nele uma visão mais completa sobre a língua em estudo.

No contexto escolar, ao se utilizar a palavra gramática, sobretudo nas aulas de Língua Materna ela é, normalmente associada ao fenômeno da própria língua, contudo cabe ao professor explorar em suas aulas os verdadeiros sentidos dela, já que o aluno em processo de construção de sua própria aprendizagem precisa demonstrar destreza para identificar visões falseadas sobre o conceito ou terminologias distantes do contexto ou da realidade dos falantes em aprendizagem de gramática (ANTUNES, 2007).

Com base no que foi dito, vê-se a necessidade, neste trabalho de pesquisa e discutir detalhes sobre as diferentes abordagens gramaticais, destacando algumas características fundamentais delas para o processo de investigação e aprofundamento do fenômeno linguístico.

Neste sentido, o trabalho em sala de aula com o ensino da Língua Portuguesa é consubstanciado pelo conhecimento que se tem sobre pontos teóricos da língua, pois o que norteia o aspecto prático, bem como as formas de se ensinar assuntos gramaticais, são as bases teóricas, sem elas, fica difícil concretizar o ensino em sala de aula, E sobre tal posicionamento corrobora o teórico abaixo:

Ao desenvolver o ensino de Língua Materna e trabalhar especificamente com o ensino de gramática, é conveniente ter sempre em mente que há **vários tipos de gramática** e que o trabalho com cada um desses tipos pode resultar em trabalhos (atividades) completamente distintos em sala de aula para o atendimento de objetivos bem diversos (TRAVAGLIA, 2009, p.30, grifo nosso).

Verifica-se que, além do conhecimento teórico sobre a realidade da língua, determina-se que as práticas de aula a serem desenvolvidas pelo professor precisam ser bem planejadas, uma vez que a depender dos fins a serem atingidos, o docente adotará posturas didáticas distintas. Já que os estudos da língua vão além das noções teóricas de funcionamento e estrutura, pois apresenta uma organização sociocomunicativa a ser considerada em sala de aula, sem isso não haverá um ensino produtivo do processo de aprendizagem a que se propõe.

Sendo assim, como a pesquisa em questão propõe investigar um determinado fenômeno gramatical nos textos de alunos do ensino fundamental, é importante destacar três concepções de gramáticas explicitadas a seguir.

Na primeira delas, a gramática está associada a noção de estabelecimento de regras consagradas pelos grandes escritores da língua e que, portanto, devem ser observadas durante seus usos, sejam eles orais ou escritos. Logo, considera a norma culta o modelo padrão e tudo que não estiver conforme essa variedade é visto como agramatical (TRAVAGLIA, 2009).

No segundo modelo, a gramática é concebida sobre o ponto de vista descritivo, atentando para aspectos estruturais e funcionais da língua, ou seja, associam os fatos linguísticos que ocorrem nela e o descreve de maneira estrutural, portanto, nessa concepção a gramática se relaciona a tudo que diz respeito à estrutura de funcionamento da língua de forma a distinguir o que é gramatical daquilo que não é gramática (TRAVAGLIA, 2009).

Na terceira concepção, a gramática é entendida como as possibilidades de se comunicar por meio da língua conforme a interação social requer. Nesse enfoque, o conhecimento gramatical não está associado ao contexto do aprendizado escolar e nem a aprendizagem da língua feita de maneira didatizada, porém se refere ao aprendizado linguístico efetuado de maneira progressiva, resultado da ação do exercício de atividades linguísticas que o falante usa e aprende em condições sociais e sua dotação genética.

Conforme expostos os conceitos, são distintas as concepções de gramáticas existentes que permeiam o contexto escolar e a prática pedagógica do professor, advirta-se, porém, todas são relevantes para o ensino de Língua Materna e devem ser consideradas em quaisquer instrumentos de pesquisa sobre fenômenos gramaticais.

Sendo assim, é necessário que o professor avance ainda mais no entendimento da contribuição das gramáticas para o processo de assimilação da língua em diferentes realidades do falante, a fim de que estabeleça sua estratégia de ensino, pois de acordo com a concepção de gramática trabalhada, pode-se atingir determinados objetivos relacionados ao ensino. Por isso, é conveniente entender que ensinar gramática, antes de tudo, é planejar o que se deseja atingir, pois a partir da concepção utilizada, será possível direcionar o ensino pretendido em sala de aula.

Nesse sentido, corrobora Antunes (2007) a condução do ensino de gramática sob o aspecto da intencionalidade e do planejamento possibilita criar um grau de independência ao aluno no que tange a sua atitude de pensar e repensar a própria língua e atribuir sentido a sua aprendizagem, ressignificando o conhecimento e

ganhando aperfeiçoamento na sua competência linguística e isso o possibilita a seguir na persecução por aprender cada vez mais.

Ainda enfatizando esses tipos de gramáticas, a situação é oportuna para destacar e comentar seus diferentes tipos, no intuito de esclarecer como elas analisam a língua, como são sistematizados seus estudos, conceitos, bem como o campo de atuação específico de cada uma delas. Para posteriormente, associá-las ao fenômeno linguístico, aqui, proposto. Nesse sentido, lista-se, os paradigmas de gramáticas mais trabalhados em sala de aula, conforme o fragmento abaixo:

1. **Gramática Normativa:** Gramática que adota como princípios do bem falar e escrever, prescreve o que deve ser utilizado ou não no idioma é uma espécie de lei que regula os usos da língua numa sociedade.
2. **Gramática descritiva:** É que descreve e registra para uma determinada variedade da língua as unidades e categorias linguísticas existentes, os tipos de construções possíveis e a função desses elementos, o modo e a condição de uso dos mesmos.
3. **Gramática internalizada:** Conjunto de regras dominado pelos falantes e que lhes permite o uso normal da língua, essa gramática é que é objeto de estudo da gramática descritiva.
4. **Gramática implícita:** Que é a competência linguística internalizada do falante (incluindo os elementos – unidades, regras e princípios- de todos os níveis de constituição e funcionamento da língua)
5. **Gramática explícita ou teórica:** representada por todos os estudos linguísticos que buscam, por meio de uma atividade metalinguística sobre a língua, explicitar sua estrutura, constituição e funcionamento. Assim todas as gramáticas normativas e descritivas são explícitas ou teóricas.
6. **Gramática reflexiva:** É a gramática em explicação, representa as atividades de observação e reflexão sobre a língua esse conceito refere-se mais ao processo que aos resultados
7. **Gramática contrastiva ou transferencial:** é a que descreve duas línguas ao mesmo tempo, mostrando como os padrões de uma podem ser esperados na outra.
8. **Gramática geral:** É a que compara o maior número possível de línguas, com o fim de conhecer todos os fatos linguísticos realizáveis e as condições que se realizarão.
9. **Gramática Universal:** É uma gramática de base comparativa que busca observar as características linguísticas que são comuns a todas as línguas.
10. **Gramática Histórica:** É a que estuda a origem e a evolução de um de uma língua, acompanhando-lhes as fases desde o seu aparecimento até o momento atual.
11. **Gramática comparada:** é a que estuda uma sequência de fases evolutivas de várias línguas, normalmente buscando encontrar pontos comuns (TRAVAGLIA, 2009, p. 30).

A classificação destacada por Travaglia (2009), juntamente com conceitos apresentados, ajuda a compreender a função de cada uma e seu campo de atuação específico, com base nessas informações o direcionamento do ensino de conteúdos da língua portuguesa pode transcorrer conforme objetivos delineados pelo professor.

É preciso perceber a importância do conhecimento sobre essa variedade gramatical por parte de quem ensina a Língua portuguesa no contexto escolar, porque permite uma visão mais ampla daquilo que se propõe repassar aos alunos e, ao mesmo tempo, pode contribuir para que a qualidade do ensino de Língua portuguesa seja melhor, pois a noção teórica é fundamental para um melhor aprimoramento prático.

É necessário, portanto, ter a noção dessas variedades gramaticais, assim, o ensino de um dado fenômeno linguístico tende a ser mais promissor, em razão de planejar com base no conhecimento internalizado e com os objetivos que se pretende atingir. Dessa forma, a noção de conteúdo e compreensão dele é feita de maneira sistematizada. Em suma, é necessário entender que a gramática serve para explicar um conjunto de organização responsável pela constituição da própria do sistema linguístico, nesse sentido Campos defende que:

[...] A língua existe para produzir significados e propiciar a interação, organizando-se por meio de sua gramática, então esta também é determinada para o mesmo fim. O ensino dos conteúdos gramaticais faz parte do processo de ensino aprendizagem do uso da língua e deve refletir, portanto, essas mesmas compreensões básicas sobre a língua e a linguagem. Assim, ele não pode ignorar o uso e os falantes, não pode contrariar a tendência à renovação da língua em a existência das variedades linguísticas, não tem o direito de desconsiderar o contexto em que se produzem os sentidos e se empregam as formas gramaticais (CAMPOS, 2014, p.31).

Para o autor, língua é um fenômeno que se processa para produzir significados e promover interação ou comunicação, e a gramática, por sua vez, se presta a essa mesma tarefa de explicar o processo linguístico, seja na sua estrutura organizacional, seja na sua estrutura funcional. Por isso, vê-se a necessidade de analisar essas contribuições gramaticais sobre os processos de entendimento da língua, buscando caracterizar esse conjunto de normas em que Travaglia chamou de tipologia ou tipos de gramáticas.

Decorrente desse conhecimento sobre tipologia gramatical, o professor necessita mediar novos desafios para o aprendizado da Língua materna durante o ensino, Assim, cabe a ele gerenciar a aprendizagem dos alunos, contribuindo para que a competência comunicativa do estudante seja desenvolvida ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Partindo desse direcionamento, torna-se

essencial a participação ativa do docente na transmissão de conhecimento ao aluno, haja vista que o professor é um agente responsável pela disseminação do conhecimento, especialmente o assunto sobre o qual leciona.

No Ensino Fundamental, algumas habilidades carecem ser desenvolvidas ou aprimoradas ao longo do período do estudante nesse nível de ensino, entre elas, destaca-se a competência de ler e escrever. Requisitos como estes representam muito para a aprendizagem e crescimento cognitivo do aprendiz. Além disso, na vida em sociedade as pessoas são, diariamente, envolvidas em contextos em que habilidades de leitura e escrita as favorecem para se sobressair de determinadas situações, portanto, este trabalho visa contribuir, sobretudo, na habilidade de utilizar a regência verbal em diferentes contextos em que o conhecimento dela seja necessário.

Por essa razão, na investigação do fenômeno estudado, outros fatores sobre a língua estão ligados ao objeto em pesquisa, como por exemplo, a premência por melhorar o desempenho do aluno na sua comunicação escrita e, também em assuntos ligados a oralidade que são significativos no transcurso do aprendizado do aluno de Ensino fundamental.

Discorre-se também, que o entendimento da língua em seu aspecto escrito é um fator proeminente, pois a aquisição do saber gramatical se consubstancia, também, por meio da efetivação do ato de escrever, já que através dele se emprega aspectos da gramática, e isso também é uma incumbência da escola ensinar. Nesse sentido, a língua não é somente um fenômeno de representação do conhecimento humano, mas algo ligado a necessidade de se estabelecer comunicação. Portanto, a internalização do conjunto desses fatores contribuem para um melhor desempenho linguístico dos alunos.

Convém ressaltar que, o trabalho com o aprimoramento do texto escrito no Ensino Fundamental demanda conceber a língua de forma distintiva daquela utilizada pelo aluno no dia a dia, posto que certos usos gramaticais no texto escrito é feito de forma diferente daquela usada na oralidade ou em outras situações sociais. Assim, essa percepção permite que se compreenda a noção, por parte do aluno, de que Língua oral e língua escrita são usadas em circunstâncias distintas e com peculiaridades específicas, isto é, deve-se esclarecer bem aos alunos que não se fala como se escreve em determinadas situações.

Por essa razão, a concepção de língua e linguagem adotada pelo professor em sala de aula, é o que o faz convergir com sua prática para determinados caminhos que o levam a atingir fins estabelecidos com base nos conhecimentos teóricos, não se pode, portanto, executar um determinado trabalho com êxito sem a devida noção de língua e linguagem.

Outro aspecto substancial, é a concepção de gramática adotada pelo professor, como já se ressaltou, pois no trabalho cotidiano, o docente se volta para questões de conteúdo, ou seja, cabe a esse profissional mediar saberes baseados naquilo que assimilou ao logo de sua formação como estudioso da Língua para ensiná-la e aproximá-la do aluno.

Assim sendo, dirigir o seu trabalho em prol da aprendizagem significativa para que se compreenda que a língua existe para promover sentidos, isso por meio de constantes trocas de informações, ou seja, pelo processo de interação social que acontece em diferentes situações e contextos. Assim, no processo de transmissão de conteúdos gramaticais, que é um dos encargos da instituição escolar, não se pode esquecer a maneira como a língua e a linguagem acontecem, a forma como os sentidos são produzidos nos distintos contextos da vida social em que a língua se realiza e nem confundir língua com a linguagem, por isso, para diferenciar as concepções sobre essa questão, posiciona-se o teórico abaixo:

[...] Falando de maneira bastante simplificada a palavra **língua** é usada para designar o sistema que, constituído por palavras, expressões e por regras que combinam essas unidades em frases e textos, é utilizado por um povo como seu principal meio de comunicação. Várias são as línguas: o Português, o espanhol o Inglês, o javanês, o russo, o francês etc. A palavra **Linguagem**, por sua vez é utilizada para indicar a faculdade humana de utilizar signos para expressar ideias, sentimentos, percepções [...] (CAMPOS, 2014, p.22, grifo do autor).

Verifica-se que a língua e a linguagem possuem suas características específicas dentro do contexto social, pois ambos os termos são empregados no sentido comunicativo. A língua está mais relacionada a elementos que participam o processo discursivo para estabelecer o entendimento entre os falantes, nesse sentido a linguagem caracteriza-se por representar as formas que se desenvolvem para a compreensão da própria língua. Portanto, saber diferenciá-las contribui para conceber melhor as propostas de ensino que se almeja efetivar e, por fim, entender os objetivos dos distintos tipos gramaticais.

É importante entender que as tipologias gramaticais, anteriormente aludidas, são pertinentes para o aprendizado da língua e para se compreender melhor o fenômeno linguístico estudado por este trabalho. Além disso, as concepções de língua e linguagem ressaltadas, também são conhecimentos integrantes e norteadores deste estudo.

Reforça-se, ainda, que, o conhecimento do conteúdo de gramática por parte de quem ensina favorece-o na condução do aprendizado do aluno, pois o que está em questão, é o processo de formação discente e a assimilação de assuntos necessários a quem passa pela escola, sobretudo, a escola de ensino fundamental que necessita, para cumprir o seu papel, promover atividades de gramática, leitura e escrita. Esses conhecimentos servem de bases para o estudante de língua que busca a qualificação no aprendizado gramatical.

Como essa noção de língua, fica claro que a produção escrita dos alunos é uma necessidade para a própria formação dele, pois o ser humano expressa aquilo que tem em mente por meio da transcrição no papel. Assim, o indivíduo é desafiado a escrever e empregar os recursos da Tradição Gramatical em seus textos e um deles é o aspecto regencial, ou seja, os mecanismos de conexões que se estabelecem entre termos regentes e regidos no processo verbal de atribuição de sentidos.

Assim, no ato da escrita, os conhecimentos necessários para a formação do sentido das frases vão aparecendo no processo de construção do texto, bem como no uso de verbos, expressões e determinados conteúdos gramaticais. Por isso, dominar a utilização de verbos, preposições e complementos contribui para a clareza dos enunciados, logo o professor que ensina conteúdos de tradição gramatical tem como intenção melhorá-los, cada vez mais, na aprendizagem de seus alunos, bem como seu desempenho na comunicação escrita.

Cabe reforçar que a referência aos tipos de gramáticas feitas, ao longo deste trabalho, é necessário para um melhor entendimento do estudo, ora delineado. Essas modalidades gramaticais servem de base para uma continuação do comentário acerca da gramática internalizada sob a perspectiva das teorias que serão discutidas na sequência deste trabalho.

A gramática tradicional, por seu turno, é muito explorada no contexto escolar, muitas vezes, as aulas de Língua Portuguesa se resumem a seus conteúdos, porém, sabe-se que a língua se constitui em um fenômeno vivo e possui o propósito de promover a interação comunicativa entre os homens. Em outras palavras, é um

fenômeno coletivo essencial na vida humana e se manifesta através de costumes e socialmente, por isso, não se pode limitar as aulas de Língua Materna a meros exercícios e atividades gramaticais.

É considerando tal fato, que este trabalho de pesquisa se propõe a investigar o tema em questão, reconhecendo que o ensino de Língua Portuguesa ultrapassa a perspectiva gramatical do âmbito normativo, influenciando na produção escrita e, além disso, nos usos da língua em outros contextos.

Nesse sentido, o ensino de Tradição Gramatical requer atenção para que os alunos constatem que ela é uma forma de representação da Língua Portuguesa e que no âmbito escrito elementos como a regência verbal e outras manifestações gramaticais são fundamentais para a compreensão do texto.

Nessa abordagem, este trabalho demanda por investigar um processo gramatical no texto, porém, como foi dito, entendemos a dimensão da língua em aspectos extragramaticais, em vista disso, o objeto deste estudo será averiguado sob sua noção gramatical e funcional dentro do texto, todavia, ratifica-se a convicção de que a prática da escrita envolve o conhecimento sobre gramática da língua, isto é, é um conhecimento indispensável para formação do estudante.

Portanto, no decorrer deste trabalho almeja-se o aperfeiçoamento e a aprendizagem do aluno para que a sua habilidade, no fenômeno estudado, seja desenvolvida e cada vez mais aprimorada, visto que tanto na escola quanto na sociedade a prática da escrita está presente, em vista disso, o domínio da modalidade culta da língua tanto na modalidade escrita quanto no nível oral é válido para o crescimento linguístico e comunicativo do falante.

Por essa ótica, o estudo da Tradição Gramatical na escola, tem sua contribuição para a formação do indivíduo com o entendimento de que não visa limitar o aspecto compreensivo dela, mas possibilitar abordagens mais completas sobre o funcionamento desse fenômeno língua.

E após essa explanação sobre tipos de gramáticas, a relação língua e linguagem, além de outros aspectos relativos ao ensino de Língua Materna, Avalia-se o momento oportuno para conhecer os avanços dos estudos linguísticos a partir da posição destacada pela Gramática de Valência.

A origem do termo valência no que se refere ao sentido desejado por esta pesquisa teve sua inspiração nos estudos de química, em outras palavras se entende como sentido de valência, lugares vazios, ou, simplesmente, termo característico dos

estudos sobre átomos, em que se ver a precisão em avaliar a importância de um certo número de átomos para constituir uma determinada célula (WELKER, 2005).

Esse modelo de teoria gramatical é relevante para o processo de compreensão do estudo em questão, devido ao método de analisar a língua, pois a partir de, apenas, um modelo gramatical, como por exemplo, a gramática normativa, não se pode fazer o estudo de um dado fenômeno linguístico é preciso, pois, recorrer a outras análises de gramáticas para se obter um processo de compreensão da língua por ângulos diferentes.

Por essa razão, a compreensão desse modelo gramatical, sobretudo por aqueles que se propõem a ensinar é importante, ou seja, não se pode abster desse conhecimento linguístico. Desse modo, a noção da construção frasal no olhar da Teoria de Valência, por exemplo, permite ampliar o leque de análise do sentido e da própria construção do enunciado linguístico, com a noção disso, a forma de compreender a língua e transmitir esse conhecimento se torna mais profícuo e direciona para uma aprendizagem mais próxima da realidade linguística do aluno.

Nesse sentido, a Teoria ganha relevo, pelo fato de que ao se averiguar um dado fenômeno linguístico os pressupostos dela servem como instrumentos fundamentadores para a identificação de ocorrências que, eventualmente, podem se realizar no processo de construção da escrita. Assim sendo, essa Teoria de Valência, representa uma outra forma de entender como a língua ocorre em um contexto de produção ou realização.

Na gramática de Valência, o verbo é concebido como algo central, o núcleo do processo verbal responsável pela atribuição do sentido da frase, para isso, em seu entorno ele é rodeado por casas vazias que se unem para a concretização desse sentido. O verbo assume, portanto, a característica de “centro dominante e dinâmico” na estrutura frasal contribuindo, desse modo, para a efetivação de construções sintático-semânticas de enunciados ou frases linguísticas.

No que tange, ainda, a Gramática de Valência, nota-se que há uma ênfase sobre a noção de verbo, isso porque essa gramática explica que ele, sobre a perspectiva sintática, atua como regente na relação com as casas ou argumentos que gravitam ao seu redor. O sentido da frase, particularmente, está ligado a maneira como o verbo conduz a estrutura frasal.

É importante dizer que, os estudos já existentes sobre essa Gramática ainda buscam ampliar mais informações sobre o processo de definição do verbo.

Entretanto, alguns teóricos já apresentam contribuições que auxiliam na compreensão da relação verbo e os elementos constituintes frásicos. Em resumo, o teórico define verbo no âmbito da valência como:

O ponto de partida da valência verbal é a consideração do verbo como unidade lexical portadora de características morfológicas tais que permitem isolá-lo numa sequência. Assim, identificado o verbo como suporte de categorias de tempo, modo número e pessoa, passa-se ao levantamento de suas propriedades sintático-semânticas [...] A valência verbal tem por objetivo observar e determinar o comportamento do verbo no âmbito da frase (BORBA, 1996, p. 47).

Por essa definição na perspectiva da gramática de valência, verbo é concebido como sendo um fenômeno gramatical pertencente a um conjunto formado por outras casas ou elementos constituintes que na relação com esse verbo regente, estabelece o sentido dela. Portanto, Conforme o verbo a Valência tende a explicar o sentido dele, estabelecendo-o como núcleo da criação frasal.

Por esse prisma, para se entender a definição que a Gramática de Valência atribui ao verbo, ou seja, como elemento iniciador da valência verbal e agregador de aspectos flexionais e sintático-semânticos. É preciso, pois, verificar que o verbo assume, de fato, o papel de protagonista no progresso da construção do sentido dentro de uma determinada frase ou enunciados linguísticos.

Todavia, há teóricos como por exemplo Castilho (2014) defende que independentemente da adesão das três teorias aqui explicitadas, o centro de comando da transitividade verbal não é o verbo, porém a sentença, porque os usos empregados conforme a escolha do falante é que determinarão se um verbo é transitivo ou intransitivo.

Outro fator característico dos verbos são as peculiaridades morfológicas que o fazem um item de destaque em uma dada sentença. Esse aparato de características morfológicas permite que aplique-as sobre três categorias que, segundo Borba, são as seguintes: Valência Quantitativa, Valência Sintática e Valência Semântica.

Sendo assim, após destacar o conceito geral de Valência, verifica-se a necessidade de entender mais sobre essa conceitualização, considerando algumas particularidades ou características dessa gramática, e uma delas se refere ao seu direcionamento quantitativo, pois a depender do verbo exigirá um certo número de argumentos para completar o seu sentido “Do ponto de vista quantitativo os verbos

em Português comportam de zero a quatro argumentos”, conforme estudos de (BORBA, 1996, p.46). Para o autor, a quantidade de argumentos que podem completar o sentido de um verbo varia, ou seja, depende do tipo de verbo, visto que a transitividade atua sobre número de argumentos verbais. A mesma ideia é destacada no trecho abaixo:

O fenômeno da valência comporta evidentemente muitos problemas e um deles é precisamente – mantemo – nos sempre o nível da língua – a variação da valência. Designamos por variação de valência o facto de o significado dos verbos poder apresentar diferentes estruturas relacionais: a que corresponde naturalmente o número de lugares vazios. (BUSSE E VILLELA, 1986, p.61)

Por isso, é importante, ainda, observar que a essa característica marcada pela quantidade de argumentos que o verbo necessita na relação com as casas ao seu redor para estabelecer sentido.

Além disso, os teóricos se estendem a outro aspecto da gramática de Valência que se refere à valência sintática que segundo Borba (1986). Para autor uma função mais importante dela é apontar as classes a que pertencem os argumentos dos verbos, como por exemplo, os actantes, ou seja, sintagmas nominais, sintagmas adverbiais e oracionais.

E no diz respeito a mais uma dessas particularidades, verifica-se que a Valência Semântica, de acordo com esse modelo, a língua e a fala no ato comunicativo apresentam característica que perpassam pelo plano dos sentidos, isto é, cada verbo possui seu significado e sua função de preenchimento de lugares vazios necessário para o estabelecimento da comunicação linguística. Todavia, há restrições de seleção as quais intervêm na semântica construtiva da frase. Nesse sentido, é relevante destacar o que preconiza Borba (1986):

A valência semântica diz respeito, em primeiro lugar, às propriedades semântica dos verbos, ou seja, sua subcategorização em traços, o que está diretamente implicado nas restrições seccionais (BORBA, 1986, p.49).

Assim, na teoria de valências a natureza das relações semânticas está ligada ao verbo e ao número de argumentos que ele exige, direcionando-o pois, o caráter completivo do sentido frasal. É preciso, portanto, fazer a diferenciação semântica, já que sofrem restrições seccionais, dependendo dos traços de sentido inerentes ao verbo.

Nessa mesma linha de raciocínio, Busse e Vilella (1986) preconizam que o sentido do verbo é fundamental para se compreender o conceito de valência. Assim, a distinção de um verbo para outro se dar com base nos semas agregados a ele, ou seja, a própria significação que o elemento verbal carrega em sua natureza semântica traz consigo o fator de diferenciação de um verbo para outro.

Além desses aspectos relacionados aos tipos valenciiais, os estudos já existentes sobre a Gramática de Valências ainda buscam esclarecer mais informações sobre o processo de definição do verbo. Entretanto, alguns teóricos já apresentam contribuições que auxiliam nesse processo de compreensão da relação verbo com os elementos constituintes da frase, como por exemplo: Tesnière, Gross, Levy, Allerton, Levin, Goldberg, Vilela. Todos esses autores, ao longo do tempo deixaram contribuições para os estudos ligados a Teoria da valência verbal.

Neste trabalho, interessa estudar, como tais autores destacam o comportamento sintático-semântico da valência em relação amplitude e peculiaridades verbais. Isto é, tem-se como centro de análise, o verbo e as demais classes de palavras ao seu redor que funcionam como complementos dele.

Outro tipo de gramática que também se destaca nos estudos da linguagem é a Gramática Gerativa. Os aprendizados que surgiram na década de 1950 com os Trabalhos de Noam Chomsky foram fundamentais para o crescimento dessa ciência a qual é conhecida por distintas denominações: Linguística Gerativa, Gerativismo ou Gramática Gerativa. Esta emerge, sobretudo fazendo fortes críticas à Teoria Behaviorista definida por Skinner e Leonard Bloomfield, segundo eles a linguagem humana pode ser descrita como a representação de estímulos externos, ou seja, durante o contato possibilitado pela interação social a linguagem humana seria absorvida, portanto a linguagem seria um fenômeno externo ao indivíduo.

Em oposição a isso, Noam Chomsky dizia que uma determinada pessoa no contato com o seu meio ou na interação social utiliza a linguagem de maneira criativa durante seus usos. Esse teórico diz que o ser humano dispõe de uma competência inata para produzir e compreender frases. Vale ressaltar nesse contexto de discussão “Assim, afirmou que o ser humano é dotado geneticamente de uma capacidade para a aprendizagem das línguas. Essa faculdade mental é própria da espécie e já nasce

com o indivíduo, por isso é chamada de inata¹” portanto, para a ciência gerativa Kenedy (2013) a aquisição da linguagem está correlacionada às formas da manifestação ou processamento do conhecimento na mente. Corroborando nessa questão, considera-se importante destacar o trecho que segue:

A maioria das crianças domina as estruturas básicas de sua língua materna por volta de 4 anos, ao mesmo tempo em que dar provas de desempenhos expressivos em outros campos do desenvolvimento cognitivo e social, que parecem exercer um papel de destaque na emergência da própria linguagem (KAIL, 2013, p.12).

Então, diante disso, já se pode entender que a Gramática Gerativa se esforça para estabelecer explicações que denunciam ou mostram a organização de um tipo de linguagem que se manifesta como um fenômeno cognitivo comum a todos. Sobretudo, a competência que cada um possui de interagir durante um determinado diálogo compreendendo e produzindo discursos linguísticos em situações sociocomunicativa. Essa habilidade mental de entender enunciados comunicativos e respondê-los de forma precisa, Chomsky denominou de competência linguística.

O Gerativismo, portanto, passou a conceber as línguas de forma distinta àquela compreendida na visão dos Behavioristas, ou seja, elas deixam de ser entendidas como fruto de comportamentos associados a fatores externos e passam a serem vistas, conforme mencionado, como uma faculdade mental natural, não oriunda de forma exterior ao indivíduo, porém, ligada a ele e provinda da própria mente humana e produzia a partir dela.

Assim sendo, no decorrer das décadas de 1960 e 1970 o modelo de Gramática Gerativa foi sendo implementado com a denominação de “Gramática Transformacional”. Nessa fase de produção, ela passou por formulações e reformulações até ser concretizada. Esse modelo Chomskyano objetivava explicar como os elementos constituintes da sentença eram construídos e como se modificavam para se transformarem em outras sentenças.

Entra em análise, nesse momento a concepção de estrutura profunda e estrutura superficial das sentenças, considerava-se, pois, aquela como de postura

¹ MOREIRA, Sandra Regina Fonseca. O Gerativismo de Chomsky disponível em https://arquivos.cruzeirosulvirtual.com.br/materiais/disc_2010/mat_grad_ling/unidade3/texto_teorico.pdf. Acesso em 02.09.2017 às 22h.

ativa, ou seja, refere-se ao significado mental interior e abstrato; esta como de aspecto passivo, em outras palavras, designa a exterioridade física da construção da sentença. O entendimento delas são pertinentes para esta pesquisa. Porém, a partir da década de 1990 essa concepção foi sendo abandonada, isso porque se passa a ter uma visão, não de representação de estrutura, mas sim de como elas se derivavam.

Para este trabalho, a Regência Verbal na Gramática Gerativa ganha relevo, visto que no processo de aquisição de uma dada gramática o conhecimento dos parâmetros da Linguística Gerativa podem contribuir para um ensino mais proveitoso e uma aprendizagem mais expressiva no que tange ao emprego de um aspecto gramatical em textos escritos.

A ideia de se estudar esses modelos gramaticais visa compreender como cada um deles concebem as definições e características do verbo. Entretanto, antes de proceder com essa breve análise histórica sobre as definições verbais, vale argumentar uma diferenciação entre essas gramáticas que, ao longo do tempo, tem contribuído para o estudo mais abrangente sobre organização e estrutura que a Língua Portuguesa pode apresentar.

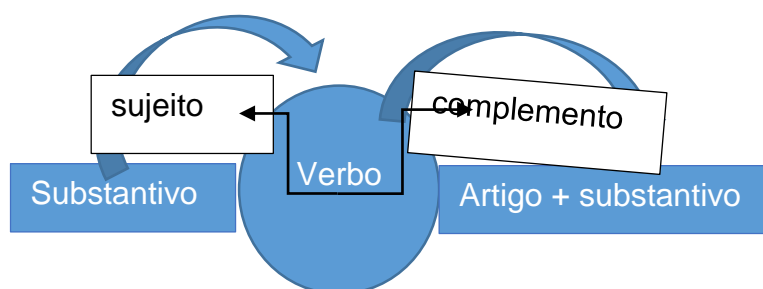
A Tradição Gramatical se preocupa com o estudo da norma padrão, utilizando-se das regras já estruturadas como normativas. Enquanto, a Gramática de Valência centra a sua preocupação em explicar os argumentos que gravitam em torno do núcleo, o predador, que é o verbo. Ou seja, a semântica da construção frasal se explica pela relação predador e argumentos. Por fim, tem-se a Gramática Gerativa que promoveu uma revolução no pensamento linguístico do século XX, sobretudo com os estudos de Chomsky, pois defende um estudo gramatical utilizando como referência a própria língua, enquanto processo cognitivo.

Assim, um estudo mais detalhado de como essas gramáticas definem suas explicações para caracterizar os “elementos constituintes” das frases amplia a visão da função verbal como núcleo de orações ou construções oracionais e permite melhor compreendê-lo e aplicar esses conhecimentos na pesquisa sobre regência verbal.

Os estudos gramaticais, ao longo da história, têm apresentado o verbo como uma particularidade que se estabelece como essencial para entender a estrutura frasal, isto porque o verbo em relação às demais classes gramaticais e complementos, surge como o núcleo frasal, pois se caracteriza como determinador de uma ação, o que torna seus complementos subordinados a essa sua característica para exercerem suas funções na estrutura frasal.

Nota-se que se tem insistido em mencionar, nesta parte do texto, uma relação do verbo com complementos. Partindo-se do princípio de que toda frase que expressa uma ação, estado, ou fenômeno natural necessita de um denominador exclusivo, que nesse caso é o verbo, então deduz-se que toda palavra, ou outra classe gramatical na estrutura frasal tem como fim completar o sentido proposto pelo verbo.

Figura 01: Estrutura frasal



Fonte: autor da pesquisa

Na ilustração é possível verificar a posição do verbo em relação aos seus complementos, já que em: **comprar** percebemos uma ação, porém de sentido amplo e vago, que se acrescenta o complemento **Ana comprou** já deixa de existir na frase um sentido de ação imprecisa já que além da ação, também é possível identificar próximo do núcleo quem a praticou, porém, a ideia de sentido ainda se encontra centrada no contexto dos interlocutores, o que exigem o emprego de outros complementos para atingir um grau de compreensão coletiva de sentido, como se evidencia em **Ana comprou um livro**. Já o termo, **um livro**, exigido pela noção de transitividade verbal participa da oração, essa noção de complemento, embora pareça um tanto elementar, para o trabalho proposto, é significativa, visto que o entendimento de complementação em cada abordagem, que será, aqui, discutida pode colaborar para estabelecer as relações com o objeto de pesquisa. No capítulo seguinte, explanase, de maneira mais precisa considerações de autores sobre o constituinte verbal, elemento gramatical de expressividade para a língua e para este trabalho.

3 DIFERENTES ABORDAGENS SOBRE O CONCEITO DE VERBO

Esses breves comentários se mostraram pertinentes, porque serviram de norte para um entendimento do verbo, considerando sua posição na frase, mas também, essa iniciativa tem como propósito instigar uma discussão sobre os conceitos verbais, conforme as abordagens gramaticais apresentadas pelos estudos desse seguimento de pesquisa. A ideia, portanto, é conhecer o verbo sob a perspectiva da Tradição gramatical, Gramática de Valência e Gramática Gerativa.

3.1 Verbo na Visão da Gramática Tradicional

Reportando-se às contribuições da tradição gramatical que concebe a definição de verbo como a palavra que exprime ação, estado ou fenômeno. Essa posição é defendida por Dorneles (2006) que ressalta a contribuição do verbo como uma ação capaz de caracterizar uma atitude, modo ou, mesmo, algum evento natural como é o caso, de chuva, tempestade.

Pestana (2013), outro contribuidor dos estudos gramaticais, apresenta que o verbo, na Tradição Gramatical, pode ser compreendido sob três aspectos que, nesse caso, referem-se à semântica, quando ele está caracterizando uma relação ou processo, estado, mudança de estado ou fenômeno natural, considerando uma margem ou um período de tempo. Ainda mencionando os estudos desse gramático, pode-se diagnosticar que o verbo sob a ótica morfológica pode variar em tempo, modo, número e pessoa. E do ponto de vista sintático, entende-se que ele é avaliado como um elemento essencial para identificar as orações na estrutura frasal em Língua Portuguesa. Percebe-se que os dois teóricos defendem um ponto de vista próximo ou semelhante, apesar de Pestana ter se estendido em seus estudos sobre o conceito dessa classe gramatical.

Diferentemente, dos dois conceitos já expostos, Bechara (2009) define verbo como uma categorial que exprime um significado e que a partir disso se organiza o enunciado linguístico. Bechara atribui relevância ao aspecto semântico e morfológico dando pouco destaque à sintaxe. No aspecto semântico, esse gramático enfatiza as características relacionais e nocionais do verbo e no âmbito da morfologia, ressalta que palavras de moldes diferentes podem possuir mesmo significado.

De maneira diferente de Bechara, Saconni (2008) defende uma abordagem mais técnica e resumida de verbo que o conceitua como aquela palavra sobre a qual se estabelece uma conjugação, resultando em flexões e variações, de tempo, modo, número e pessoa.

Analisando a posição desses dois autores, pode-se entender que o verbo não sofre a flexão de voz. Já neste conceito, destaca-se o seguinte:

Verbo é a palavra que indica ação movimento ou fenômeno meteorológico. Pode sofrer variações de acordo com suas flexões. O verbo possui as flexões de: modo (indicativo, subjuntivo e imperativo), tempo (presente, pretérito e futuro, número e pessoa (singular e plural) e voz (ativa, passiva e reflexiva²)

Constata-se nessa definição, que o termo voz é utilizado como uma flexão verbal, contudo vê-se nos conceitos supracitados pelos outros teóricos que voz não se configura como flexão. Pelo que se verifica, portanto, nessa análise de definições de verbo sobre a ótica da Tradição Gramatical, ele é destacado como pertencente à perspectiva morfológica, sendo apenas uma classe de palavras que junto a outras classes estabelece sentido. E no que tange à sintaxe, esse mesmo verbo marca o início do predicado, constituindo-se como o núcleo.

Os estudiosos da linguagem, ao longo da história têm buscado meios ou formas de compreender a importância do verbo na frase. Ou seja, sendo ele núcleo do processo frasal é válido remeter a outros estudos sobre a Gramática Tradicional, além de conceitos que auxiliam essa compreensão do papel verbal. Nesse processo de constituintes da frase, sobre essa preocupação em conceituá-lo, Azeredo (2014) contribui dizendo que o verbo sob o direcionamento morfológico pode ocorrer na frase de diferentes formas para exprimir as categorias de tempo, aspecto, número e pessoa, dando destaque a categoria de tempo.

Uma análise do dito por Azeredo possibilita identificar que para seu entendimento o verbo é definindo como um termo que pode se manifestar nas frases ou vocábulos sob diferentes pontos de vista ou mesmo categorias, abrangendo tempo, modo, número e pessoa. Porém, como ainda defende esse estudioso da linguagem é notório observar que nessa definição verbal de tempo se destaca como uma categoria

² Mundo Educação: Conceito de verbo disponível em mundoeducacao.bol.uol.br/gramatica/verbo-2.html. Acessado: 20/07/2016: 18h:30

que mais possibilita o processo de entendimento das formas em que ele se mostra presente nos enunciados.

Verifica-se que Azeredo não se distancia de Saconni (2008) quando atribui uma definição ao verbo, porém o que acontece é que o primeiro tende a se estender mais na análise que permitirá sua definição, porque enquanto o segundo se ateve a uma definição mais generalizada, o primeiro, demonstrou a preocupação de mencionar qual das categorias, dentre as quatro mencionadas por ambos, favorecem o reconhecimento do verbo no enunciado.

Como se observou, nessa breve explanação sobre o conceito de Verbo, segundo teóricos da gramática tradicional, como Bechara e Ferreira, percebe-se que esse termo é uma classe gramatical de destaque dentro da estrutura de uma sentença, isso porque traz consigo elementos morfossintáticos de significância para a construção de frases e enunciados linguísticos que contribuem para a construção da significação no processo de comunicação.

Por isso, os autores da gramática tradicional dão uma atenção a esse elemento morfológico de grande abrangência na Língua Portuguesa. Dessa forma, entender a visão desses autores sobre verbo em seus pontos de vistas conceituais e analítico auxiliarão na técnica de investigação de como os alunos do Ensino Fundamental fazem usos da regência verbal na produção de seus escritos. Com a apresentação desses conceitos advinda dos estudos de importantes gramáticos, entre eles Terra e Saconni e com ensinamentos que percorrem o âmbito da sala de aula, sente-se a necessidade de abordar no capítulo que segue a conceituação e relevância verbal na perspectiva da gramática de valência.

3.2 Verbo na Gramática de Valência

Dando continuidade à análise da conceituação verbal por diferentes autores e pertencentes a outra teoria gramatical cabe citar algumas definições verbais a luz da Teoria de Valência. A gramática de valências ressalta, portanto, o verbo como o elemento indispensável da frase e aborda a relação entre esse elemento e os demais constituintes frasais subordinados sob dois aspectos: um sintático e outro semântico.

Por essa perspectiva, o verbo, similarmente, à gramática normativa merece uma atenção especial, entretanto, antes de adentrar-se aos conceitos na ótica

dessa gramática, é importante apresentar a definição da palavra valência segundo Perini (2016) a valência verbal está associada ao emprego do verbo em determinadas construções que ele possui um comportamento gramatical delimitado por sua significação. Ou seja, dependendo do sentido verbal, construções frasais podem ser realizadas, seja com um mesmo verbo, seja com núcleos verbais diferentes. Assim sendo, essas distintas possibilidades de construções possíveis é o que Perini define como valência verbal.

Podemos dizer, portanto, que para se utilizar a Língua Portuguesa o conhecimento sobre Valência assume papel expressivo no sentido de empregá-la e compreendê-la nos seus usos no processo de interação social. Ainda se referindo ao conceito de Valência Busse a define da seguinte maneira:

[...] Chamamos de Valência ao número de lugares vazios previsto e implicados pelo (significado do) lexema. São precisamente os verbos que apresentam de modo mais evidente estruturas relacionais do tipo valencial (BUSSE e VILLELA, 1986, p.13).

Por essa descrição, o verbo atua como regente na construção de frases requerendo para si mesmo a atribuição de sentidos ou preenchimento dos lugares vazios pelos seus complementos, é importante dizer que na Teoria de Valência o sujeito assume a função de complemento do verbo, diferentemente do que prescreve a gramática normativa em que o sujeito não é representado como complemento, porém como um elemento sintático. Isso ocorre, porque no entendimento da perspectiva valencial, o verbo assume uma característica de elemento regente na estrutura frasal do qual dependem seus elementos, que nessa gramática recebe a denominação de actantes ou circunstantes.

Até o momento, foram apresentados conceitos de valência relacionados ao elemento verbo como componente central da frase e que em torno dele acontece o processo de construção de enunciados, frases e sentenças linguísticas, contudo algumas outras classes de palavras, conforme Busse e Vilela (1986) também possuem o atributo da valência como por exemplo: substantivo, adjetivo e com menos habitualidade advérbios, bem como algumas outras classes gramaticais não possuem essa propriedade valencial.

Então, para elucidar melhor o fato, aqui transcrito, recorre-se aos exemplos de Perini em nomes e advérbios que carregam consigo a característica da valência.

Essa noção de que nomes também possuem a característica da valência em muito contribui para perceber a importância do uso de preposições exigidas por eles, da mesma forma que os verbos regem certas preposições no emprego da regência verbal, eis alguns exemplos:

Amor pode ser acompanhado por um complemento introduzido pela preposição por:
 Eles têm um grande *amor* pela escola.
 Medo requer a preposição de:
 Todo mundo anda com *medo* das enchentes
 Favorável requer a preposição a:
 A decisão foi *favorável* ao marido.
 O advérbio favoravelmente também exige a
 O tribunal decidiu *favoravelmente* ao marido
 (PERINE, 2010, p.144)

Como se compreende, nomes e advérbios se comportam com características valenciais na construção de sentenças exigindo para a complementação do sentido frasal determinadas preposições intermediando o preenchimento de espaços vazios para a complementação do sentido do enunciados.

Assim sendo, a noção desse fenômeno se torna relevante para a compreensão da Língua Portuguesa, já que esse conhecimento permite entender melhor os verbos e aplicar esse saber nas aulas de Língua Materna no ensino fundamental.

Assim, mesmo no que tange aos verbos, existem algumas restrições no que se refere ao aspecto valencial, já que existem alguns casos de verbos que não possuem essa propriedade, embora no decorrer deste trabalho haja tamanha expressividade da importância dele no contexto da frase, há alguns tipos verbais que não se encaixam ou não estabelecem a característica da valência sobre esse aspecto assim teoriza Busse e Vilela (1986, p.15) “[...]o termo valência não pode aplicar-se nem aos verbos auxiliares, nem aos verbos copulativos (como ser e estar), nem aos verbos funcionais (designados por outros como verbos operadores)”.

Por essa análise, repara-se que certos verbos não apresentam a propriedade valencial em seus traços semânticos. Esse fato é relevante para a compreender que a depender disso ele irá transportar ou não significados aos seus argumentos no momento de construção das sentenças.

Note-se como, alguns verbos assumem valência diferentes no âmbito da construção frasal ou mesmo valência alguma. Isso devido as multiplicidades de

sentidos que um verbo carrega nos usos da Língua Portuguesa ou porque em, algumas vezes, eles apenas participam do processo de construção de enunciados não representando o papel de elemento protagonista da construção. Assim, a depender desse uso as frases vão se construindo ligadas ao núcleo com o auxílio de nomes, preposições, complementos, argumentos e adjuntos os quais participam junto com o elemento verbal nas construções linguísticas dos falantes.

Desse modo, embora muitas vezes, o próprio falante usa a língua sem se dar conta disso, ou mesmo não ter domínio do conhecimento sobre a valência verbal tal aprendizado é importante para que ao se utilizar verbos em construções frasais, as intenções ou os objetivos do falante no processo comunicativo sejam atingidos de forma eficaz.

Em suma, os aspectos teóricos apresentados sobre a gramática de Valência possibilitam compreender a importância das contribuições dessa gramática para o entendimento da Língua Portuguesa, sobretudo para a investigação que se propõe fazer neste trabalho, Além disso, nos usos linguísticos a valência verbal representa um conhecimento necessário para os falantes, já que na construção e na interpretação de frases e textos ela contribui para que a língua seja utilizada de forma mais efetiva. Nesse sentido, assim pondera o autor abaixo:

O conhecimento das valências dos verbos é uma parte essencial do conhecimento que o falante tem de sua língua. Ou seja, não é possível falar uma língua corretamente – e mesmo inteligivelmente – sem dominar a valência de grande número de verbos. E qualquer falante fluente do Português sabe pelo menos alguns milhares de verbos, Todos eles com suas respectivas valências (PERINI, 2010, p. 138).

A gramática de valência, considera, portanto, o caráter completivo, pois o verbo com suas respectivas valências dão sentido ao comportamento das construções sintático-semânticas, além disso, determinam a exigência de algumas preposições que se ligam a eles pela necessidade de preencherem os argumentos.

3.3 Verbo na Gramática Gerativa

Após fazer uma abordagem sobre o conceito verbal sob a perspectiva da Gramática de Valência e perceber as especificidades apresentadas por ela, julga-se oportuno apresentar uma visão dele sob a perspectiva da Teoria Gerativa. Para

entender melhor como essa teoria aborda o elemento verbal, faz-se necessário, nesse momento, tecer comentários e explicações a respeito de alguns pontos que se julga necessário para uma melhor entendimento da definição verbal a luz da Linguística Gerativa.

Dentre os elementos necessários de compreensão por parte de quem estuda a Língua Portuguesa, destaca-se a sentença por ser um componente significativo e apresentar um leque de estruturas linguísticas em sua composição gramatical. Assim, a sentença é, pois, um local onde acontecem ou se realizam estruturas distintas da língua de ordem diferentes com representações sintáticas, semânticas e discursivas em que uma estrutura parece complementar a outra, ou seja, de forma integral no processo de construção do enunciado. Nesse sentido, Castilho define uma sentença da seguinte maneira:

A sentença é a unidade que associa propriedades fonológicas (= dispõe de uma entoação), sintagmática (= é um conjunto de sintagmas), sintático-funcionais (= é um conjunto de argumentos e adjuntos), semânticas (= é um conjunto de papéis temáticos) e pragmáticas (= é um ato de fala) (CASTILHO, 2014, p.58).

Nesse sentido, é possível afirmar que a sentença possui muitas propriedades ou características no conjunto de campos específicos e possíveis dentro da Língua Portuguesa o que a torna um tanto complexa atuando como um conjunto de elementos linguísticos de ordens diversas que participam na construção dos enunciados. Assim, o entendimento sobre ela é imprescindível para o desenvolvimento deste trabalho, devido relevância dela dentro do campo de estudo sintático proposto neste estudo.

Essa definição apresentada sobre sentença, é um conceito geral descrito pelo autor. Por essa ótica, esses elementos que a compõem são expressivos para o estudo a que decidiu-se investigar, porém ganha destaque e atenção os aspectos relacionados ao item sintático-funcional, justamente por abordar os assuntos relacionados a argumentos e adjuntos. Esses fundamentos nas diferentes abordagens que estão sendo frisadas serão fundamentais para a compreensão das ocorrências do fenômeno linguístico examinado por meio deste trabalho e para que se tenha uma visão mais detalhada sobre a definição de sentença, cabe colocar mais uma explicação de Castilho, assim, para ele a sentença é:

1. Sentença é a unidade de sintaxe estruturada por um verbo que seleciona seu sujeito e seus complementos. Os adjuntos também integram uma sentença, mas não são selecionados pelo verbo.
2. A sentença tem uma estrutura tripartite: na margem esquerda (especificador), figura o sintagma nominal que funciona como sujeito; em seu núcleo figura um verbo que funciona como predicador ou apresentador do argumento sentencial único; na margem direita (complementador) figuram os complementos. Dada a propriedade gramatical da recorrência, a mesma estrutura tripartite da sentença também se documenta na sílaba, na palavra, no sintagma e na unidade discursiva.
3. O estudo da sentença compreende habitualmente dois momentos: estudo da estrutura sintagmática, que é a identificação dos sintagmas, e estudo da estrutura funcional, que é a identificação das funções assumidas pelos sintagmas, a saber, sujeito, complemento e adjuntos (CASTILHO, 2014, p.691).

Sobre essas questões, vê-se no primeiro conceito, que o verbo é apresentado como elemento estrutural que possui a capacidade de seleção, pois a partir dele o sentido da sentença é complementado por meio de argumentos regidos por ele. Outros elementos que participam na construção sentencial são os adjuntos estes, porém, não foram exigidos pela propriedade de seleção do núcleo verbal, não pertencendo, portanto, a estrutura argumental do verbo, mas participa do enunciado dando uma informação a mais ao contexto frasal.

Já no segundo conceito, dá-se relevância à estrutura que se divide em três partes fundamentais para a construção da sentença em que é destacado o elemento chamado de especificador, ele é o componente denominado de sintagma nominal representado pelo sujeito da frase. Em seguida, tem-se o verbo, predicador, responsável pelo norteamo dos argumentos sentenciais e após o predicador surgem os complementos. Portanto, por essa definição a sentença constitui-se da tríade, sintagma nominal, predicador e complementos.

Do ponto de vista da terceira definição, a sentença é compreendida em dois ciclos, no primeiro, preocupa-se com a estrutura do sintagmática, ou seja, identificar os componentes da estrutura sintagmática dela e, o outro aspecto, é do ponto de vista das funções que cada elemento sintagmático assume dentro do contexto usado apontando, de modo específico, quem representa o sujeito, e quem retrata os complementos e quais assumem a função dos adjuntos. É nessa perspectiva que Castilho (2014, p.691) ilustra sintagmamente com o exemplo abaixo:

A gata lambia sua cria

S → [A gata]^{sintagma nominal} [lambia]^{verbo} [sua cria]^{sintagma nominal}

e funciona assim:

S → [A gata] ^{sujeito} [lambia] ^{núcleo do predicado} [sua cria] ^{objeto direto}

A compreensão da sentença, não só nesse último exemplo, mas em todos os outros conceitos expostos por Castilho contribuem para a análise do fenômeno em estudo, em razão de possibilitar um olhar teórico sobre as produções textuais dos estudantes no ensino fundamental envolvidos nessa pesquisa.

Feitas essas abordagens sobre a composição e aspectos relacionados a sentença, faz-se necessário realizar-se algumas apreciações sobre predicação, termo relacionado à noção de deslocamento de aspectos semânticos em uma dada sentença. A predicação funciona com a transferência de sentidos que um determinado predicador carrega consigo e passa para outros termos de uma sentença, sobre esse aspecto, assim, comenta o teórico que segue: “A predicação, portanto, é uma operação de transferência de traços semânticos que se movimentam pela sentença e pelo texto. Relação entre predicador e seu escopo” (CASTILHO, 2014, p.128).

Conforme o autor, o termo predicação estabelece uma relação com todo o âmbito da sentença, ou seja, ela é a relação do elemento predicador com todos os outros elementos que a compõem. Assim sendo, o predicador é o elemento responsável pela transmissão de sentido a todo o escopo da sentença, visto que ele predica com os demais argumentos para compor o devido sentido na frase.

Constata-se que, na relação com o predicador alguns integrantes são de extrema importância para a construção do sentido de frases e enunciados, como por exemplo: argumentos, traços lexicais, estrutura argumental, traços formais todos esses itens são responsáveis para estabelecer o processo de comunicação linguística.

Assim, umas das características atribuídas ao predicador verbal são seus traços formais, quando fala-se por exemplo, a palavra comprar, notadamente nossa mente percebe dois aspectos essenciais na busca de complementação do sentido, ou seja, procura-se por resposta por alguém que comprou e logicamente adquiriu alguma coisa. A essa propriedade demonstrada pelo verbo comprar é o que se chama de traço formal de seleção que muitos itens do léxico possuem.

É bom ponderar, conforme já se disse, que nem todos os elementos lexicais da língua possui essa propriedade de seleção como por exemplo verbos auxiliares e de ligação. Eles são chamados na Linguística Gerativa de verbos

funcionais por não possuírem esse traço de seleção e não terem, conseqüente, estrutura argumental da frase. No que tange a estrutura argumental de um sentença, entra em destaque um elemento chamado na Teoria Gerativa de predicador que tem a faculdade de selecionar elementos, os quais comporão a estrutura argumental da frase. Esses elementos selecionados, dá-se o nome de argumentos.

O que se abordou no parágrafo anterior, é muito expressivo para este trabalho que tem como objeto de estudo a Regência Verbal a qual possui como termo regente o verbo, pois a partir dele, agregam-se os termo regido os quais estão relacionados a ele. Portanto, a Estrutura Argumental que é dirigida pelo seu predicador será um elemento de ênfase neste trabalho, porque possibilitará conhecer melhor as preposições exigidas pelo verbo, e os tipos de argumentos com os quais o núcleo verbal estabelece relações sintáticas e semânticas.

Por exemplo, quando um falante da Língua Portuguesa pronuncia uma dada palavra como o verbo “amar”, naturalmente ele sabe que este vocábulo precisa de palavras que o completem para que a transmissão do sentido e o processo de comunicação sejam efetuados. O falante sabe, mesmo que não tenha conhecimentos aprofundados sobre gramática, que o verbo amar precisa de duas complementações que são: “alguém” que ama “algo”. Essas noções intuitivas são relevantes para o processo de ensino de regência verbal, por exemplo, já que quando utilizamos na fala ou na escrita determinados verbos há uma associação de significados pertinentes ao uso da língua que contribuem para efetivar a comunicação. Assim, na passagem do enunciado mental para o texto escrito mecanismos sintáticos e semânticos se correlacionam em construção de sentenças.

Nesse Contexto, julga-se oportuno estabelecer menções em relação ao predicador. Não se pode, nesse momento, confundir predicado com predicador, visto que neste trabalho o termo predicador será enfatizado ou relacionado, ao elemento que possui o traço formal de seleção, capaz de estabelecer relações sintático-semânticas e propriedade de saturar a estrutura de um dado predicador.

É importante dizer que, a expressão predicado é mais associada aos estudos envolvendo a Gramática Tradicional que comumente emprega essa expressão a tudo aquilo que se opõe ao sujeito. Para se ratificar essa diferença serão expostos alguns exemplos de predicado da gramática normativa e de predicador a luz da Ciência Gerativa. Assim, sob o enfoque da gramática tradicional emerge a necessidade de apresentar os exemplos do conceito de predicado, conforme Evanildo

Bechara e Mauro Ferreira dois Gramáticos renomados no âmbito da Tradição Gramatical.

Quadro 01: Sujeito e predicado

SUJEITO E PREDICADO - (BECHARA, 2009, p. 408)	
SUJEITO	PREDICADO
Os homens	Desejam paz.
Eu	Trabalho como professor.
Muitas crianças	Viram os pássaros.
O bom filho	Compreende o esforço dos pais.
O sol	é um astro luminoso.

Fonte: autor da pesquisa

Como vê-se, o conceito e exemplos expostos por Evanildo Bechara, o predicado diz respeito a tudo aquilo sobre que se discorre referente ao sujeito. É uma concepção da gramática tradicional que foi apresentado para fazer essa diferenciação que deseja-se entre predicator e predicado. Ferreira (2011) aponta que o predicado é o elemento sintático em que se agrega o verbo e este tece menções ao elemento, também sintático, o sujeito.

Expondo-se a explicação sobre a definição de predicado, conforme autores da gramática tradicional, exhibe-se agora uma breve definições sobre o conceito de predicator e de argumentos, tendo em vista que este trabalho considera a Estrutura Argumental do verbo como teoria que o sustenta. Nesse sentido, cabe conhecer o que é de fato um predicator verbal, quais as características inerentes a ele, como ele se comporta nas sentenças, bem como os elementos que giram em seu entorno quando o utiliza-se nos usos concretos da língua. Nestes termos, assim, o teoriza o autor abaixo:

Quando um item do léxico, possui o traço de seleção, dizemos que ele é um **predicator**. Por seu turno, os itens que são obrigatoriamente selecionados por um predicator são chamados de **argumentos**. Assim, um falante do português sabe que, dentre os traços formais do item “casa” não consta a especificação de tratar-se de um predicator, ao passo que no item “ver”, a especificação é clara, trata-se de um predicator que possui dois argumentos (KENEDY, 2013, p. 142).

Conforme postula Kenedy, as palavras “casa” e “ver” possuem diferenças nos traços formais, posto que na palavra “casa” há a ausência da necessidade de

complementação se sentido, já no termo “ver” essa complementação se faz necessária, afim de que a mensagem seja saturada. São essas informações, além de outras, a serem abordadas nesta pesquisa, sobre verbos que podem consubstanciar as análises no trabalho sobre Regência Verbal nos textos dos alunos.

Isso porque, o verbo é um elemento linguístico que na composição da estrutura da sentença tem essa propriedade de seleção de argumentos durante o processo de construção de sintagmas. Cabe nesse momento, tecer algumas considerações ou conceitos sobre alguns assuntos essenciais para o desenvolver deste trabalho de pesquisa, e o primeiro deles é a estrutura argumental.

No que tange a estrutura argumental, entende-se que ela está associada a quantidade de argumentos que um determinado predicador possui, cumpre, pois, ao predicador a função de seleção deles e a estrutura argumental, uma vez preenchida, chegamos a saturação do sentido dela, ou seja, a seleção exigida pelo predicador foi complementada. Dessa maneira, a noção por parte de quem estuda um fenômeno gramatical da existência da estrutura argumental de predicadores é significativa, visto que possibilita conhecer as relações semânticas envolvidas na construção de frases ou sentenças e, ao mesmo tempo, faz-se perceber aquilo que não faz parte do sentido da frase ou aquilo que não faz parte dela.

Esse entendimento é importante, porque ajuda a distinguir sobre o que são argumentos e adjuntos. É importante, também, para este trabalho estabelecer a diferença entre esses dois elementos, para isso, recorre-se as explicações de teóricos sobre esses componentes dos sintagmas ou frases.

Kenedy (2013), considera argumento os termos sintáticos previstos nos traços semânticos determinados pelo predicador, os argumentos, portanto, atuam na complementação dos sentidos da sentença.

Mioto (et. al, 2016) concebe Adjunto sob o ponto de vista da não seleção efetuada pelo seu núcleo, predicador, são elementos sintagmáticos que fazem parte de uma sentença indicando as circunstâncias como tempo, modo e lugar sem terem sido selecionados pelo núcleo dela não assumem, portanto, nem a função de complemento nem de especificador de seu núcleo.

Azeredo (2010) entende adjunto como um elemento que ocorre nas margens da sentença, porém não menos importante que os argumentos, porque contribuem para as atividades discursivas das frases e colaboram na construção dos enunciados. Após essas análises sobre as definições verbais feitas por diferentes

autores e em diferentes abordagens segue-se, no capítulo subsequente explicitações sobre o fenômeno gramatical da regência verbal.

4 DEFINIÇÕES SOBRE REGÊNCIA VERBAL

Neste capítulo, resolve-se analisar os conceitos de regência verbal a luz da gramática tradicional, gramática de valência e gramática gerativa, isso porque a regência é o assunto sobre o qual esse trabalho faz suas explicações. Sendo assim, faz-se uma análise dos conceitos concebidos por essas teorias a fim de conhecer, substancialmente, o objeto de estudo, isto é, o conhecimento, não apenas do seu conceito, mas também de outros elementos que possam estar ligados a regência e contribuem para sua efetividade enquanto elemento gramatical significativo para a produção de enunciados linguísticos em textos.

4.1 Regência na Visão da Gramática Tradicional

O termo Regência Verbal segundo Luft (2008) em seu Dicionário de Regência é definida como oriundo de vocábulos que regem, governam, comandam e dirigem uma sentença. Então, a regência está relacionada ao fenômeno da predicação do verbo ou transitividade verbal, ou seja, as relações que se estabelecem entre eles e os termos oracionais, sobretudo aqueles que dizem respeito ao predicado.

Assim sendo, ao aborda-se os sentidos relacionados à transitividade verbal, passamos por questões referentes aos tipos de predicação dos verbos, pois classificam-se, conforme a transitividade: transitivos diretos, transitivos indiretos, intransitivos, transitivos diretos e indiretos e de ligação. Em suma, a transitividade que ocorre como forma de relação entre verbos e seus complementos interessa a este trabalho de pesquisa, visto que tais conteúdos circundam o aspecto regencial.

Ao longo desta pesquisa, o estudo teórico sobre a Transitividade será relevante em vários aspectos relacionados ao verbo, porque se entende que esta pesquisa deve enfatizar os aspectos relacionados, não somente dos verbos, como também dos complementos, bem como considera as noções de sentido do falante em relação aos usos estabelecidos no contato com a língua, já que em certos usos sociais da língua as prescrições gramaticais nem sempre são seguidas a rigor, porém quando se trata de adequação da língua ao contexto do texto escrito ou mesmo oral, percebe-se usos distintos sobre o assunto, como exemplificado abaixo:

Nem sempre segue-se ao pé da letra a gramática normativa. Quem nunca ouviu ou leu expressões como: “Eu assisti o filme”, “eu aspiro coisas melhores”, “nós visamos um futuro melhor”, “fomos no clube no final de semana”, frases como essas, fazem-se presentes nos usos linguísticos da sociedade e, de uma forma ou de outra, acabam sendo absolvidos pelo falante da Língua Portuguesa, inclusive, pode refletir no ato de escrever de estudantes.

Como se vê, exemplos de usos do verbo, como esses acima, podem ocorrer na língua seja nos seus usos orais, seja nos seus usos escritos, contudo existem as situações em que os empregos de determinado aspecto gramatical da língua precisa estar conforme o que prescreve a norma padrão, assim sendo, a pesquisa em questão pretende analisar, a regência, considerando os itens elencados abaixo, conforme Travaglia (2003, p. 171) :

- a) Observar a regência pedida pela norma culta, confrontando com as regências autorizadas em outras modalidades da língua, chamando atenção para o fato de a regência, em muitos casos, ser idêntica na variedade culta e nas demais e em vários casos ser diferente. Neste último caso ressaltar a diferença;
- b) Trabalhar sempre com a regência, tendo em vista uma variedade linguística contemporânea. Regências em desuso, mas registradas e cobradas por muitos gramáticos, podem ser apresentados como “arcaísmos” ou como informação de natureza histórica que pode ajudar na leitura de textos de outras épocas (veja, por exemplo, o caso de “assistir em São Paulo” = “morar em São Paulo”);
- c) No caso de regências alternativas, trabalhar a diferença de significação, quando ocorre.

Portanto, o trabalho em questão considera as múltiplas ocorrências regenciais, bem como seus diferentes contextos de usos e sentidos. Há, portanto, de um lado a prescrição da gramática normativa e de outro o uso dos falantes, além de alguns empregos que, com o passar dos anos, pouco se emprega nos contextos sociais, mas que são importantes para a efetivação do sentido que se pretende transmitir nos atos linguísticos de comunicação.

Por isso, quando se abordou, anteriormente sobre a noção intuitiva de língua é porque compreendemos que os usos da regência verbal podem estar relacionados, não apenas a forma como a gramática tradicional a consagra, porém a contextos linguísticos específicos de ocorrência da língua, ou seja, um falante de Língua Portuguesa em seu contato diário com a língua, pode usar determinada expressão com preposição, ou não, por exemplo, em expressões como: O professor

que ele implicou é aquele, o professor com quem ele implicou é aquele, essa é a opinião com que concordo, essa é a opinião que concordo, Ninguém leu o livro a que ele fez referência, Ninguém leu o livro que ele fez referência.

Esses exemplos descritos servem para mostrar algumas possíveis ocorrências do uso ou não da regência em textos, sejam falados ou escritos. São essas situações que podem ou não ser empregadas pelos falantes ao utilizar a preposição ou não e que conhecimento implícito de língua o faz usá-la de uma forma ou de outra que nos leva a perscrutar o estudo científico em análise.

Voltando-se agora, para o aspecto gramatical da regência verbal, pretende-se apresentar o conceito dela com base em alguns teóricos da gramática tradicional.

Dorneles (2006) diz que a Regência Verbal são as relações que se estabelecem entre verbos ou nomes e seus complementos estes, por sua vez, podem estar ligados ao verbo por meio do auxílio da preposição ou pela ausência dela. Pelo que se observa no conceito apresentado a regência é estritamente relacionada ao fato verbo-complemento e intermediação de preposição entre eles. Aspectos como o contexto situacional da língua e noções intuitiva de falantes são deixados de fora de tal conceito.

Nessa mesma linha de raciocínio, teoriza Ferreira (2011). Para ele, a regência verbal é uma ocorrência de associação entre termo regente e sua complementação exercida pelo termo regido. Esse gramático limita a regência ao aspecto da complementariedade, tendo o verbo, termo regente, como elemento responsável para nortear a conexão de sentido com o termo regido.

Com essas concepções apresentadas, consente Pestana (2013) define a regência como uma relação de subordinação entre orações ou a maneira como um nome ou um verbo intermedeia, com o auxílio ou não de preposição, a relação com seu complemento. Esse autor preconiza o fenômeno regencial à vinculação estabelecida pela presença ou ausência da preposição na ligação efetuada aos complementos.

Terra (2011, p.286) ao se referir ao termo Regência afirma que “ é a parte da gramática que trata das relações entre termos da frase, verificando como se estabelece a dependência entre eles.” Para o autor, a relação de subordinação entre os termos da frase desencadeia o processo regencial.

Cereja e Cochar (2016) ao tratarem da regência chamam atenção para o uso dos termos regentes ou subordinantes os quais pedem a presença de outros para

complementação do sentido frasal, e destaca, ainda, os que completam a significação; chamados de termos regidos ou subordinados, logo enfatiza a conexão entre termo regente e termo regido.

Diante dessa noção de regência como fato frequente de uso na língua, sobretudo no aspecto da significação verbal que pode assumir sentidos diferentes, visto que a transitividade contribui para essas mudanças, fazendo que um mesmo verbo possa assumir sentidos diferentes. Nesse sentido, cabe as colocações de Pasquale e Ulisses (2008, p. 509):

Outro aspecto que pode ser considerado é a mudança de significado que pode resultar das diferentes relações que se estabelecem entre um mesmo verbo e seus complementos: “Agradar alguém” pode ser diferente de “agradar a Alguém. No primeiro caso (“A mãe agrado o filho”), agradar pode significar “acariciar”, “contentar”. No segundo (“A mãe agrada ao filho”), significa “fazer algo que cause agrado ou prazer”, satisfazer.

É preciso, portanto, ressignificar o aprendizado da regência verbal, ou seja, ensiná-la, de forma que, o estudante perceba que ela, de fato, acontece nas relações entre palavras e orações, além disso contribui para criar frases coerentes as quais atinjam o significado desejado de maneira eficiente e clara.

Nesse contexto de discussão, é relevante destacar o que preconiza sobre a conceituação de regência verbal os autores:

Regência verbal é a denominação que se dá a relação particular que se estabelece entre verbos e seus respectivos complementos (objetos diretos e indiretos). Essa relação vem sempre marcada por uma preposição, no caso dos objetos indiretos. **verbo** é considerado o **termo regente** seu **complemento** o **termo regido** (ABAURRE; ABAURRE e PONTARA, 2008, p. 514, grifo do autor)

Deve-se observar, portanto, a importância do objeto indireto pelo fato dele ser acompanhado pela preposição, já que o foco da regência verbal está presente na relação estabelecida que se dá entre verbos e os complementos que lhes integram o sentido. Ou seja, é justamente o elemento preposição que cumpre a função de fazer a ligação entre termo regente e termo regido, contribuindo, assim, tanto para a construção sintática, quanto a construção semântica da frase.

Ainda pelo viés de conceituação da temática em estudo, tem-se a definição apresentada por Sarmiento (2012, p.512), afirma que “A relação de dependência entre

o verbo e o termo regido por ele, denomina-se regência verbal.” A autora, também, destaca a relação de complementação do sentido verbal.

Considerando, portanto, todas os conceitos expostos, usados como referências para nossas análises em um capítulo que foi dedicado a esse fim, visto que cada ponto de vista desses renomados estudiosos representam visões sobre a temática em pesquisa que nos auxiliaram, com mais segurança, para inferir-se a ótica de análise dos dados.

4.2 Regência na Visão da Gramática de Valência

A Gramática de Valência considera o verbo como o elemento norteador da construção da estrutura da oração, cabe, portanto a ele a função de organização frasal. Os argumentos que giram em torno do verbo são estabelecidos conforme semântica verbal. Cabe mencionar que coube a Tesnière a introdução dos estudos sobre a valência verbal. Alguns estudos modernos sobre a valência apresentam novas ideias sobre esse assunto, contudo não há como negar a importância dele para as vertentes sobre a noção valencial. Assim se observa no trecho abaixo:

Tesnière (1959) foi quem introduziu o termo “valência” na teoria Linguística, e seu trabalho tem o mérito de ser chamado atenção para o fenômeno e estimulado muitas pesquisas. No entanto, apresenta muito dos defeitos de abordagem tradicional, de modo que hoje seu valor é principalmente histórico (TESNIÈRE *apud* PERINI, 2008, p. 168)

Portanto, foram expressivos os estudos desse teórico para que outros autores elaborassem suas ideias sobre a valência. Esse legado de Tesnière serviu de base para as novas interpretações sobre a gramática de Valências, sobretudo em aspectos gramaticais que envolvem o verbo.

Ao longo deste trabalho, já foram apresentados alguns conceitos sobre o significado de valência verbal, por essa razão, este tópico não se estende muito nessa temática, no entanto é importante frisar o conceito de Levin (1993) apresentado por Perini:

Se o comportamento distintivo das classes de verbos em relação as alternâncias de diáteses decorre de seu significado, qualquer classe de verbos cujos membros funcionam paralelamente quanto as alternâncias de diáteses deve ser uma classe semanticamente coerente: seus membros devem compartilhar pelo menos algum aspecto de seu significado (LEVIN *apud* PERINI, 2008, p.172]

No excerto, o autor frisa a importância da diátese por esse termo deve-se entender as construções verbais que podem e não podem ocorrer na língua. Portanto, diátese é um tipo de estrutura construída em orações que podem ou não ser aceitas devido as suas características. Para exemplificar, veja-se os exemplos abaixo:

Carol comeu a pizza / matou o rato / escreveu um livro.
*A Carol apareceu uma pizza
*A Carol caiu o livro no chão
É verdade que podemos dizer
A Carol é esposa do Jorge.
(PERINI, 2016, p. 184).

Por meio desses exemplos apresentados, nota-se que o sentido que um verbo assume no contexto de uma oração determina se a construção é gramatical ou agramatical, ou seja, a estrutura sintática e semântica dos verbos contribuem para o entendimento do enunciado. Portanto, estudos relacionados à diátese, valência e aos sentidos dos verbos em um dado contexto contribuem para a pesquisa em questão no sentido de que a regência ocorre pela significação verbal em um dado contexto linguístico. Assim, para ampliar a visão de língua os estudos voltados para ampliação gramatical sobre o fato pesquisado é necessário, por isso, no capítulo seguinte, delinea-se a concepção de complemento em diferentes vertentes teóricas.

5 CONCEPÇÕES DE COMPLEMENTO

Neste capítulo, discute-se outro ponto que se julga necessário para se empreender a investigação teórica sobre o fenômeno em questão é a complementação verbal. Isto é, de que modo as diferentes abordagens gramaticais se expressam sobre isso? Como se dá a relação dos complementos com os verbos? De que maneira os complementos participam nas relações sintático-semânticas com o núcleo verbal? São essas indagações, associadas às buscas por respostas, com base em teorias gramaticais AS quais discorrem sobre o assunto que podem subsidiar o prosseguimento do estudo em questão. Por esse motivo, elenca-se a seguir as perspectivas do aspecto completivo verbal.

5.1 Complemento na Perspectiva da Gramática Tradicional

É determinante analisar as diferentes concepções de complementos descritos por autores em suas alusões teóricas sobre a temática complementos verbais. Por isso, fez-se a análise de definições gramaticais explicitadas por autores das distintas teorias as quais fundamentam o trabalho de pesquisa. Para dar início a essa breve análise, é propício discorrer sobre a significação da palavra complemento, pois o entendimento desse componente colabora para a pesquisa em questão.

O complemento, dentro do âmbito da oração, contribui para ampliar o sentido da transitividade seja de um núcleo nominal, seja de um núcleo verbal. Resultam dele as relações de nível sintático e de nível semântico entre os termos da oração, contribuindo para a construção estrutural de frases e orações e para composição coerente dos sintagmas presentes nela. Para reforçar, tais conceitos, cita-se uma definição, com o exemplo, descrito pelo Dicionário de Gramática da Língua Portuguesa o qual se refere a complemento com a seguinte explicação:

Complemento. Termo integrante da oração que amplia, obrigatoriamente, um núcleo nominal ou um núcleo verbal, ambos de caráter transitivo. Pode ser: **1.** Complemento nominal. Ex.: Ela é fiel *aos seus princípios*. Relativamente aos fatos nada podemos afirmar. Todos depositam confiança *em você*. **2.** Complemento verbal. Ex.: Entregaram *o prêmio ao vencedor* (GIACOMOZZI, Et al. 2004, p.67).

Apreendida esse concepção de complemento, referida no dicionário de Gramática da Língua Portuguesa, explora-se, agora, analiticamente o conceito desse assunto empreendido por abordagens gramaticais específicas. Apresenta-se, pois, alguns conceitos elucidados por gramáticos da Tradição Gramatical. Alguns autores dela associam complemento a noção de transitividade verbal e sua respectiva classificação.

Essa classificação é apresentada com denominações de objeto direto, objeto direto preposicionado, objeto direto pleonástico, objeto indireto, objeto indireto pleonástico esse tipo de categorização é muito comum de encontramos nas gramáticas normativas que circulam no ensino escolar.

Dessa maneira, conhecer o conceito de complementação verbal na visão delas em muito pode subsidiar na análise do objeto em pesquisa, visto que o fenômeno da regência também está correlacionado à noção de complementação de sentido. Assim, é no estudo do predicado, principalmente, o predicado verbal que a Tradição Gramatical enfatiza a questão da transitividade.

É nesse sentido que Cunha (2007) diz que o predicado verbal se realiza com a atuação de um verbo principal que assume a função de núcleo da oração, esse também chamado de verbo significativo, isso porque apresenta ideias novas sobre o sujeito da frase e, classifica-se sobre o aspecto da transitividade ou da intransitividade.

Essa noção de complementação, na gramática normativa é estendida ao predicado nominal, elemento que é agregado ao predicativo por meio de verbos de ligação. No que tange aos verbos de ligação, na perspectiva da gramática tradicional estes verbos funcionam como um elemento de conexão entre palavras, frases ou expressões de natureza nominal. Cabe reforçar que o verbo de ligação é uma modalidade gramatical desprovida de regência verbal, não possui, portanto também o aspecto da transitividade.

É importante frisar que, mesmo os verbos auxiliares, dependendo do contexto em que são empregados, podem assumir conotações diferentes, portanto, o estudo dos complementos também deve estar associado aos contextos de usos, entretanto este trabalho enfatiza o predicado verbal, mas considera que o fenômeno gramatical da complementação, também, faz-se presente em núcleos nominais, por outro lado, não ocorre em verbos de ligação.

Assim, devido esse trabalho abordar o aspecto gramatical da regência verbal, fenômeno esse relacionado à estrutura do predicado de uma oração o

considera um item de relevância dentro dos estudos sintáticos, em função de ser o termo em que se evidencia o fenômeno da regência

É importante, dessa forma, conhecer como o predicado é estruturado. Assim, ele é classificado por Ferreira (2011) em três dimensões, primeiro é apontado como predicado nominal por apresentar em sua estrutura um verbo de ligação associado ao predicativo do sujeito. Segundo, qualificado como um elemento que comporta o verbo em aspecto significativo ou de ação, podendo ser, transitivo ou intransitivo, com realce para o núcleo desse predicado que é sempre representado por um verbo. Por fim, identificado como aquele estruturado por dois núcleos, um deles é o verbo significativo e o outro, o predicativo que pode estar relacionado ao sujeito ou ao objeto.

É necessário dizer que o predicativo do sujeito pode ser representado por um sintagma nominal (SN) ou por um sintagma preposicionado (SP), logo, essa compreensão sobre os elementos presentes dentro da estrutura do predicado é necessária para este estudo, porque a relação de transitividade que ocorre dentro dele com a ocorrência ou não de preposições no interior dos sintagmas auxiliará nas análises do objeto em pesquisa.

Pela classificação apresentada, entende-se a dimensão do predicado, pois a sua classificação está correlacionada ao verbo e suas possíveis vinculações sintáticas e semânticas que ele constrói com os demais termos presentes na estrutura oracional, porque a partir dessa relação verbal dentro do predicado se percebe a noção de transitividade verbal, ou seja, verifica-se quais são os verbos que se apresentam como copulativos ou de ligação, verbos que se configuram como intransitivos, além de outras análises que permeiam o estudo do predicado.

Outro elemento que constitui a estrutura do predicado e se faz relevante para os estudos empreendidos para esta pesquisa é o chamado, pela tradição gramatical, de adjunto adverbial. Esse termo é justificado por alguns teóricos da gramática tradicional como responsável pelo caráter circunstanciador das ocorrências do verbo, podendo, inclusive, estar relacionado à intensificação dos significados do adjetivo e do próprio advérbio. É nesse sentido que o adjunto adverbial é definido por (CUNHA, 2007, p. 165) “Adjunto Adverbial é, como o nome indica, o termo de valor adverbial que denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjetivo, ou de um advérbio”. Portanto, é importante para o verbo, já que atua sobre ele e contribui para o sentido da oração.

Sobre essa noção de adjunto, como elemento secundário na estrutura de uma oração, não tão relevante para a parte estrutural, mas importante por agregar esclarecimentos sobre os enunciados linguísticos, acrescentando informações que contribuem para uma melhor interpretação daquilo que está sendo dito, argumenta o trecho que se segue:

Tradicionalmente, os adjuntos são definidos, a partir da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), como “termos acessórios” da oração, em oposição aos “termos essenciais” (sujeito e predicado) e “termos integrantes” (os complementos). Várias gramáticas definem como acessórios os termos que se juntam a um nome ou a um verbo para modificar-lhe o sentido. Afirmaram ainda que, embora os adjuntos tragam dados novos a sentença, não são indispensáveis ao seu entendimento (KATO, 2015, p.153).

Assim sendo, complemento e adjunto comportam a estrutura oracional do predicado e saber diferenciá-los é relevante para o estudo da Regência verbal. Assim, os complementos e os adjuntos fazem parte dos padrões oracionais e o verbo representa um elemento chave para a construção daquilo que se chama-se de oração, é nesse sentido que se apresenta-se os esclarecimentos abaixo:

Como se sabe o verbo é a palavra cuja presença caracteriza o que se denomina “oração”. Na acepção ampla de regência, o verbo (não sendo “de ligação”: ser, estar, e semelhantes) rege todos os termos da oração; na acepção restrita, rege todos os complementos [...]. (LUFT, 2008, p.6).

Verifica-se pelo trecho acima, que o fenômeno da regência verbal é presente no contexto oracional no processo de construção dela, participando nas relações que se estabelecem entre os termos presentes nela própria, tais como: seus sujeitos, seus complementos e os adjuntos. Portanto, o fenômeno gramatical da regência verbal atua na construção das orações na complementação de sentido, seja de verbos, seja de nomes. Para ampliar a visão sobre complemento, tem-se a abordagem sobre ele na teoria de valência.

5.2 Complemento na Perspectiva da Gramática de Valência

A Gramática de Valência discorre sobre a noção de complementação, mencionando que o verbo é rodeado por casas vazias a serem preenchidas por argumentos. Essa Teoria adota uma classificação verbal subdividindo os verbos em

avalentes, monovalentes, bivalentes e trivalentes isso dependendo da essência do verbo. E no que tange à concepção de complemento verbal adotada pela Gramática de Valência, um dos elementos a ser destacado é o termo sujeito.

Esse componente é usado como complemento, adotado na estrutura da oração estabelecida pela gramática de valência, o considera como um complemento tão relevante quanto os demais. Esse aspecto é um dos fatos que diferencia a Gramática de valência da Gramática tradicional, como se observa no trecho que segue:

[...] a teoria de valência distingue-se, entre outras coisas, da gramática tradicional (escolar) e também da gramática gerativa, pelo fato de considerar o sujeito um actante do mesmo nível dos complementos do verbo. A gramática tradicional exprime a ideia que nós atribuímos a valência por transitividade, com que distingue os verbos transitivos com complementos(s) e intransitivos sem complemento, e estabelece uma terceira categoria, a dos verbos impessoais sem sujeito. [...] (BUSSE e VILELA, 1986, p.15).

Veja-se como, esses detalhes ou diferenças com relação a complementação verbal ajuda a compreender a importância da valência ou da transitividade, visto que os enfoques teóricos sobre o conteúdo em pesquisa, possibilitam observar o objeto em diferentes ângulos. Assim, para se estudar os complementos do verbo no ato de produção textual de alunos, essas noções descritas, podem proporcionar uma análise mais profícua do fenômeno linguístico em estudo.

5.3 Complemento na Perspectiva da Gramática Gerativa

A gramática gerativa, por seu turno, concebe a noção de complementação relacionada aos argumentos que um predicador possui, os argumentos, por sua vez, estão correlacionados ao predicador e possuem a denominação de argumentos externos e internos os quais participam na construção de orações, complementando o sentido da estrutura argumental do verbo.

Assim sendo, algumas abordagens se fazem necessárias para o desenvolvimento deste trabalho, sobretudo, os pontos referentes ao predicador, argumentos, adjuntos, estrutura argumental do predicador, grade temática e papéis temáticos.

Menções relativas ao predicador e argumentos, já foram aludidas, tanto o seu conceito quanto sua relevância para este trabalho. Assim, vale enfatizar, agora, as noções sobre adjunto que se constitui outro elemento de importância para esta pesquisa, visto que é um componente que se apresenta na estrutura de orações e contribuem para formação do sentido do enunciado. Nesse sentido, Miotto (et al, 2016) define adjunto como os sintagmas que são selecionados em um dada sentença sem assumirem a função de complemento ou de especificador de um determinado núcleo.

Há autores que abordam a questão dos argumentos e dos adjuntos como resultado da propriedade de seleção a qual é uma característica do verbo. Ou seja, o verbo torna-se o elemento que possui a responsabilidade de organizar a parte estrutural de uma determinada sentença. É nesse sentido que argumenta Castilho “O(s) termo (s) selecionados pelo verbo podem funcionar como argumentos ou como adjuntos” (CASTILHO, 2014, p. 265).

Os autores divergem na argumentação sobre a noção de adjunto, enquanto Miotto caracteriza o adjunto como um elemento pertencente a estrutura da sentença, porém não selecionado pelo verbo. De outro modo, Castilho teoriza que o adjunto é selecionado pelo núcleo verbal com o enfoque de complemento. Essas argumentações distintas sobre adjuntos e complementos contribuem para aumentar as possibilidades de análise e compreensão das estrutura da orações e dos elementos que a compõem. É nesse sentido de distinção entre adjunto e complemento e na tentativa de encontrar algo em comum entre eles que se insere o fragmento seguinte:

O chamado adjunto adverbial é, como se sabe há muito tempo, um grupo heterogêneo de relações, com propriedades semânticas e sintáticas extremamente variadas. A única característica que os une é a sua representação através de sintagmas preposicionados ou através de palavras invariáveis chamadas “advérbios” – outra classe heterogênea (PERINI, 2008, p. 153).

Entende-se que o advérbio atua na sentença com características próprias, sejam elas sintáticas, sejam elas semânticas. Logo, compreendida a importância da adjunção na composição da sentença, faz-se pertinente entender as mensurações teóricas sobre estrutura argumental, grade temática e papéis temáticos sob a perspectiva da teoria gerativa, visto que as menções dessa teoria no que tange a esse três elementos são substanciais para o prosseguimento dos estudos.

A estrutura argumental, portanto, assume um papel de destaque para esta pesquisa, porque ela representa a Teoria sobre a qual se apoiam os estudos empreendidos nela.

Essa estrutura perpassa por questões que já foram mencionadas no decorrer da descrição deste trabalho, como por exemplo predicador, adjunto, seleção e não seleção de argumentos, verbos e suas respectivas definições dadas segundo as teorias gramaticais em que este trabalho se fundamenta.

Kenedy (2013) define a estrutura argumental de um determinado item do léxico, relacionando este item lexical (predicador) ao número de argumentos selecionados por ele. Nesse sentido, a estrutura argumental de uma sentença considera os traços formais de seleção do predicador. Para exemplificar a dinâmica dela, abaixo exibe-se uma tabela que a ilustra bem.

Quadro 02: Estrutura argumental básica dos itens “ver” e “visão” (KENEDY, 2013, p.145)

tem do léxico	Traços formais
Ver	. Categoria: ver
	. + predicador
	Estrutura Argumental: {____, ____}
Visão	. Categoria: N
	. + predicador
	Estrutura Argumental { ____ }

Compreende-se que, na tabela os dois itens utilizados como exemplos possuem estrutura argumental diferentes, embora sejam palavras semelhantes ou do mesmo campo semântico, a estrutura argumental delas não é igual. Uma das razões é que a categoria delas não são as mesmas, notemos que **ver**, pertence a categoria verbal, e **visão**, embora seja um nome derivada do verbo ver, sua relação estrutural é marcada pela ausência do argumento externo.

Com relação a esses dois elementos: argumento interno e argumento externo é importante conhecê-los, visto que participam da teoria em que se apoia este trabalho de pesquisa. Além disso, eles são fundamentais para o entendimento de complementos, grade temática e papéis temáticos que, também, são assuntos a serem investigados por esta pesquisa, já que nortearão a análise deste estudo.

Portanto, conhecer a atuação e a função do argumento interno e externo é de suma expressividade para a compreensão de como os aprendizes do ensino fundamental usam a regência verbal. Assim sendo, esses tipos de argumentos são definidos pelo teórico que segue da seguinte maneira:

Na literatura linguística, o complemento de um predicador é também referido como **argumento interno**, enquanto o seu especificador pode ser denominado **argumento externo**. Essa nomenclatura reflete a maior imediatividade (relação interna) do elo sintático entre predicador e argumento, por contraste à menor imediatividade (relação externa) estabelecida entre especificador e predicador [...] (KENEDY, 2013, p. 153).

O trecho supracitado, aborda esta relação de argumento interno e argumento externo e a relação de complementação entre eles, segundo Kenedy (2013) é atribuída ao caráter de imediatividade da complementação do predicador e a noção de relação externa e interna, configura-se pela posição dos argumentos em relação ao seu predicador. Assim, é de relevância para a estrutura argumental as funções que cada complemento desempenha na oração, seja ele um argumento especificador ou um complemento externo. Esses fatores atuam efetivamente para a saturação dos sentidos envolvidos na sentença.

Além dos argumentos outro componente de destaque são os papéis temáticos o usos deles dentro da estrutura oracional é relevante, pois as funções semânticas desempenhadas dentro da sentença cabe a eles. Assim, no campo da significação, ou seja, nas atribuições de sentido entre termos da oração o estudo dos papéis temáticos ganha relevo para este trabalho, já que a regência verbal é um fenômeno que acontece a partir do significado dos verbos.

Assim, quando o estudante se propõe a empregar determinado verbo, associando a uma dada preposição o sentido que ele deseja transmitir irá atuar de forma decisiva no emprego da regência dele, ou seja, o sentido do verbo influencia em sua regência.

No que se refere a papéis temáticos existem na literatura linguística autores como: Castilho (2014), Kenedy(2013), Perini, (2016) além de outros que apresentam pontos de vistas distintos sobre eles, ou seja, no que diz respeito a sua função dentro das sentenças. Por isso, aborda-se neste trabalho algumas definições de papéis temáticos apontados por alguns autores que enfatizam sobre essa questão.

Nesse sentido, ao se escreverem sobre papéis temáticos relacionando-os aos fatores semânticos que são inerentes a eles, questiona-se também os sujeitos e os complementos, assim, segundo esses teóricos as palavras carregam significados essenciais para o desempenho ou realização do sentido no processo de construção frasal e cada significado contribui para a comunicação linguística. É nessa linha que o fragmento que segue explicita seu raciocínio teórico:

Os papéis temáticos, denominados em certas teorias como casos, são traços semânticos atribuídos por um predicador ao seu escopo. Dispondo de uma base cognitiva, os papéis temáticos correspondem a outras tantas representações linguísticas do mundo que nos cerca. Dada essa base, os papéis temáticos têm um caráter universal, diferindo das categorias estritamente sintáticas, que assumem peculiaridades nas diferentes línguas naturais (CASTILHO, 2014, p.253).

A conceituação apresentada estabelece, ainda, a diferença dos papéis temáticos e as estruturas sintáticas, desse modo é uma forma de perceber as características que uma sentença exhibe em seu entorno. Fazendo alusão a essa mesma temática, Perini (2010) explica que o papel temático ocorre pela relação semântica construída pelo verbo com os demais sintagmas componentes da oração. Ele enfatiza a predominância nas orações de papéis temáticos com o caráter de agente e paciente. A título de exemplificação, eis algumas ocorrências desse assunto que auxiliam a pesquisa em análise.

Quadro 03: Exemplificação de papéis temáticos

EXEMPLOS EXTRAÍDOS DE (PERINI, 2010, P. 51)
Lugar (como em, a Lia mora <u>em Belém</u>),
Meta (final de um movimento, como em, a Lia foi <u>para Belém</u>),
Fonte (início de um movimento, a Lia veio <u>de Belém</u>),
Instrumento (quebrei a janela <u>com um tijolo</u>),
Causador de experiência (isto é, o desencadeador de um estado interno, como em, Jorge ama <u>Tereza</u> , e também em Jorge viu <u>Tereza</u>),
Experenciador (o que experimenta um fenômeno interno, como em <u>Jorge</u> ama Tereza, e também em <u>Jorge</u> viu Tereza),

Conforme exposto, nos exemplos acima, os traços semânticos do verbo e sua relação com o papel temático configura o uso de algumas preposições em relação com o complemento ou adjunto como em: “veio **de** Belém”, “quebrei a janela **com** um tijolo”, “Jorge viu Tereza”, “ Lia mora **em** Belém”. Essa relação verbo, complemento, adjunto, preposição, papel temático são elementos essenciais para a obtenção da finalidade comunicativa.

Esses constituintes, sobretudo o uso de preposições ou a desnecessidade dela e a importância do traço semântico do verbo o qual contribui para a relação termo regente e termo regido são assuntos que possibilitaram a compreensão e a análise dos dados. Logo, esses fatores se configuram como relevantes para esta pesquisa que busca compreender o fenômeno investigado em suas diferentes ocorrências no texto dos alunos.

Cabe destacar ainda, dentro da estrutura organizacional da oração, a grade temática, outro elemento que a compõe e representa mais um suporte teórico sobre o qual também se apoia os estudos deste trabalho para o entendimento do fenômeno gramatical em análise.

As informações relacionadas à matriz temática contemplam muito daquilo que já foi dito, sobre estrutura da oração e a presença de seus constituintes. É nesse sentido que se faz necessário expor o seguinte quadro exibindo não somente a estrutura argumental, como também alguns sintagmas que a compõem. Para isso, tem-se a análise dos itens “ver” e “colocar”, como forma de tentar sintetizar aquilo que já foi mencionado sobre a estrutura Argumental.

Quadro 04: Estrutura argumental dos itens “ver” e “ colocar”

Estrutura Argumental dos itens “ver” e “colocar”. (KENEDY, 2013, p.159)	
Item do léxico	Traços formais
VER	. Categoria v + predicador
COLOCAR	Categoria: V + predicador
	Estrutura argumental: {SN; SN; SP}

Ao se observar a estrutura argumental dos itens ver e colocar logo percebe-se que elas não são iguais, isto porque, o vocábulo ver possui dois argumentos presentes em sua estrutura, enquanto o verbo colocar requer três argumentos para

sua composição estrutural e um deles é um sintagma preposicionado. Isso possibilita concluir que a natureza semântica do predicador está associada ao sintagma preposicionado, bem como ao tipo de preposição que faz a ligação entre eles.

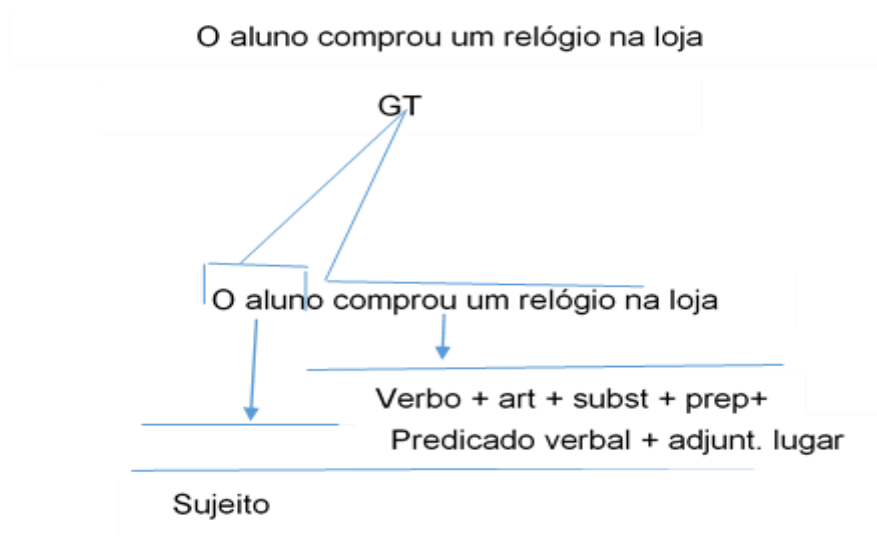
Essas particularidades, exibidas no quadro sobre a estrutura argumental de predicadores foram analisadas no desenvolvimento desta pesquisa, pois as relações sintático-semânticas que a estrutura argumental de um predicador apresenta fornece informações que cooperam na compreensão da forma como os alunos empregam a regência verbal em seus usos.

Como uma forma de sintetizar as abordagens explicitadas, ao longo deste trabalho de pesquisa, apresentam-se a seguir três gráficos os quais exibem a estrutura da sentença. Eles foram esquematizados conforme o entendimento que cada tipo de gramática, seja a Tradição Gramatical, seja a gramática de valência, seja a gramática gerativa, apresentam a relação do núcleo verbal com os demais componentes da oração.

Dessa forma, no intuito de compreender o verbo na ótica das três teorias gramaticais que ao longo deste trabalho vem sendo descritas, explicadas e analisadas por meio de seus conceitos, suas caracterizações, abordagens teóricas de autores diversos, optou-se por apresentar os gráficos que seguem demonstrando a estrutura da oração em cada modalidade gramatical aqui estudadas, isto é, foram construídos com suporte em leituras realizadas sobre os teóricos aludidos como, Cunha (2007), Bechara (2006, 2009), Ferreira (2011), Borba (1996), Busse (1986), Perini (2008, 2010), Kenedy (2013) além de outros, pois seus conceitos e análises apresentados, contribuíram para essa representação de cada modelo abaixo.

A intenção de expor tais gráficos nasceu do desejo de entender a estrutura da oração à luz da tradição gramatical, da Gramática de Valência e da Gramática Gerativa. A noção teórica de cada uma delas muito subsidia a criação dos gráficos a seguir, pois a tentativa de analisar cada performance estrutural do verbo em teorias diferentes amplia os horizontes de análises.

Figura 02: Estrutura da oração segundo a tradição gramatical



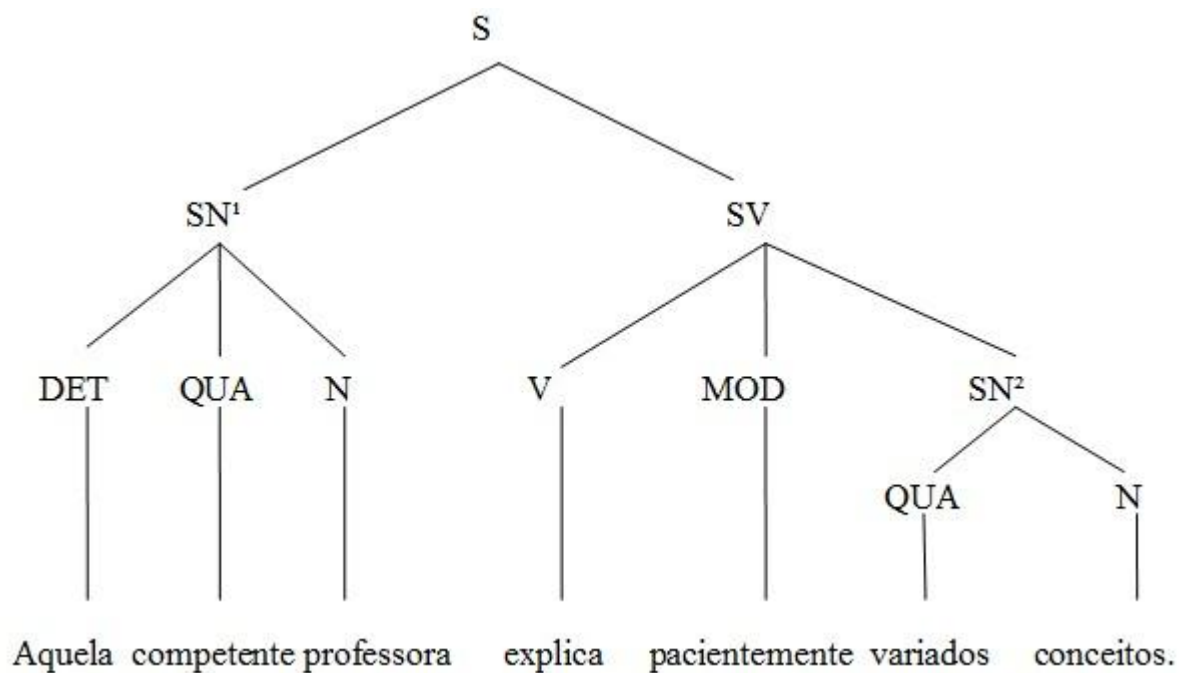
Fonte: autor da pesquisa

Figura 03: Estrutura da oração segundo a Gramática de Valência.



Fonte: autor da pesquisa

Gráfico 04: A estrutura da oração segundo a Gramática Gerativa.



Fonte: FONSECA, Lage Denyse. **Análise sintagmática em Português.** Disponível em: <https://www.infoescola.com/portugues/sintagma/>. Acesso em: 21 de junho de 2017.

6 METODOLOGIA

A pesquisa científica em seu processo de desenvolvimento e execução passa por algumas fases que englobam, desde a definição do tema, da problemática, dos objetivos, análise de dados colhidos, entre outros elementos que a compõem até a obtenção de resultados que podem ser colhidos com a concretização do estudo.

Neste capítulo, discorre-se sobre as ações metodológicas utilizadas por essa pesquisa. Por essa razão, especifica-se quanto à abordagem, quanto à natureza, quanto aos objetivos e quanto aos procedimentos. Posteriormente, indica-se os sujeitos envolvidos, o local de aplicação da pesquisa, o corpus a ser analisado, as quatro categorias para análise da regência verbal em textos, e, finalmente, o instrumento de coleta de dados aplicado.

6.1 Caracterização da Pesquisa

Uma das dificuldades para traçar o desenvolvimento de uma pesquisa se concentra no artifício de definir os passos a serem construídos para se chegar ao objetivo desejado. Por isso, cabe ao pesquisador avaliar os critérios que nortearão esses passos no intuito de promover uma investigação muito mais completa e diretiva, evitando possíveis falhas na prática de diagnosticar os aspectos que estão relacionados à existência ou composição do fenômeno a ser investigado. É pertinente nesse horizonte de análise, que esta pesquisa seja caracterizada quanto a abordagem, quanto a natureza, quanto aos objetivos e quanto aos procedimentos.

No que tange ao aspecto da abordagem, ou por essa medida, ela se configura como quali-quantitativa, é qualitativa, porque se preocupa em apresentar instrumentos de investigação que possam embasar significativamente a organização dos fatos a serem coletados no decorrer do processo, no intuito de buscar elementos que possam enriquecer as atividades de teoria e prática sobre o fenômeno em destaque. É importante salientar, nesse contexto a observação o trecho que segue:

Por meio do método qualitativo, o investigador entra em contato direto e prolongado com o indivíduo ou grupos humanos, com o ambiente e a situação que está sendo investigada, permitindo um contato de perto com os informantes (LAKATOS e MARCONE, 2011, p. 272).

Em resumo, é qualitativa porque busca entender a origem dos fatos, investigando aquilo que se faz necessário realizar, sem necessariamente mencionar valores. Isto é, exigiu a interpretação de dados do objeto investigado.

Configura-se como quantitativa, outra forma de abordagem a ser adotada, isso porque procura por resultados sobre o elemento gramatical em questão que possam ser mensurados por meio da coleta de dados, bem como os sentidos que poderão ser atribuídos pelo pesquisador sobre o objeto a ser analisado. Nesse sentido, tem-se que observar as especificidades da variável quantitativa, conforme observa o autor que segue:

A variável quantitativa é determinada em relação aos dados ou à proporção numérica, mas a atribuição numérica não deve ser feita ao acaso, porque a variação de uma propriedade não é quantificada cientificamente. Por exemplo, podemos atribuir um número ao comprimento de um objeto de relance. Isso não será quantificação científica. A quantificação científica envolve um sistema lógico que sustenta a atribuição de números, cujos resultados sejam eficazes (FACHIN, 2006, p.78).

Assim sendo, há o cuidado com a lógica dos dados ou informações extraídas dos textos dos alunos serão fundamentais para se inferir entendimentos e averiguar com base nas teorias as possíveis correlações entre os dados encontrados e o que determina a teoria, tencionando encontrar respostas que contribuam para uma melhor absorção do fenômeno examinado. Assim, advoga o teórico:

Na quantitativa, cotam-se e quantificam-se os dados e opiniões mediante o emprego de recursos e técnicas estatísticas, partindo das mais simples, como porcentagem, média e desvio padrão, até aquelas mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão (GONÇALVES, 2014, p. 101).

Portanto, é qualitativa porque busca entender a origem dos fatos, examinando-o, sem necessariamente mencionar valores. Isto é, exige a interpretação de dados do objeto investigado.

Entretanto, é importante dizer que tanto a pesquisa qualitativa, quanto à pesquisa quantitativa são relevantes para esse trabalho científico, devido as suas características explicitadas e também, porque tanto uma quanto a outra se complementam. Nesse sentido, comenta o excerto seguinte:

Basicamente, existem dois métodos de pesquisa, não excludentes, de acordo com a abordagem do que se pretende estudar: Quantitativo: voltado para os dados mensuráveis, por meio de recursos e técnicas, como questionários e entrevistas, entre outros; e o qualitativo: direcionado para o âmbito social,

com abordagens sociopolíticas, econômicas, culturais e educacionais (SANTOS e NORONHA, 2010, p.59).

Além disso, essas duas abordagens são integrantes de métodos, que embora apresentem denominações distintas para cada abordagem, tem como fim o conhecimento em si, pois cada uma delas está presente em muitas pesquisas com seus respectivos métodos de análises. É nessa linha de raciocínio que se expõe o ponto de vista seguinte:

Quando se fala em pesquisa qualitativa e quantitativa, e mesmo quando se fala em metodologia quantitativa ou qualitativa, apesar da liberdade de linguagem consagrada pelo uso acadêmico, não se está referindo a uma modalidade de metodologia em particular. Daí ser preferível falar-se em abordagem quantitativa, de abordagem qualitativa, pois, com estas designações, cabe referir-se a conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas. São várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas (SEVERINO, 2016, p. 125).

Com referência aos fundamentos epistemológicos, frisados no texto, este trabalho pretende associar tal terminologia ao seu sentido que se refere às possíveis relações estabelecidas entre o fenômeno linguístico em exame e como ele é utilizado pelos discentes, que ao transcrever as suas ideias para o texto escrito, fazem uso do recurso gramatical em análise. Portanto, essa noção do uso dos alunos sobre o objeto em evidência dará o suporte para que se trace caminhos em busca de conhecimentos que auxiliem, sobretudo, na aprendizagem desse recurso gramatical.

Essa abordagem visa, especialmente, aperfeiçoar as interpretações com base naquilo que se percebe intuitivamente nos textos dos discentes, para que se possa, com base nos estudos teóricos, fazer descobertas significativas. Para tanto, pretende-se considerar, durante o estudo dos textos coletados, todos os dados encontrados nas produções textuais que estejam relacionados ao emprego da regência verbal.

Com base nisso, aspira-se fazer uma correlação com as teorias em estudo, fazer análise da bibliografia e ir em busca de respostas para tentar entender o porquê de determinado emprego linguístico sobre a regência verbal, ou seja, os exemplos obtidos por meio das produções textuais dos alunos representam realidades a serem analisadas.

Quanto à natureza esta pesquisa, caracteriza-se como básica, visto que fundamentada em estudos teóricos visa à melhoria da aprendizagem do fenômeno em estudo e, conseqüentemente, aumentar o grau de conhecimento sobre o assunto em investigação.

No que tange aos objetivos, ela é exploratória, definida por Severino (2016) como a pesquisa que está relacionada com o levantamento de informações que se dispõe sobre um determinado objeto de estudo, com vistas a aperfeiçoar as ideias na busca por respostas a de um dado assunto, sobre o qual o pesquisador teve contato por meio da coleta de dados.

Pode-se dizer, portanto, que houve uma familiaridade com o objeto examinado, com vistas a compreendê-lo melhor e ampliar o conhecimento sobre ele, para tanto, diferentes visões teóricas foram avaliadas para estabelecer possíveis relações com o problema em análise.

Quanto aos procedimentos, assume-se a postura de uma pesquisa de campo, isso porque, a pesquisa terá o cuidado de desenvolver técnicas que favoreçam a coleta de dados no campo, ou seja, na própria realidade dos estudantes que vivenciam essa problemática de produção textual, a partir do uso da Regência Verbal. A esse respeito, a seguir segue um comentário:

Na **pesquisa de campo**, o objeto/ fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dado é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseios por parte do pesquisador (SEVERINO, 2016, p. 132, grifo do autor).

As abordagens e os tratamentos sobre o objeto em estudo, entram em evidência na pesquisa bibliográfica. Esta modalidade possui uma contribuição relevante para a investigação do fenômeno linguístico, porque é por meio dela que os estudos teóricos serão empreendidos. Assim, efetuou-se buscas em documentos tanto impressos como digitais.

Nesse enfoque metodológico e bibliográfico, buscou-se, sobretudo por fontes, de preferências atuais, sobre a temática abordada, para isso, procurou-se realizar pesquisas em diversas fontes desde biblioteca públicas universitárias, particulares, sites da Internet, consulta a livros, enciclopédias, dicionários específicos sobre a temática em questão, leituras de teses, leitura de dissertações de mestrados, tanto no âmbito do mestrado profissional, como no âmbito do mestrado acadêmico.

Em suma, todas essas fontes representam caminhos a serem traçados em busca de respostas para o fenômeno linguístico em análise.

No âmbito da pesquisa relacionada à *Internet*, cabe frisar que as pesquisas a serem feitas terão o cuidado de se restringir a sites e pesquisadores especializados no assunto, para não se correr o risco de usar fontes não confiáveis ou com pouca perícia sobre o tema em apreciação. Por isso, este trabalho ao se utilizar de fontes oriundas do meio eletrônico primará pela cientificidade dos conteúdos, dessa forma, as pesquisas a serem realizadas neste trabalho, preocuparam-se em respaldos profissionais dos ambientes requeridos, como por exemplo, páginas de pesquisadores renomados, sites de universidades, sejam elas públicas ou privadas, mas que possuam reconhecimento profissional da comunidade científica, pois a rede mundial de computadores se apresenta como uma ferramenta poderosa de acesso ao conhecimento. Sobre sua relevância, tem-se o trecho que segue:

A Internet, rede mundial de computadores, tornou-se uma indispensável fonte de pesquisa para os diversos campos de conhecimento. Isso porque representa hoje um extraordinário acervo de dados que está à disposição de todos os interessados, e que pode ser acessado com extrema facilidade por todos eles, graças à sofisticação dos atuais recursos informacionais e comunicacionais acessíveis ao mundo inteiro (SEVERINO, 2016, p. 145).

Por esta análise, a pesquisa na Internet é uma aliada na investigação do objeto em análise. Em razão de possuir fontes teóricas a serem investigadas, como livros, revistas, artigos científicos, entre outros que representam referências para a construção do conhecimento. Portanto, as leituras que serão feitas para a fundamentação da continuidade deste trabalho terão esse olhar de confiabilidade e segurança com as informações que venham a ser absolvidas durante a consecução e andamento da pesquisa.

É nesse sentido que se apresenta o fragmento abaixo, o qual aborda, não somente o conceito sobre o que é a pesquisa bibliográfica, mas, sobretudo, explicita seu objetivo enquanto atividade de significativa expressividade para o primeiro passo de uma pesquisa. Portanto, tem-se as palavras do autor:

Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa, sua finalidade é conhecer as diferentes contribuições científicas sobre o assunto que se pretende estudar. O objetivo é revisar a literatura existente não repetir o tema de estudo ou experimentação. Entende-se, assim, o motivo da revisão bibliográfica ou revisão de literatura, que consiste em um levantamento do que existe sobre um assunto e em conhecer seus autores. Acrescentando-

se, ainda, a necessidade do estado de arte (verificação do que já se produziu e publicou até o momento sobre o assunto) (GONÇALVES, 2014, p. 59).

Note-se que, todas as contribuições disponíveis que se disponha sobre o objeto da pesquisa são significantes, por isso, fazem-se necessário a revisão da literatura disponível. Isso permite que o pesquisador fundamente cada vez melhor seu trabalho e disponha de novos conhecimentos teóricos e aprofundados sobre a pesquisa em curso.

Diante da abordagem supracitada, reafirma-se a necessidade de aprimorar-se os estudos sobre a prática da regência verbal em textos dos alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública estadual em Caxias-Ma, pois verifica-se que esse assunto ainda se constitui uma realidade séria no que tange a experiências desses alunos com a produção textual.

6.2 Sujeitos e Campos de Pesquisa

No mês de agosto do exercício do ano letivo de 2017, realizou-se a etapa da coleta de dados. A turma escolhida foi a de 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da rede estadual do Maranhão, do município de Caxias. Essa escola está localizada no centro da cidade. A turma a ser analisada possui 25 alunos, sendo 13 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, com uma faixa etária entre 13 a 16 anos.

Com relação à escolha da turma, um dos motivos que levaram a predileção por ela, foi pelo fato de os alunos estudarem a temática da Regência Verbal nela, além disso, durante toda a vida estudantil, há o contato do aluno com o emprego de verbos em textos, pois é constantemente desafiado a escrever.

A escola na qual se executou a pesquisa possui 08 turmas, do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Funciona nos turnos matutino e vespertino. O quadro de professores é constituído de 32 docentes, com um total de 480 alunos.

A escola em questão possui 08 salas de aula, 1 sala para professores, 1 biblioteca, um laboratório de informática, que por falta de um profissional especializado para cuidar do atendimento aos alunos, funciona esporadicamente e uma diretoria, 1 cantina, uma sala de AEE, Atendimento Educacional Especializado e 7 banheiros.

6.3 Corpus

Com relação ao corpus para efetuar a análise, ele foi composto por 25 textos, colhidos a partir de uma atividade de produção textual espontânea, com base na leitura do poema: meus oito anos”, de Casimiro de Abreu. A leitura desses textos serve como base para o estudo dos elementos elencados nas categorias de análise que se apresenta no tópico seguinte.

6.4 Categorias de Análise

Quadro 05: Categorias de análise conforme a transitividade verbal

OBJETO DE ESTUDO	OCORRÊNCIA DA REGÊNCIA VERBAL NO TEXTO DOS ALUNOS.	CATEGORIAS DE ANÁLISE	Categorias
Regência Verbal no texto escrito dos alunos.		Verbo intransitivo (VI CI)	I
		Verbo transitivo direto (VTD CII)	II
		Verbo transitivo indireto (VTI CIII)	III
		Verbo transitivo direto e indireto (VTDI CIV)	IV

Fonte: autor da pesquisa

No estudo da regência verbal o aspecto da transitividade dos verbos contribui para se entender melhor a relação entre eles, complementos, termo regente e termo regido. Em função disso, resolveu-se adotar na análise dos casos de regência empregada pelos alunos em seus textos com base na classificação dos verbos sobre o aspecto da transitividade, isso porque no estabelecimento da relação verbo-complemento, os sentidos envolvidos nessa construção da oração dependem da transitividade de cada verbo utilizado, bem como seu significado.

Categoria I CI) (verbo intransitivo VI)

Analisar se os alunos empregam a regências desses verbos, conforme a sua predicação de sentido completo.

Verificar como esses verbos se apresentam no texto dos alunos, pois, embora seja um verbo que sob a ótica da tradição gramatical, exprime em si mesmo uma ideia completa é pertinente verificar como ele está sendo empregado pelos alunos nas suas construções frasais.

Categoria II (CII) (verbo transitivo direto VTD)

Verificar se o termo regido desses verbos, é utilizado com ou sem o uso de preposição, já que na relação entre verbo e complemento não há preposição obrigatória.

Analisou-se nesses verbos como ocorre o emprego dos alunos em relação à regência verbal, visto que na relação estabelecida entre termo regente e termo regido eles não exigem preposição, portanto cabe observar se esse critério vem sendo obedecido na produção textual deles.

Categoria III (CIII) (verbo transitivo indireto VTI)

Na relação entre termo regente e termo regido, aferir se os complementos se prendem aos verbos com preposição adequada à regência verbal.

Observou-se a utilização da regência verbal entre termo regente e termo regido, ou seja, examinar se com base no sentido do verbo ou da regência dele o emprego da preposição ocorre convenientemente ao que se prescreve as normas gramaticais.


Categoria IV (CIV) (verbo transitivo direto e indireto VTDI)

Examinar se a regência desses verbos que exigem dois complementos é utilizado adequadamente nos textos dos alunos. Observando também o sentido deles e os usos das preposições adequadamente.

Verificou-se nesse tipo de verbo, o aspecto da regência verbal considerando seu sentido e sua ligação com os dois complementos que ele exige, observando os usos adequados das preposições, conforme o sentido empregado em cada verbo.

6.5 Instrumento de coleta de dados

O instrumento utilizado para coletar os dados nesta pesquisa foi o poema: “Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu. A escolha do poema se deve ao fato de a poesia ser uma leitura leve, agradável e que mais se aproxima da espontaneidade do ato de ler. Posteriormente, foi solicitada a produção de texto espontânea com base na leitura do poema que segue:



Meus oito anos
Casimiro de Abreu

*Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo das laranjeiras!*

*Como são belos os dias
De despontar da existência!
— Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino d'amor!*

*Que auras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingenuo gozar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheio,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!*

*Oh! dias de minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risada manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe os carícias
E beijos de minha irmã!*

*Libre filho das montanhas
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
— Pés descalços, braços nus
Correndo pelas campinas
À mão das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!*

*Naqueles tempos diltosos
Ia colher as pitangas,
Trepava o tirar os mangas,
Briava à beira do mar;
Rezava os Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Apostrophia sorrindo
E despertava a cantar!*

[...]

*Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
— Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo das laranjeiras!*

Lisboa, 1857.

Enciclopédia Itaú Cultural — Literatura Brasileira
Disponível em: <www.itaucultural.org.br>

Fonte: O Romantismo olha para o mundo de forma apaixonada e ideal. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=poemas+meus+oito+anos+de+casimiro+de+abreu&source>.

Depois da leitura do poema, foi proposta uma atividade de produção textual com o título de “Minha infância”: Nessa produção os alunos escreveram seus textos de forma espontânea, com base em suas interpretações sobre os sentimentos exteriorizados por meio da leitura do poema.

Após a coleta de todos os textos produzidos por eles, foram executadas as análises do emprego da regência verbal encontrada nas suas produções escritas, conforme foi explicitada nas categorias de análises descritas.

Nesta etapa de coleta de dados obtidos entre em destaque o trabalho sistemático de organização e classificação de todo o material recolhido, Toda essa sistemática passou por três fases a de seleção, a de codificação e de tabulação. Conforme explicitadas a seguir:

- a) **Seleção:** De posse dos dados coletados, é necessário fazer uma análise crítica para identificar informações falsas, confusas ou distorcidas. É interessante verificar se os dados coletados estão completos ou se é preciso retornar ao campo, para nova coleta.
- b) **Codificação:** utilizada para caracterizar os dados que se relacionam, conforme a sequência:
 - 1 – *Classificação dos dados*, agrupando-os sob determinadas categorias;
 - 2 – *atribuição de um código*, número ou letra de forma que a cada um deles seja atribuído um significado.A codificação possibilita a transformação do que é qualitativo em quantitativo.
- c) **Tabulação:** os dados coletados são dispostos em tabelas e gráficos, organizados de acordo com a estruturação anterior, servindo para facilitar sua compreensão e interpretação. Os dados são classificados pela divisão em subgrupos e reunidos de modo que as hipóteses possam ser comprovadas ou refutadas. Os resultados obtidos são analisados, criticados e interpretados (GONÇALVES, 2014, p.116,117).

Neste trabalho de pesquisa, a etapa de seleção deu ênfase às análises críticas, no intuito de verificar todas as informações colhidas com relação ao emprego da regência verbal e fizeram-se as interpretações cabíveis sobre o aspecto gramatical investigado nos textos. Os dados foram analisados procurando sempre pelo enfoque da veracidade das análises para não se coletar informações que gerassem dúvidas.

Na etapa de codificação, os dados foram classificados, conforme as categorias de análises expostas, pois o emprego da regência verbal encontrado nos textos foram analisados observando como os alunos utilizaram os verbos na relação entre termo regente e termo regido, atentando para o uso adequado dos complementos verbais, o sentido dos verbos e a utilização da preposição adequada na relação verbo – complemento.

Na fase de tabulação, os dados coletados foram organizados ou em tabelas ou em gráficos. Deu-se preferência pela opção que for mais conveniente para a exibição dos resultados. Sendo assim, a pesquisa apresentou os resultados obtidos sobre o fenômeno linguístico em análise e, além disso, acrescentou-se algo novo sobre a temática em questão, pois com base nas interpretações e análises, desenvolveu-se uma proposta de intervenção que se espera que contribua para uma aprendizagem profícua sobre o fenômeno linguístico em evidência

7 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo a análise dos dados foi realizada com base em 25 textos dos alunos sujeitos da pesquisa, observando o emprego dos verbos conforme as seguintes categorias de análises expostas no quadro seguinte:

Quadro 06: Descrição das categorias de análise

CATEGORIAS DE ANÁLISE	TRANSITIVIDADE DO VERBO	COMPORTAMENTO DO COMPLEMENTO VERBAL USADO PELO ALUNO
Categoria I (CI)	Verbo Intransitivo (VI)	Com complemento ou sem complemento
Categoria II (CII)	Verbo Transitivo Direto (VTD)	Com ou sem preposição.
Categoria III (CIII)	Verbo Transitivo indireto (VTI)	Utilização da preposição adequada à regência verbal ou uso de preposição incorreta.
Categoria IV (CIV)	Verbo Transitivo Direto e Indireto (VTDI)	Utilização de dois complementos, um com preposição e outro sem preposição.

Fonte: autor da pesquisa

Para, efetivamente, elaborar uma análise mais detalhada sobre o emprego da regência verbal nos textos dos alunos, optou-se por criar um quadro que apresentasse a forma como os textos foram, minuciosamente analisados, por isso, acima, reexibe-se, resumidamente, a distribuição das categorias definidas.

Para melhor entender o quadro que segue, há a explicação das letras presentes nele:

C1= Categoria 1, VI= Verbo intransitivo

C2= Categoria 2, VTD=Verbo transitivo direto

C3= Categoria 3, VTI=Verbo Transitivo Indireto

C4= Categoria 4, VTDI= Verbo transitivo direto e indireto

SC= Sem Complemento

CCP= Complemento Com preposição

CSP= Complemento Sem Preposição

T= texto

Essas categorias foram assim divididas para uma melhor compreensão da relação estabelecida entre verbo, complemento, ausência e/ou presença de preposição entre o núcleo verbal e sua complementação, já que esses fatores aliados aos sentidos verbais influenciam no emprego da regência verbal.

Quadro nº 07: Análise dos textos dos alunos por categoria

TEXTOS	C 1 VI			C 2 VTD			C 3 VTI			C 4 VTDI		
	SC	CCP	CSP	SC	CCP	CSP	SC	CCP	CSP	SC	CCP	CSP
1	3			4	2	7		2				
3	2					7		5	1			
4	3					8						
5	4					1		6	2			
6	3					15		2				
7	6			1		4		1				
8	2					4		4	1			
9	3				1	7		7				
10	7					3		2	3			
11	1			1		6						
12	4					4		4	2			
13	2					4		5	1			
14	2					11		3				
15	2					3		4	2			
16	8					9		1				
17	2					5		9	2			
18	2					5		9	1			
19	5				1	7		2	2			
20	9					4		8	1			
21	5					2						
22	2					8		3	1			2
23	3					1		7	1			
24	3					4		7	2			
25	2					11		2	1			
100%	100%	0%	0%	12%	16%	72%	0%	36%	64%	88%	4%	8%

Fonte: Autor da pesquisa

Com a efetivação dos dados encontrados, abaixo apresenta-se a análise de cada categoria de análises. Julga-se importante dizer que, dar-se destaque ao objeto investigado, contudo fez-se a análise da transitividade verbal em todas as categorias mencionadas, visto que as ocorrências encontradas com relação à complementação verbal são importantes para correlacioná-las ao uso ou não da regência verbal pelos discentes. Na tabela acima, o foco de análise recai sobre os alunos, visto que o sujeito em processo de aprendizagem representa a essência do objeto em pesquisa. É importante frisar que foram transcritas frases dos textos dos alunos para melhor exemplificar os usos deles, os textos na íntegra encontram-se nos anexos deste trabalho.

7.1 Verbo intransitivo (VI C1)

Com relação à categoria (C1) que são justamente os verbos de predicação completa, ou seja, não possui a exigência de nenhum complemento, visto que têm sentido por si sós. Averigua-se como se comportam tais verbos ao serem manuseados pelos discentes. Transcrevem-se, a seguir, os casos que mais chamaram atenção, inclusive coloca-se nessa categoria os verbos, que não são comumente usados como intransitivos, mas que foram empregados com essa predicação.

Em (T1) Há seguintes construções:

Ex1: Na minha infância eu não aprovei tanto.

Ex2: (...) Longe das tecnologias apreciava bastante.

Nesses casos, em que os verbos utilizados: “aproveitar” e “apreciar” que são comumente empregados com complementos caracterizando, portanto, a transitividade direta deles, no entanto não foram usados dessa forma, mas de maneira intransitiva. Evidencia-se, pois uma variação na transitividade deles.

Em (T9): ocorre a frase: *“Quando eu brincava de amarelinha não tinha para ninguém”*

Nesse exemplo, o verbo “*ter*”, na construção da frase assume o sentido do verbo “*perder*”, logo perde a transitividade direta, tem-se mais um exemplo de variabilidade da complementação verbal.

Em (T10), a aluna constrói as seguintes frases:

Ex1:(...) daquele tempo que brincava sem me preocupar,

Ex2: Ter infância se alegrar.

Aqui, os verbos “*preocupar*” e “*alegrar*” são colocados sem complementação. Apesar os gramáticos tradicionais, entre eles Bechara (2009) apontar que alguns verbos transitivos possuem comportamentos definidos. O uso dessas frases, suscita reflexões sobre como o emprego de verbos e seus respectivos complementos influenciam na regência deles.

Ainda em T(10) a aluna faz uso da seguinte construção sintática:

“(...) como não lembrar e brincar aquelas brincadeiras”.

Na língua padrão, não se deve dar um único complemento para verbos de regências diferentes. Em decorrência desse preceito, essa construção, não seguiu o padrão culto da linguagem. Isso pelo motivo das particularidades sintático – semânticas dos verbos que portam transitividade, estrutura argumental, além de

outros fatores sobre que intervêm em suas regências. Contudo, é necessário entender, os julgamentos e as escolhas linguísticas dos falantes. Visto que, nas hipóteses do trabalho, ressalta-se a necessidade de compreensão do emprego regencial dos alunos para tornar a aprendizagem desse conteúdo mais significativa para eles.

Deve-se observar, de acordo com Castilho (2014) que a transitividade organiza a estrutura argumental da sentença. Sendo assim, o estudante revela algumas inadequações quanto à relação termo regente e termo regido, é preciso, pois, aprimorar a competência linguística do aluno com relação ao uso de estruturas distintas para verbos de regências diferentes, ou seja, cada verbo pede a complementação conforme o seu sentido

T(11) “*O ruim é quando eu contava, daí eu*”.

O verbo em destaque é colocado na frase sem a utilização de complemento. O estudante adequa o verbo a sua complementação para estabelecer o sentido com a relação global do texto. Pode-se inferir que o falante estabelece a relação da significação verbo transitivo sendo usado como intransitivo. Alguns autores como Bechara (2009), Cunha & Cintra (2007) reconhecem a possibilidade da variação da regência verbal quando esta é influenciada pelo contexto. Ou seja, o verbo, acima, comumente empregado como transitivo direto, pode assumir, o perfil da intransitividade, Portanto, esse tipo de constatação revela a instabilidade da transitividade. Em suma, Nessa categoria, não houve verbos intransitivos utilizados com complementos, Logo, nos verbos analisados houve o respeito a intransitividade deles e, conseqüentemente, à sua regência. Percebe-se, no entanto, conforme mostram-se, nos exemplos, que alguns verbos Transitivos assumiram o aspecto da intransitividade.

7.2 Verbo Transitivo Direto (VTD C2)

A segunda categoria analisada (C2), diz respeito ao comportamento do verbo transitivo direto, inserem-se, a seguir, os fragmentos de texto que julga-se mais pertinente com relação a esse fato em análise.

Em (T11) realiza-se a construção: “*Pensando que era comida*”

O verbo pensar é empregado sem a presença da preposição em, que comumente o acompanham em construções da norma culta da língua. Porém, Usa-se com a expressão “que era” mais utilizada em situações coloquiais de uso da língua.

Em (T12) e (T24), verifica-se, sucessivamente, as seguintes construções:

“Me lembrei ainda hoje”.

“Assistir filmes com meus irmãos.”

Os verbos lembrar e assistir são empregados desprovidos de suas regências prescritas pela norma padrão. Há o descuido quanto ao uso correto das preposições adequadas. Nos exemplos a seguir, discorre-se mais sobre a ocorrência de tais verbos.

Em (T 5) o aluno redige a seguinte frase:

“Na minha infância eu lembro bem, brincava muito com meus colegas de rua”.

Aponta-se a ocorrência do verbo “lembrar” o qual de acordo com Pasquale e Ulisses (2008) é transitivos direto quando não é pronominal. Ou seja, não são acompanhados de pronomes oblíquos (me, te, se, lhe...) No fragmento em análise a ordem indireta da frase impossibilitou uma construção adequada para a sua regência, ou seja, se a frase estivesse na ordem direta ficaria assim: “ *Eu lembro bem a minha infância,*” observe-se que nessa construção desaparece o “na”, já que o verbo é utilizado com a transitividade direta e, nesse caso, a contração na não seria necessária ao contexto frasal, contudo, observou-se nas análises que 16% dos alunos optaram pela complementação com preposição em verbos transitivos diretos, fato que não é admitido pela propriedade da regência. Nesse caso, do fragmento do aluno embora não tenha havido o emprego de pronomes oblíquos junto com o verbo lembrar ele foi usado com a preposição.

Em (T8) observa-se o seguinte período:

“A primeira vez que fui a escola”.

Nesse exemplo, o verbo ir escrito sem o acompanhamento do acento grave, denota a ausência da preposição a, requerida pelo verbo ir, ir a revelando a inadequação linguística quanto à ótica regencial.

Embora a regência verbal não tenha sido adequadamente utilizada por conta da ausência do acento grave que caracteriza a presença da preposição “ fui à”, destaca-se que o aluno ao produzir frases e se fazer compreendido pelo que escreveu, faz uso, portanto, da cognição e exprime sua competência linguística em redigir e ser

compreendido pelo que disse, para a ciência gerativa o funcionamento da mente humana ao efetivar frases orais ou escritas é fruto de uma atividade mental extremamente complexa. Essa visão é justificada por Kenedy (2013, p.13, grifos nossos) para ele “dentre as diversas habilidades cognitivas de nossa espécie a capacidade de **produzir e compreender frases e discursos** é uma das mais notáveis”

Ainda em (T8) o aluno usa a seguinte construção:

“Os professores eram bastantes legais e alegres e nas brincadeiras participavam ”,

Considerando o ponto de vista da gramática de valência o verbo “participar”, usado na frase, implica dois lugares vazios a serem preenchidos, referentes aos participantes (professores) e daquilo que se participa (brincadeiras), o aluno, portanto, cumpre em sua construção sintático-semântica o preenchimento do significado exigido pela valência do verbo participar. Nesse processo de construção, muitas vezes, a ordem em que os termos são colocados pode influenciar no uso da preposição, constata-se na frase acima o complemento, “nas brincadeiras” vem antes do verbo “participar” o que implicou na inserção ou troca da preposição “das” por “nas”

Assim, cabe ressaltar, nesse contexto de discussão, que o papel da escola enquanto instituição responsável pelo ensino da norma culta é direcionar a aprendizagem do estudante para a complementação verbal e as preposição necessárias à complementação do sentido. Ou seja, observar a relação entre termo regente e termo regido imposta pela transitividade. Pois, as prescrições sobre o uso da Língua Portuguesa, suas particularidades coexistem e são importantes para aprimorar possibilidades cognitivo-comunicacionais. Antunes (2007) ressalta que o aprendizado de uma gramática pelo entendimento de suas flexões, distribuição e arranjos dos constituintes linguísticos para a construção de frases e períodos é fundamental para o aprimoramento linguístico do falante.

Já em (T9) encontra-se as seguintes ocorrências

Ex1: “Lembro-me muito bem da minha infância”,

Ex2: “Lembro dos dias em que em que a luz faltava.”,

Ex3: Lembrar de minha infância”.

Nas três construções aparece o verbo lembrar, nota-se que na primeira ocorrência o verbo é acompanhado do pronome oblíquo átono, portanto, o uso da preposição da está adequado aos padrões cultos da língua e nas duas seguintes há a ausência do pronome, sendo desnecessário o uso de (“dos”, ex1 e de “no” ex2).

Logo do ponto de vista da Tradição Gramatical a primeira ocorrência obedece ao que prescreve a norma culta, já as duas subsequentes são inadequadas.

Pretende-se destacar, entretanto, o fato de que a estrutura argumental do verbo nos três fragmentos deve ser observada considerando os argumentos e adjuntos, visto que do ponto de vista gerativo o predicador (lembrar) seleciona dois argumentos (me, de minha infância) que compulsoriamente devem estar ligados a ele. No caso em tela, no primeiro exemplo “*Lembro-me muito bem da minha infância*”, a expressão sublinhada, já que não estava previsto como argumento do predicador lembrar, caracteriza-se como adjunto. A frase, portanto, teria sentido, mesmo com a ausência do adjunto “*muito bem*”, contudo ele pertence a construção sintática da frase e ao repertório linguístico do aluno. Nesse sentido, Kenedy (2013, p. 155) afirma que “Os adjuntos de uma sentença são selecionados de acordo com o planejamento de fala dos indivíduos.” ou seja, os adjuntos são empregados conforme a capacidade cognitiva do aluno ao construir frases e discursos.

Em (T9) o aluno, apresenta ainda, o frase

“(...) *Não tinha para ninguém*”.

Nesse exemplo, o verbo ter foi utilizado com complemento acompanhado de preposição, como já dito, 16% dos alunos pesquisados optaram por esse tipo de complemento, embora seja um verbo transitivo direto em que o termo regido não requer o uso dela. Nesse exemplo, percebe-se a abrangência da Língua Portuguesa no campo do significado, em razão de o verbo assumir outra conotação além daquela habitualmente usada, já que o verbo ter de acordo com Luft (2008) é verbo transitivo direto no sentido de “ter a posse de ”ou “possuir”.

No fragmento do aluno, não assume, portanto, o sentido geralmente usado. O verbo ter assume a conotação de “perder” como se o aluno quisesse proferir a frase “*Não perdia para ninguém*”. O aluno faz uma analogia da estrutura sintática dos verbos para efetivar a complementação, vejamos:

Uso comum do verbo *perder* (*Não perdia para ninguém*)

Analogia do aluno com o verbo *ter* (*Não tinha para ninguém*)

Portanto, revelou-se que o trabalho cognitivo dos falantes, algumas vezes, ao usar verbos e frases da língua é feito por comparação de estruturas sintáticas com verbos diferentes na transitividade e, conseqüentemente, influencia a regência.

Já em (T13) o aluno usa a frase:

“(...) *Quando chegou o fim de semana. Não gostei muito*”.

Em (T17) (...) *“estudei até o quinto ano gostava muito”*

No fragmento (T13) o vínculo de subordinação estabelecido entre o verbo “gostar” e o sintagma “fim de semana”, permite perceber que um completa o sentido do outro e nessa relação significativa a preposição responsável pela ligação entre eles não se apresenta, ou seja, são verbos transitivos indiretos usados como diretos. Exemplos desse tipo aparecem em 64% dos empregos linguísticos do pesquisados. Em outras palavras, a ligação entre verbo e complemento é feita de maneira que aquele define qual conectivo preposicional será utilizado para iniciar o complemento. A gramática de Valência estudada em capítulos anteriores confirma tal fato.

Por isto, as preposições representam elementos que participam, não apenas da construção sintática dos enunciados, mas dos sentidos que eles carregam consigo, vale ressaltar, nesse contexto, as colocações de Castilho (2014, p. 583). Para o autor, “frequentemente os gramáticos afirmam que as preposições são palavras “vazias de sentido” (...) nessa gramática, vamos admitir que cada preposição tem sentido de base, espacial ou de tempo”. Pois a semântica verbal deve estar em sintonia com a semântica cognitiva. Ou seja, em consonância com os usos da língua são compreendidos pela cognição humana.

(T24) *“Gostava viajar”*

A forma verbal gostar é usada sem o complemento e sem a devida preposição. Para Kenedy (2013) fazendo referência ao gerativismo de Chomsky, afirma que frases como essas devem ser consideradas agramaticais, devido à ausência do componente preposicional à estrutura frasal. Ou seja, se uma pessoa escreve ou profere frases como: *“Pedro gosta refrigerante”*, *“Ana dormiu pijama”* e *“João ficou cama”*, ela não está obedecendo a estrutura argumental do predicador “gostar” o qual pede a presença do sintagma preposicional, não obedece, pois, às regras tácitas da língua.

(T24): *“Gostava também mexer de computador”*

Observa-se nessa sentença, que a preposição de foi utilizada de uma forma que caracteriza a agramaticalidade da frase, já que não atende aos padrões da gramática, devido ao deslocamento estrutural dela. Nesse caso, o padrão sintático estrutural foi desatendido. Assim, é muito importante a disposição dos termos na oração, bem como o impacto que essa disposição tem para a semântica frasal. Situações como essas devem ser discutidas com os alunos em sala de aula. Essa construção ratifica o que foi dito nas hipóteses sobre a importância do estudo da

regência verbal comparando-a aos usos dos discentes. Com o intuito de que eles compreendam, melhor, o padrão das estruturas das sentenças.

(T20) Aqui, o aluno faz uso da frase

“Pagar promessa “

No fragmento cabe destacar o uso adequado da regência verbal realizada pelo aluno. Assim, para o caso específico na visão de Terra (2011) o verbo pagar possui dupla possibilidade de regência, isto é, quando o complemento denota coisa, deve vir sem preposição; mas se o complemento denota pessoa, deve vir regido da preposição a. Ou seja, apesar dessa dualidade de regência prevista para o verbo pagar, o aluno a utiliza de forma adequada ao padrão culto. Demonstrando, portanto, um bom desempenho linguístico com relação ao emprego da regência desse verbo

Em (T23) há o uso do verbo assistir no fragmento:

“Eu gostava muito de assistir filmes”

(T24) *“Também por cinema assistir filmes com meu irmão”.*

(T18) Constatamos: *“Assistir as novelas”.*

Ao escrever o fragmento com um verbo de múltiplas possibilidades de regência, como é o caso de assistir é preciso ter em mente que ele prevê na sua significação, o que está implícito nos seus traços semânticos, já que a regência se refere à subordinação de palavras ao aspecto significativo verbal. É importante ainda, saber que a língua obedece a moldes sintáticos estruturais: sujeito, verbo, complementos (verbais, nominais) e adjuntos. Nessa relação sentencial, muitas vezes, os complementos exigem as preposições, elementos relevantes, porque servem para ligar sintagmas e estabelecer relação de dependência entre eles.

No caso do verbo assistir segundo Bechara (2006, 2009), Ferreira (2011), Azeredo (2010) e Cunha e Cintra (2007) afirmam que “assistir” pode ser utilizado em três situações possíveis, conforme o sentido que ele pode assumir nas orações os quais são: (ver, prestar assistência e caber ou pertencer). Entretanto, nas frases analisadas em que o verbo assistir ocorre, constata-se sua regência sendo empregada, apenas, relacionada à significação “ver, presenciar como expectador”. Verifica-se, ainda, que apesar de nessa acepção ele requerer a preposição a, não se evidencia o uso dela pela maioria dos alunos, como se observa nas frases acima. Infere-se, assim, que isso aconteceu pela não percepção da necessidade do uso da preposição regida pela transitividade do verbo que surge antes de um sintagma nominal nos fragmentos expostos.

7.3 Verbo Transitivo Indireto (VTI C3)

Outra categoria analisada são os verbos transitivos indiretos (C3). Ela é uma categoria de relevância dentro deste trabalho, porque os verbos transitivos indiretos requerem preposições aos seus complementos e averiguar, portanto, a habilidade do aluno em efetuar o emprego da preposição adequadamente ao sentido verbal e a sua intransitividade constitui uma tarefa desta pesquisa que influi diretamente no conhecimento relacionado ao nosso objeto de estudo.

Em (T1) “Eles me fazem lembrar o quanto era legal”.

Em (T9) Encontra-se as seguintes ocorrências:

(T9a) *“Lembro-me muito bem da minha infância”*

(T9b) *“Lembro dos dias em que em que a luz...”*

(T9c) *“Lembrar de minha infância”.*

No que se refere ao uso do verbo lembrar, segundo Ferreira (2011) a presença do pronome oblíquo átono na frase exige do verbo complemento com a preposição *de* (objeto indireto). Nessa categoria, 36% dos alunos pesquisados utilizaram a complementação com auxílio de preposição como exemplo de construção correta, temos os exemplos abaixo:

“Esqueci-me do guarda-chuva”,

“João se lembrou do dia do aniversário”

Esses tipos de construções, porém não ocorreu no fragmento exemplificado em (T1) . Percebe-se que o emprego pelo aluno do pronome oblíquo átono *me* antes do início da locução verbal, “faz lembrar” consubstancia a necessidade de utilização da preposição, portanto, segundo a GT a frase deveria ser construída da seguinte forma em (T1): *“Eles me fazem lembrar do quanto era legal”*. Logo, a regência verbal de *“lembrar”* não foi observada pelo discente na construção da frase. O aluno utiliza, ainda, o pronome *me*, antes da locução verbal, uma vez que segundo Sarmiento (2012) na Língua Portuguesa atual, o posicionamento mais comum do pronome oblíquo é entre o verbo auxiliar e o verbo principal. Como na frase: *“A cidade vai se preparar para a festa”*. Portanto, nesse caso, a regência não foi observada, conforme os padrões cultos

Em (T2) o aluno escreve a seguinte frase:

(...) *“Comecei à brincar de novo”.*

Em (T5) *“Eu comecei à estudar com 2 anos “.*

(T8) “(...) *a vontade de aprender à ler*”.

Nesses casos, evidencia-se o uso do acento grave antes de verbos no infinitivo, infere-se que nesses trechos que os alunos sentem a necessidade de utilizar o acento grave e respeitar a transitividade do verbo “*Começar*” e “*aprender*” os quais exigem a presença da preposição *a*, *no entanto* não se atém ao fato de que não se utilizar o acento grave antes de verbos no infinitivo, conforme prescreve a gramática normativa.

Diante dessa situação de uso, percebe-se que houve um equívoco, não por conta do desconhecimento quanto à transitividade verbal de “*começar*”, porém pela ausência de entendimento quanto ao uso da crase antes de verbos conjugados no infinitivo.

Os casos abaixo, tratam de algumas limitações dos alunos em lidar com a transitividade do verbo “ir” no sentido de deslocar-se de um lugar para outro. Sabe-se que as prescrições da gramática normativa sobre o uso da regência desse verbo consentem com o que diz Abaurre (2010) o qual prescreve **ir a** (quando não há a intenção de permanecer) e **Ir para** (há a intenção de permanecer). Portanto, o uso da preposição correta é necessário para a efetivação da finalidade do enunciado. Para esta categoria a utilização da preposição inadequada a complementação verbal foi revelada em 64% dos casos analisados. Encontra-se esse fato, em exemplos a seguir:

Em (T3) encontram-se as seguintes construções frasais:

(T3a): (...) “*sempre quando eu ia pra casa da avó*”.

(T3b): “*Só gostava de ir pra fazenda...*”

Em (T20) observa ainda:

(T20a): “*la pra suas casas*”.

(T20b): “*Ir pra praia*”.

Nessa mesma linha em (T3): Observa-se

(...) “*ir para a escola*”.

Em (T5) também há a ocorrência:

(...) “*ir para a escola*”.

Já em (T13) temos:

“*Fomos todos para a praia*” e *Fomos para um festival lá*”.

(T17a): “*Vou para a casa do primo*”.

(T17b): “*Vou para o interior*”.

A respeito da utilização da regência verbal de “*ir*” nos fragmentos já citados os alunos ao utilizarem em suas construções tal verbo nos exemplos referidos, optam pela utilização da preposição para, escrita “*pra*”. Dois fatos são importantes e que devem ser ressaltados sobre a regência de *ir*. Em primeiro lugar, em nenhum dos casos se observa a preferência dos alunos pelo emprego da preposição “*a*”, seja porque desconhecem a regência do verbo, seja porque dão preferência ao “*pra*”. Conforme disseram, 64% dos alunos, ao usar verbos transitivos indiretos, não apresentaram a preposição adequada ao complemento. Assim, ao escreverem a preposição na forma reduzida “*pra*” eles explicitam a influência da linguagem informal sobre a modalidade escrita da linguagem, ou seja, os falares do contexto do dia a dia intervêm, fortemente, na produção escrita deles.

No que tange à preposição “*para*”, cabe dizer aos alunos que ela deve ser expressa com sua pronúncia e escrita integral, sobretudo na variedade escrita da língua. Nesse sentido, diferenciar o uso das preposições e perceber os casos específicos em que se pode usá-las é um caminho a ser apontado durante o processo de ensino. Portanto, cabe ao aprendiz, sob direcionamento escolar, diferenciar os usos e adequá-los a situações específicas. E a quem ensina, instruir que além do “*para*” o verbo *ir* pode ser acompanhado da preposição “*a*” ampliando as opções linguísticas do estudante, bem como sua gramática. Evidencia-se, pois, que os conhecimentos basilares de uma disciplina não podem ser desprezados.

Em cada um dos trechos é possível observar a utilização da preposição “*para*” logo após o verbo *ir*, isso porque de acordo com sua regência ele é acompanhado de “*a*” ou “*para*”. O importante, aqui é a ampliação do domínio linguístico do aluno. Uma vez que, Saber lidar com a organização das palavras e preposições adequadas na sentença contribui para alcançar o sentido desejado. Pois, dependendo da preposição utilizada junto a forma verbal, atinge-se efeitos de sentido distintos. Sobre essa questão, Travaglia (2003) aponta a necessidade em trabalhar e discutir sobre os variados empregos da regência dos verbos, chamando a atenção para os distintos e possíveis usos de cada forma verbal associada à preposição adequada para mostrar as possibilidades significativas de cada uma delas.

(T21): o aluno utilizou, ainda:

“*la a mina*”

Assim sendo, percebe-se, nesse exemplo, diferentemente dos outros casos, que o discente usa “*ir a*” em lugar de “*ir para*”. No entanto, não demonstra a

habilidade em operar linguisticamente com a regência do verbo *ir*, visto que não utilizou o acento grave que caracterizaria o acompanhamento da preposição.

Assim, por um lado ele não elege a preposição “*para*” mais usada nas outras ocorrências apresentadas em construções frasais com verbo “*ir*”, ou seja, apenas acompanhado da preposição “*para*” ou “*pra*”. Por outro lado, o artigo “*a*” aparece na frase por conta do sintagma nominal feminino “*mina*”.

A respeito da opção do aluno em utilizar com mais frequência o verbo “*ir*” acompanhado da preposição “*para*”, detectou-se que isso se deve ao fato de com complementos do tipo locativos de lugar e instituição e de finalidade os alunos priorizam o empregam, em sua maioria “*ir para*”.

Em vista disso, compreende-se o quanto é útil o satisfatório emprego adequado da regência verbal em textos, pois na relação entre verbo e complemento, dá-se de forma que o verbo determina qual conectivo será empregado para introduzir o complemento. Porém, há casos, em que o complemento pode definir a preposição. Assim, ambos os empregos são significativos, tanto para a ordem de conveniência gramatical, quanto para a transmissão semântica coerente do enunciado linguístico e, assim, atingir o fim comunicativo textual proposto.

Dando continuidade as análises com o verbo “*ir*”, Em (T7) encontra-se:

“*la para a casa do meu avô*”.

Em (T24) observa-se:

“*Eu gostava de ir para aniversário*”

É importante ressaltar, com base nesse fragmento textual do aluno, o estágio linguístico dele, ou seja, alguém que está em processo de aprendizagem e enriquecimento vocabular. Nesse sentido, para Travaglia (2009) é preciso considerar a gramática internalizada do falante, em razão de seu progressivo amadurecimento linguístico, isto é, para essa gramática não podemos falar em erro linguístico, porém inadequação da variedade usada em determinado contexto de interação comunicativa.

Em (T4) destaca-se o uso que o aluno fez na frase:

(...) “*peessoas de hoje, todas estão sempre ligados a tecnologia...*”.

Nesse trecho, evidencia-se a ausência do fenômeno da crase, pois a fusão das duas vogais não foi assinalada pelo acento grave. Assim, a supressão do acento indicativo da crase, ou seja, a não percepção pelo aluno de que a preposição se funde com o artigo: “*ligados a a tecnologia*” traz à tona um desafio para o ensino em

ressignificar o aprendizado de que nas orações há termos regentes e termos regidos os quais se relacionam por meio da fusão de preposições com artigos.

Em (T6) o aluno redige a seguinte frase:

(...) *“e quando chegava à noite”.*

O verbo chegar é utilizado, geralmente como verbo intransitivo. Contudo, há casos nos quais ele pode ser escrito como transitivo indireto constituindo regência com as preposições a, de, para, em... Como é o caso exposto acima, assim, o aluno estabeleceu a regência do verbo de forma pertinente, ou seja, dentro das possibilidades da prescrição gramatical. Isso traz a tona o poder da língua em estabelecer sentidos diferentes. Esse fato, segue o que a GT preconiza quando prevê que determinados verbos podem apresentar a variabilidade em sua regência verbal quando mudam a transitividade.

Já em (T11) (...) *“minhas amigas gostavam mais de rabiscar as bonecas”.*

(T21) *“ia muito para a casa”.*

O uso do intensificador *“mais”*, em (T1), possibilita estabelecer reflexões sobre a construção da sentença pelo aluno. Ao longo deste trabalho de pesquisa, discutiu-se sobre a relevância da estrutura argumental do verbo, pelo fato de ela determinar as restrições seletivas no que se refere a complementação do sentido solicitado pelo núcleo verbal, visto que tanto sujeitos como complementos participam da saturação da estrutura argumental. Há, casos, porém, que item lexicais não requeridos pelo núcleo verbal, mas que participam do enunciado linguístico, conforme ocorre no exemplo acima com o item *“mais”*, sobre essa questão, comentam Mito et al (2016, p. 67, grifo do autor) *“(...) existem sintagmas que são licenciados numa sentença sem serem complementos ou especificadores de um núcleo. São os chamados **adjuntos**”.* É o caso do advérbio *“mais”*. Nessa mesma linha de raciocínio, Busse e Vilela (1986) e Perini (2016) colocam o advérbio (mais) como um elemento circunstancial à estrutura argumental. Outra construção similar aparece em (T12) *“esqueci até de comer”.* Nesse caso, *“até”* funciona como um advérbio de inclusão *“esqueci Até (= inclusive) de comer.*

No que se refere ao uso de verbos acompanhados de pronomes oblíquos átonos em (T15) encontra-se as seguintes construções:

“ Me lembro que quando brincava de esconde – esconde”, e “ Me lembro que minha equipe”.

(T18) *“me chamava” da manchete” e*

(T16) *“Ficava até tarde conversando...”*

“Nessas construções, em que a regência do verbo requer a presença do sintagma preposicional e isso não ocorre na sentença construída pelo aluno. A propósito dessa problemática em que é preciso identificar se a regência do verbo necessita ou não de preposição Miotto et al (2016) argumenta que a preposição está agregada ao aspecto seletivo de verbos como *“gostar de”, “precisar de”, “lembrar de”*. Portanto, as preposições estão relacionadas à estruturação das sentenças e ao funcionamento da língua.

7.4 Verbo Transitivo Direto e Indireto (VTDI CIV)

Os verbos transitivos diretos e indiretos correspondem a categoria quatro (C4). Por serem verbos de predicação incompleta e exigirem dois complementos um com preposição e outro sem preposição interessa, pois, as análises sobre a regência verbal, já que ela varia dependendo do significado que o verbo assume na frase.

Já em (T19) Aqui, o aluno faz uso da frase:

“Prometeu me dá um pouco de dinheiro que ela tinha”.

Explicando a dinâmica de utilização de verbos bitransitivos, também chamados de transitivos diretos e indiretos pela GT. Os teóricos Kato e Nascimento (2015) afirmam que o emprego desses verbos está relacionado aos verbos de transferência de posse e sempre pedem complementação de um argumento externo e dois argumentos internos. Nesse sentido, a complementação dos argumentos de um verbo bitransitivo está relacionada ao comportamento dele no que tange a relação de dependência ou subordinação semântica por exigirem dois objetos que caracterizam a sua bitransitividade. Isso não foi verificado em 8% dos usos dos discentes. E com relação a ocorrência desse tipo de verbo nos textos examinados, revelou-se poucos usos de verbos bitransitivos nos textos dos alunos.

Em (T17) destaca-se o uso que o aluno fez da seguinte construção: (...) *“jogamos e assistimos muito”.*

De acordo com Cereja e Cochar (2016) na norma culta da língua, não se deve dar a um único complemento para palavras que tenham regências diferentes, Em decorrência desse preceito, a construção acima não apresenta o aspecto completivo para o verbo jogar e para o verbo assistir, o aluno não deixa claro o que jogou nem ao que assistiu, a título de exemplificação, para a GT a frase deveria ser construída nesses termos *“jogamos futebol e assistimos ao filme”*. Por esse viés de

análise, considera-se que é preciso que o aluno tenha consciência das propriedades dos verbos e dos seus complementos para que nos usos formais da língua estabeleça, proficientemente, essa habilidade linguística.

Do ponto de vista da gramática de valência, as funções semânticas de preenchimento dos lugares vazios ou argumentos são previstos pela significação dos verbos. Ou seja, aos lugares vazios inerentes aos significados verbais, a gramática de valência os denomina de actantes, assim é importante que as construções das sentenças em textos se configurem conforme a valência verbal em prol do sentido coerente do próprio enunciado linguístico.

Já em (T22) :

“ Na minha infância conheci muitas coisas, mas preferia ter continuado inocente na vida”.

De acordo com Perini (2016) conhecer o verbo e seu significado dentro de uma oração ajuda a determinar os seus complementos. Assim sendo, o aluno precisa conhecer a regência de determinados verbos, como preferir, o qual deve ser empregado com dois complementos um sem preposição (objeto direto) e outro com a preposição a (objeto indireto). Em outras palavras, é significativo que o estudante saiba que verbos e complementos se distribuem dentro da estrutura sintático-semântica em diferentes paradigmas sintáticos, em conformidade com sua regência.

8 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Neste capítulo, apresenta-se a proposta de intervenção a qual é formulada com base nos conhecimentos teóricos apreendidos ao longo deste trabalho e nas análises dos textos dos alunos que proporcionaram uma visão prática do assunto aqui pesquisado, visto que representa uma posição didática daquilo que se observou no universo redacional de alguns alunos ao fazerem uso da Regência Verbal.

As sugestões, aqui, expostas constituem atividades as quais visam tornar o aprendizado da regência mais promissor, uma vez que se baseia nos estudos e nas análises evidenciadas no decurso da pesquisa. Por essa ótica, entende-se que o ensino de mecanismos gramaticais da língua devem ser considerados a partir dos seus usos e progressivamente ampliados. Ou seja, aperfeiçoar o aprendizado ou assimilação do discente sobre o assunto que está sendo ensinado.

Logo, aos docentes, concerne a responsabilidade de ensinar a norma culta sem desconsiderar as questões que envolvem as outras gramáticas explanadas durante elaboração deste trabalho, visto que a gramática de valências, a gramática gerativa e a gramática tradicional, bem como outras teorias gramaticais devem estar interligadas para um melhor ensino da Língua Portuguesa.

Aos alunos, cumprem a atitude de receber o ensino e adequarem-se às metodologias empreendidas pelos professores as quais visam a um melhor aprendizado de mecanismos gramaticais, evitando a passividade e colaborando com a edificação do próprio conhecimento.

Desse modo, apresenta-se a proposta de trabalho com cinco atividades didáticas que são oriundas de observações dos usos da regência em imagens e textos (linguagem verbal e não verbal), frases e exemplos do cotidiano, considerando tanto os usos orais quanto os empregos escritos. Reitera-se que as atividades didáticas inclusas na proposta, tencionam orientar o ensino da Regência Verbal em uma perspectiva instrutiva, analítica e reflexiva sobre a Língua Portuguesa em seus usos efetivos.

8.1 Estrutura da proposta de trabalho

A proposta de trabalho em questão se estrutura em atividades de ensino que emergem sob as lacunas e/ou dificuldades constatadas no processo de análise dos dados percebidos em textos de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da escola pesquisada. Cada atividade se consubstancia considerando os seguintes enfoques que a didatizam:

- I. Conteúdo
- II. Objetivo
- III. Tempo estimado
- IV. Material necessário
- V. Desenvolvimento
- VI. Avaliação

Cumprir dizer que esta proposta, além de estar baseada nos estudos empreendidos neste trabalho, partem do pressuposto de “como ensinar?” Conforme Piletti (2010) os procedimentos de ensino de uma atividade precisam considerar a maneira que os alunos absorvem as informações presentes sobre o conteúdo ensinado. Ou seja, o andamento das atividades segue linearmente do simples para o complexo, na busca de aprendizagens efetivas. Uma vez que, a maneira como se ensina um conteúdo é muito importante para quem está aprendendo.

Ainda se tratando do como ensinar, Vieira e Brandão (2013) apregoam que na busca do ensino da Língua Portuguesa na escola não se deve seguir um único caminho fechado, como solução única, porém perceber os saberes sobre a língua que entram em questão no contexto escolar e social. Assim sendo, considera-se que as teorias são fundamentais para o ensino de gramática, mas ligada a elas devem estar associadas práticas de ensino contextualizadas, como é o caso do aprendizado gramatical. Logo, inseri-las no meio escolar é uma forma de aumentar o interesse do discente pelo conteúdo em estudo.

Nesse sentido, as atividades, aqui, propostas suscitam a necessidade da diversificação das maneiras de ensinar para se atingir os objetivos propostos durante o ensino da regência verbal.

8.1.1 Atividade 01

Esta atividade considera a leitura que os alunos fazem cotidianamente em jogos de vídeo games, algo muito próximo das preferências de lazer deles e chama a atenção para uma reflexão sobre o uso da Regência verbal nos textos que falam sobre os jogos. Nesse viés de reflexão, chama atenção Antunes (2007) para a necessidade de uma compreensão mais ampla e mais relevante do que sejam os usos da língua para a vida das pessoas. Assim, as informações presentes nos textos em ambientes diversos precisam propiciar um entendimento claro das informações ali presentes e o uso adequado da regência contribui para a assimilação das informações linguísticas e comunicativas.

I. Conteúdo

- ✓ Transitividade Verbal e Regência Verbal.

II. Objetivo

- ✓ Conhecer os tipos de transitividade verbal existente na Língua Portuguesa.
- ✓ Perceber a presença das preposições na relação verbo e complemento.
- ✓ Compreender o conceito de regência verbal com base na leitura de textos.

III. Tempo Estimado

- ✓ Duas aulas (120 minutos)

IV. Material Necessário

- ✓ Textos fotocopiados
- ✓ Quadro de Acrílico
- ✓ Pincéis
- ✓ Caderno

✓ Livro

V. Desenvolvimento

É uma atividade que deve ser realizada posteriormente aos estudos sobre transitividade verbal e regência, visto que as questões do exercício requer o conhecimento básico sobre esses conteúdos. Por isso, utilizando o livro didático aliado à aula expositiva, o professor deve expor esclarecimentos por meio de exemplos escritos no quadro de acrílico e problematizações dialogadas com a turma.

A atividade traz consigo 5 questões, cujas perguntas ou indagações têm como base o texto sobre “gêneros de jogos de vídeo games”. Cada aluno precisa receber o texto fotocopiado para que todos, professores e alunos, possam efetivar a leitura coletiva tencionando, em um primeiro momento a compreensão da temática em si e discutindo sobre a influência dos jogos de vídeo Game na vida dos alunos. Após a compreensão do assunto central do texto, passa-se para a outra etapa da aula, a qual é constituída da entrega das 5 questões do exercício proposto com perguntas sobre transitividade e os mecanismos de flexão da regência verbal.

Nesse momento, os alunos terão um tempo para responderem às questões sem o auxílio do professor. Passado esse período, o professor fará a correção das questões utilizando o quadro de acrílico, nesse momento, os alunos podem interagir com o professor e com os demais colegas para sanarem as eventuais dúvidas e socializarem a fixação da aprendizagem do conteúdo. Veja-se o texto que segue:

Quais são os gêneros de jogos de vídeo game?

Figura 05: Garoto jogando vídeo game



Fonte: Quais são os gêneros de jogos de vídeo game? Disponível em: <https://designzeroum.com.br/quais-sao-os-generos-de-jogos-de-video-game/>. Acesso em: 19/12/2017.

Para aqueles que desejam trabalhar com o design de games é muito importante conhecer os gêneros de jogos que são comuns de ser projetados. Hoje, serão apresentados alguns dos principais gêneros e subgêneros de jogos e uma descrição de como cada um deles funciona (...). Depois que eu escrevi um artigo aqui no blog falando um pouco sobre o design de games um grande número de pessoas começou a me escrever fazendo perguntas sobre essa área do design e me pedindo para falar sobre ela mais vezes aqui no Design Zero Um (...). Hoje em dia com o crescimento da área de desenvolvimento de jogos de vídeo games e de aplicativos para celular é cada vez maior o número de designers que se interessam por essa área fascinante e que possui os profissionais que mais se divertem. Existe uma infinidade de jogos disponíveis no mercado, porém a grande maioria deles se enquadra em, pelo menos, um dos gêneros que vou descrever aqui, que possui uma estrutura bem definida e que vem dando certo há muitos e muitos anos.

Ação

O gênero de ação é um dos que mais atraem adeptos por permitir que o usuário participe de uma aventura repleta de desafios e muita ação. Esse gênero exige que o jogador possua uma boa coordenação entre mãos e olhos para executar as ações exigidas. O gênero de ação possui vários subgêneros.

Figura 06: Garotos divertindo-se jogando vídeo game



Fonte: Quais são os gêneros de jogos de vídeo game? Disponível em: <https://designzeroum.com.br/quais-sao-os-geros-de-jogos-de-video-game/>. Acesso em: 19/12/2017.

Figura 07: Gênero Shooter



Fonte: Fonte: Quais são os gêneros de jogos de vídeo game? Disponível em: <https://designzeroum.com.br/quais-sao-os-geros-de-jogos-de-video-game/>. Acesso em: 19/12/2017.

Esse gênero consiste basicamente em atirar projéteis em inimigos. Assim como os jogos de ação eles exigem grandes reflexos dos jogadores e possui uma série de subgêneros que se diferenciam pela visão e posicionamento da câmera.

Figura 08: Gênero Adventure



Fonte: Fonte: Quais são os gêneros de jogos de vídeo game? Disponível em: <https://designzeroum.com.br/quais-sao-os-geros-de-jogos-de-video-game/>. Acesso em: 19/12/2017.

Os jogos do gênero adventure são caracterizados pela coleta de itens, gerenciamento de inventário e resolução de quebra-cabeças e desafios, os primeiros jogos dessa linha eram puramente baseados em textos. Um exemplo de jogo desse gênero é *Devil May Cry*.

Figura 09: Gênero Construção/gerenciamento



Fonte: Quais são os gêneros de jogos de vídeo game? Disponível em: <https://designzeroum.com.br/quais-sao-os-gerenos-de-jogos-de-video-game/>. Acesso em: 19/12/2017.

Neste gênero bem popular os jogadores devem construir e expandir uma determinada locação se utilizando de recursos limitados, eles podem ser baseados em histórias ou “brinquedos”. *Sin City* e *Zoo Tycoon* são bons exemplos desse gênero.

Figura 10: Gênero Esportes



Fonte: Quais são os gêneros de jogos de vídeo game? Disponível em: <https://designzeroum.com.br/quais-sao-os-gerenos-de-jogos-de-video-game/>. Acesso em: 15/12/2017.

Esses jogos se baseiam em competições esportivas sejam elas atléticas como o futebol ou o basquete, ou radicais como skate e snowboard. É bem comum vermos lançamentos anuais desse gênero. Exemplo desse tipo de jogo é a série *Tony Hawk*.

Para responder as questões de 01 a 05 considere os textos relacionados aos gêneros dos jogos de vídeo games.

1- Certos verbos possuem características da transitividade, ou seja, eles podem ser intransitivos, transitivos diretos, transitivos indireto etc. Isso depende da relação sintática estabelecida entre eles e os demais termos da oração. Considerando tal fato, Classifique os **verbos** e seus **complementos** quanto à **transitividade** nas frases a seguir:

a- Para aqueles que **desejam trabalhar** com o design de games é muito importante **conhecer** os gêneros de jogos que são comuns de serem projetados.

b- Depois que eu **escrevi** um artigo aqui no blog **falando** um pouco sobre o design de games.

2- Com base nas suas respostas da questão anterior, faça o que se pede nas alternativas a e b.

a- Os verbos aqui negritados, ligam-se a seus complementos com auxílio de preposição? Justifique sua resposta.

b- Por que, em alguns complementos a presença da preposição é necessária?

3- Leia o texto referente à classificação dos gêneros de jogos de vídeo games, em seguida, retire os verbos com suas respectivas preposições e nomes com preposições exigidas por eles.

Para efetuar suas análises, observe as respostas da primeira coluna.

Quadro 08: classificação dos gêneros de jogos de vídeo game

Ação	Shoter	adventure	Construção	Esportes
Verbo/preposição	Verbo/preposição	Verbo/preposição	Verbo/preposição	Verbo/preposição
Particípio/des				
Adeptos/por				
Repleta/de				

- 4- Ao observar as respostas da questão anterior sobre a relação verbo, nomes e preposição. Você concorda que somente verbos exigem a presença de preposições?

- 5- Durante a leitura do texto sobre o gênero: jogo de vídeo game, foram colocadas algumas preposições, embora não fossem exigidas por verbos e nomes no contexto em que foram usadas, como por exemplo: “gênero **de** ação é um dos...” e “o gênero **de** ação possui vários subgêneros”. Essas preposições não eram necessárias à construção dos respectivos enunciados. Fundamentados nas respostas das questões anteriores e nesses exemplos, construa um conceito para Regência.

VI. Avaliação

Ao finalizar a correção da atividade surge o momento de aferir a aprendizagem dos conteúdos estudados. O professor, portanto, deverá

questionar com os alunos sobre o aprendizado adquirido a respeito da transitividade e da regência verbal, através de discussão e análises com os alunos. Os questionamentos podem ser centrados nas questões mais relevantes as quais podem contribuir para dar mais segurança aos alunos quando forem utilizar a regência verbal, sobretudo em textos escritos.

8.1.2 Atividade 02

Essa atividade é importante, porque considera os padrões de escolhas de uso da regência em capas de revistas de circulação nacional e enfatiza a necessidade de reflexões sobre as regras que definem os padrões da língua, bem como suas intenções. Antunes (2009) considera relevante observar os modos de funcionamento da língua na sociedade para que o aprendiz perceba que o objeto de estudo faz parte das experiências observadas na vida social. Assim, o professor pode utilizar em suas estratégias e táticas de ensino.

I. Conteúdo

- ✓ Regência verbal e crase.

II. Objetivo

- ✓ Compreender a importância da preposição para a complementação do sentido em verbos que regem a presença delas;
- ✓ Perceber a relação de sentido adequada entre verbo e preposição.

III. Tempo Estimado

- ✓ Duas aulas (120 minutos)

IV. Material Necessário

- ✓ Quadro de Acrílico
- ✓ Pincel
- ✓ Datashow

- ✓ Computador
- ✓ Tela de projeção
- ✓ Internet ou slides com as imagens das capas de revistas
- ✓ Caderno

V. Desenvolvimento

Antes da execução desta aula é fundamental que em aulas precedentes, o professor, já tenha apresentado aos seus alunos noções básicas sobre crase, visto que a presença do **a** com o acento grave indicador da ocorrência dela é uma decorrência da regência do verbo. Contudo, nada impede o professor de utilizar o quadro de acrílico e fazer menção ao fenômeno da crase, ou seja, mostrar exemplos em que termo regente exige a preposição **a** e o termo regido com palavra feminina exigindo o artigo **a**. É importante ainda, que o docente exponha exemplos em que, embora haja a presença da preposição **a**, a crase não ocorre, para que o aluno internalize que nem sempre o acento grave vai acontecer

Dando continuidade, utilizando o Datashow é o momento de exibir a primeira capa da revista, sugere-se que seja feita uma leitura de todas as informações presentes nela, sem se preocupar, ainda com a regência do verbo. É a ocasião, também, para fazer explanações sobre o conteúdo presente na capa, tanto a linguagem verbal, como a linguagem não verbal. A intenção é que os alunos participem da aula colocando suas opiniões e pontos de vista sobre o que pensam sobre o assunto exposto.

Depois dessa etapa, é o momento de apresentar slides com o exercício que pontua questões voltadas para o fenômeno da regência verbal presente nas informações lidas. São quatro questões a serem resolvidas com o auxílio do professor.

Dando continuidade, e, na mesma lógica de procedimentos adotados acima, passar para questão cinco, a qual explora as capas das revistas *Época* e *Veja*, abordando ainda o fenômeno da regência associado ao uso da crase.

Vejam-se as Capas de revistas: Época, Veja e Isto é.

Capa 01: Estudo da regência Figura 11



Fonte: Revista época. Disponível em: <http://blogdoxandro.blogspot.com.br/2012/10/revista-epoca-n750-nas-bancas.html>. Acesso em 19/12/2017.

01- Faça a leitura da capa da Revista época acima e retire dos textos as preposições encontradas.

02- Após retirar as preposições das frases presentes na capa da revista, identifique os verbos que regem ou exigem a presença da preposição.

03- Em relação ao enunciado: “Esta cidade precisa de você”. Como a frase ficaria, se você substituísse o verbo **precisar** pelo verbo **amar**?

-
-
- 04- Ao fazer a substituição verbal na questão anterior, você notou que um elemento desapareceu. Na sua opinião, a que se deve essa ausência?
-
-

Capa 02: Estudo da regência Figura 12



Fonte: Veja, Época e Isto é dão um verdadeiro banho nos “jornais” Folha de S.Paulo, Estadão e o Globo. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=capas+da+revista+veja&source>. Acesso em 20/12/ 2017.

- 05- Ao ler as frases: “Dilma vai à guerra” e “... Pedir asilo à Itália” nas capas das revistas acima, você notou a presença do acento grave no “á”, é portanto, crase, ou seja, a fusão de duas vogais. Quais são elas? E quais palavras regem ou exigem a presença delas?
-
-
-

VI. Avaliação

É importante que a avaliação parta da premissa de que é preciso aferir com a intenção de averiguar a aprendizagem do aluno e não correr o risco de usar a avaliação da aprendizagem como forma de classificar os estudantes. Assim sendo, O que norteia o ato de avaliar, aqui, é contribuir para que os alunos avancem no aprendizado da transitividade verbal e da regência.

Observar se a maioria da turma conseguiu responder todas as questões do exercício proposto, pois durante a leitura dos trechos presentes nas capas das revistas ocorre a regência verbal e a transitividade. Ao professor, cabe, portanto, focalizar os pontos específicos dos objetivos propostos para esta atividade. Refletir com eles sobre a relação ente verbo e complemento na construção dos enunciados.

8.1.3 Atividade 3

Essa atividade é pertinente para o aprendizado da regência, visto que se fundamenta no emprego do objeto em estudo em textos presentes em livros didáticos como é o caso das tirinhas as quais relatam discursos linguísticos que ocorrem no meio em que o estudante vive. E ao professor conforme observa Oliveira (2010) precisa ter consciência dos objetivos das atividades que utiliza em sala de aula e, ao mesmo tempo, estabelecer relações com as práticas linguísticas para que o ensino tenha mais significação na sala de aula.

I. Conteúdo

- ✓ Uso da Regência Verbal em Tirinhas

II. Objetivo

- ✓ Perceber a ocorrência da regência verbal em textos como tirinhas;
- ✓ O emprego do verbo assistir;
- ✓ Conceituar regência verbal.
- ✓ Perceber a relação estabelecida entre verbos e seus complementos

III. Tempo estimado

- ✓ Duas aulas (120 minutos)

IV. Material Necessário

- ✓ Tirinhas fotocopiadas
- ✓ Quadro acrílico e pincel
- ✓ Caderno e livro didático

V. Desenvolvimento

Primeiramente, o professor, deverá efetuar a leitura da tirinha com a intenção de promover o entendimento da temática que ela traz, para isso efetuará indagações sobre a compreensão do assunto principal dela. É recomendável fazer uma breve revisão sobre os sentidos das preposições em seus contextos de usos e apresentar a regências de verbos como assistir e preferir, já que significações das preposições são fundamentais para adequada compreensão de frases e as particularidades de regência de verbos específicos é fundamental ser repassado ao aluno.

Enfatizar que existem verbos os quais exigem preposição e outros não, deixar claro que isso depende das relações sintático-semânticas deles na estrutura das orações. Explicar que nos estudos de regência, as regras gramaticais são importantes, sobretudo a compreensão das relações semânticas; Aos alunos, Sugere-se informá-los que a regência verbal é essencial para a construção de frases e textos. Enfatizar que há verbos os quais mudam o sentido em função da mudança da regência. Passemos as questões.

Figura 13: Tirinha. Leia a tirinha abaixo:



Fonte: Atividade de Português, Literatura e redação. Disponível em:

[https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=ilxbWpGJLoX5wgTL0ozwBA&q="+Tirinha](https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=ilxbWpGJLoX5wgTL0ozwBA&q=).

Na Tirinha acima, há a ocorrência de verbos os quais exigem a presença de preposições para estabelecer a ligação com seus complementos. A essas ocorrências, responda os quadros que seguem, conforme o modelo:

Quadro 09: Modelo para resolução de exercício

Primeiro Quadrinho		
Verbo	Preposição	Complemento
Preocupe	Em	Jogar os vasos de plantas fora dos parapeitos das janelas
Faremos	Por	você

Fonte autor da pesquisa

Quadro 10: Modelo para resolução de exercício. Questão 01

Segundo Quadrinho		
Verbo	Preposição	Complemento

Fonte: autor da pesquisa

Quadro 11: Modelo para resolução de exercício. Questão 02

Terceiro Quadrinho		
Verbo	Preposição	Complemento

Fonte: autor da pesquisa

Questão 03

Com base na respostas das questões anteriores, comente sobre a importância da preposição na relação verbo e complemento.

Figura 13: Leia a tirinha abaixo para responder as questões 04, 05 e 06.



: Fonte: Dica #48 assistir ou assistir a?. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Tirinhas>. Acesso em

21/12/201

Questão 04

O discurso utilizado nas tirinhas pode ser considerado de nível formal ou informal da Língua Portuguesa?

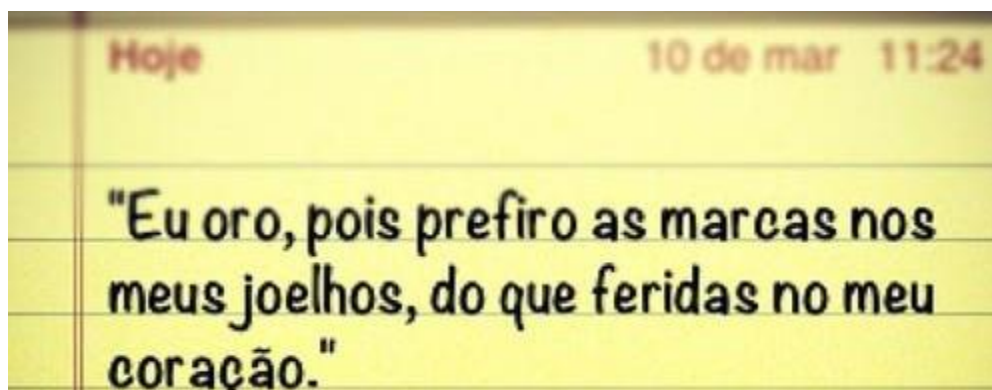
Questão 05

Os verbos assistir e preferir nas tirinhas acima estão sendo empregados em uma situação formal ou informal de comunicação?

Questão 06

Explique em que sentido os verbos assistir e preferir estão sendo utilizados?

Figura 15. Usos do verbo preferir.



Fonte: Deus fonte de vida. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=eu+oro+pois+prefiro+as+marcas&source>.

Questão 07

Explique por que os verbos assistir e preferir, dos textos da questão anterior, não obedecem ao que a norma culta considera como adequada?

Agora leia os conceitos de regência verbal abaixo para responder a questão 08.

Regência é a parte da gramática que trata das relações entre os termos da frase, verificando como se estabelece a dependência entre eles.

Terra (2011, p.286)

Em geral, as palavras de uma oração são interdependentes, isto é, relacionam-se entre si para formar um todo significativo. Essa relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais serve de complemento a outra. A palavra dependente denomina-se REGIDA, e o termo a que ela se subordina, REGENTE.

Cunha e & Cintra (2007, p.530)

A regência verbal se ocupa do estudo da relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementos (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais). Você sabe que o verbo gostar rege a preposição de (gostar de alguém ou algo), que o verbo concordar rege com (concordar com alguém ou algo), E o verbo ir? No Brasil, no dia a dia, na língua literária, nas letras de músicas, é muito comum “em algum lugar” (fui no cinema”, “Fui na praia”). Na linguagem culta formal, porém o verbo ir rege as preposições a e para: “Fui ao cinema”. “Ele foi para a Grécia”.

Pasquale & Ulisses (2008, p.509)

Questão 08

Com base nos conceitos apresentados anteriormente, como você define Regência Verbal?

VI. Avaliação

Após a correção das atividades, cabe ao professor direcionar a avaliação para verificar se o aluno internalizou o conceito de regência verbal. Conferir se os alunos perceberam as diferentes regências dos verbos em função dos seus sentidos. Analisar se os alunos depreenderam a importância das relações lógico-sintáticas estabelecidas pelos mecanismos de regência combinados a presença ou não de preposições.

Essa verificação pode ser feita em discussões com a turma, ocasião em que alguns alunos podem expor oralmente a definição de regência verbal depreendida após a aplicação da atividade. Nesse momento, o professor fará as devidas colocações de forma a aprimorar a aprendizagem dos estudantes.

8.1.4 Atividade 4

O valor desta atividade proposta reside no fato de que a atitude, do professor em trazer para a sala de aula os usos formais e informais da regência verbal, permite ao aluno perceber o que a gramática normativa prescreve e a importância da norma padrão para formação dele. Além disso, conforme prescrevem os Parâmetros Curriculares Nacionais essa postura do professor permite que o estudante reflita sobre as práticas linguísticas em seu contexto de vida. Nesta mesma linha de raciocínio, Bortoni Ricardo et al (2014) explica que nas aulas sobre regência verbal com exemplos concretos pautados nos usos e estabelecendo comparações com o que a norma padrão prescreve

sobre a regência auxilia o estudante quando ele for usá-la em seus discursos orais e escritos.

I. Conteúdo

- ✓ Uso Padrão e uso não padrão da regência verbal

II. Objetivo

- ✓ Analisar o emprego da regência verbal em frases usadas no cotidiano e considerar os empregos cultos da língua.
- ✓ Reconhecer os distintos usos regenciais de alguns verbos;
- ✓ Compreender como acontece a relação preposição e verbo nos usos formais e informais.

III. Tempo estimado

- ✓ Duas aulas (120 minutos)

IV. Material necessário

- ✓ Slides com as imagens
- ✓ Computador
- ✓ Datashow
- ✓ Caderno e livro
- ✓ Quadro de Acrílico e pincel

V. Desenvolvimento

Exibir em slides dois quadros que possuem frases com diferentes empregos verbos presentes nela, fazendo analogia entre os usos adequados da língua e os usos inadequados. Explicar aos alunos por meio das comparações expostas que na língua coexistem estruturas sintáticas as quais são utilizadas em conformidade e adequação à situação de uso. Contudo, informar que a tradição gramatical prescreve determinadas regras que a escola ensina e deve ser usada nos meios formais de comunicação. Isso significa dizer que, cabe ao usuário da língua avaliar a aceitabilidade dos empregos linguísticos em que ocorre o ato de comunicação. Nesse sentido, observe os quadros que seguem:

Quadro 12: Usos adequados e inadequados da regência verbal.

Forma inadequada	Forma adequada
Estávamos em seis na sala.	Estávamos seis na sala.
Eles eram em três irmãos.	Eles eram três irmãos.
Chegamos tarde em casa.	Chegamos tarde a casa.
Resido à rua sete de setembro.	Resido na rua sete de setembro.
Assistimos o jogo da Seleção.	Assistimos ao jogo da Seleção.
Contribuiu com o sucesso do filho	Contribuiu para o sucesso do filho
O time empatou em 0 a 0.	O time empatou por 0 a 0.
Entregamos a domicílio.	Entregamos em domicílio.
Estava ao ponto de desistir.	Estava a ponto de desistir.
Você era, a grosso modo, o melhor.	Você era, grosso modo, o melhor.
Ficava mais rico à medida em que o tempo passava.	Ficava mais rico à medida que o tempo passava.

Dicas de Português - SOS Online

Fonte: O blog de redação: cuidado com a regência. Disponível em: <http://oblogderedacao.blogspot.com.br/2013/09/cuidado-com-regencia.html>. Acesso em 19/12/2017.

Quadro 13: Empregos da regência Verbal.

Verbo	Emprego na variedade coloquial	Emprego na variedade padrão
Assistir	Ontem assisti um jogo de futebol	Ontem assisti ao jogo de futebol
Ir	Ninguém vai no médico amanhã	Ninguém vai ao médico amanhã
Chegar	Na semana passada, o trem chegou na estação	Na semana passada o trem chegou à estação
Pagar	O patrão pagará os funcionários no início do mês	O patrão pagará aos funcionários no início do mês
Preferir	Nós preferimos mais ficar aqui do que voltar para casa	Nós preferimos ficar aqui a voltar para casa
Visar	Visava o cargo de diretor	Visava ao cargo de diretor
obedecer	O Motorista responsável obedece os sinais de trânsito	O motorista responsável obedece aos sinais de trânsito

Fonte: autor da pesquisa

Com base no quadro acima responda às questões 01 a 03

01- Conforme observamos no quadro anterior, um mesmo verbo utilizado acompanhado de expressões ou preposições diferentes para fazer a ligação com o seu complemento. Na sua opinião, por que isso ocorre nos usos efetivos da língua?

02- Ao analisar as frases utilizadas na variedade coloquial e as frases empregadas na variedade padrão da Língua Portuguesa e sabendo que a língua é utilizada de forma oral e escrita e em contextos sociais diversos responda:

a- Em que situações costumamos usar as frases pertencentes a variedade coloquial?

b- Em que situações sociais fazemos usos das frases pertencentes à variedade padrão?

03- Em conformidade com o exemplo que segue, substitua o verbo em destaque pelo indicado entre parênteses, conforme o modelo:

Comprei alguns livros que você **conhece**. (gosta)

Comprei alguns livros **de** que (ou **dos** quais) você gosta

(Observe que **gostar** exige **de**: gostar **de** alguma coisa)

a- O emprego que **desejo** permitirá minha ascensão política. (aspirar)

b- O país que **visitamos** é muito calmo (morar).

c- O sucesso que **objetivamos** será alcançado (visar).

4- Nas frases transcritas a seguir ocorrem construções comumente observadas na variedade informal da língua. Reescreva-as conforme a norma culta do idioma.

a- Existem seres humanos que preferem muito mais ignorar os problemas do que batalhar para superá-los.

b- As casas que os invasores ocuparam pertencem a prefeitura.

c- Fui recebido por aquela mulher que eu gosto dos seu conselhos.

VII. Avaliação

Ao avaliar a atividade, sugere-se que o professor atente para a importância da percepção do aluno em internalizar os empregos na norma padrão e na variedade coloquial e a adequação do uso. Após a correção da atividade, recomenda-se esclarecer aos alunos que a mudança de sentido relacionadas às diferentes regências influenciam no sentido comunicativo. Assim, nesta atividade, recomenda-se que o professor avalie com base nas

respostas dos alunos se eles conceberam que, sobretudo, em contextos formais, deve-se empregar a variedade padrão.

8.1.5 Atividade 5

Esta atividade considera o trabalho na sala de aula e a complementação da aprendizagem, utilizando o laboratório de informática e a Internet como ferramenta aliada para a construção do conhecimento do aluno.

I. Conteúdo:

- ✓ Transitividade verbal, objeto e regência verbal

II. Objetivos

- ✓ Classificar os verbos quanto à transitividade, observando se eles possuem sentido completo ou incompleto;
- ✓ Analisar se os verbos requerem termos que lhes completem o sentido e se eles exigem ou não a presença da preposição
- ✓ Conceituar regência verbal.

III. Tempo Estimado

- ✓ Quatro aulas (240 minutos)

IV. Material Necessário

1ª parte da aula:

- ✓ Cópias fotocopiadas
- ✓ Computador
- ✓ Datashow
- ✓ Livro didático

2ª parte da aula: (no laboratório de informática)

- ✓ Computadores
- ✓ Internet
- ✓ Caderno

V. Desenvolvimento

1ª etapa

Em um primeiro momento, através de slides são exibidos é exibido aos alunos os dois quadros abaixo com exemplos dos tipos de transitividade verbal existentes.

No primeiro quadro, utilizar os exemplos para esclarecer aos alunos que a transitividade varia conforme o sentido de cada núcleo verbal.

No segundo quadro, o professor deverá ler cada frase e perguntar aos estudantes qual elemento está faltando em cada uma delas, a fim de que eles percebam a relação entre termo regente e termo regido.

Posteriormente, efetivar a leitura do conceito de regência verbal no livro didático deles e o conceito extraído de um dicionário de regência verbal presente nos slides exibidos. Sugere-se após essa leitura, esclarecer as dúvidas dos alunos sobre os assuntos estudados por meio de explicações orais, em seguida, solicitar a resolução dos exercício entregando as questões xerografadas aos alunos, após eles responderem todas elas, fazer a socialização da aprendizagem com discussões para sanar eventuais dúvidas.

2ª etapa

Utilizando o laboratório de informática com acesso à Internet o professor solicitará à turma uma pesquisa em grupos de 5 pessoas sobre transitividade verbal e regência verbal e pedirá que os alunos anotem em seus cadernos os exemplos encontrados.

Em seguida, cada equipe exporá os exemplos encontrados aos demais colegas, explicando os exemplos encontrados. Por fim, cada grupo redigirá um texto fazendo menções ao aprendizado adquirido e entregará ao professor.

Quadro 14: Transitividade Verbal: Exemplos e classificação

EXEMPLOS	CARACTERÍSTICA	CLASSIFICAÇÃO DO VERBO
A criança dormia tranquila O antigo prédio desabou	Possui sentido completo; não há a exigência de complemento, ou seja, (objeto)	Intransitivo – VI
O aluno escreveu o exemplo Tenho um grande amigo	Possui sentido incompleto; há a exigência de objeto sem preposição inicial (objeto direto)	Transitivo direto - VTD
Creemos em Deus Concordamos com você	Sentido incompleto; há a exigência de objeto iniciado por preposição (objeto indireto)	Transitivo indireto – VTI
Emprestei a caneta ao aluno Devolvi o livro ao vendedor	Sentido incompleto; há a exigência de dois objetos: um objeto direto e outro objeto indireto.	Verbo transitivo direto e indireto – VTDI

Fonte: autor da pesquisa

Quadro 15: frases com omissão de regência verbal

Frase 01: CIENTISTAS ACREDITAM NOVAS DESCOBERTAS
Frase 02: O QUE OCORRE É UMA AQUISIÇÃO CONHECIMENTOS
Frase 03: MILHARES DE FÃS ASSISTIRAM SHOW DA BANDA INGLESA
Frase 04: SEMPRE OBEDECEU SINAIS DE TRÂNSITO

Fonte: autor da pesquisa

Regência Verbal: Regência que se estabelece entre verbo e seu complemento, com a presença ou não da preposição. Ex.: Ela deseja coisas grandiosas. Desejar – verbo transitivo direto, tem necessidade do objeto direto: *coisas grandiosas*, sem a presença da preposição. Ela aspira a coisas grandiosas. Aspira, verbo transitivo indireto, necessita do objeto indireto: *coisas grandiosas*, com a presença da preposição a. Ela brinca. Brincar, verbo intransitivo, não tem necessidade de complemento Luft (2008, p.05).

Como se observa nos exemplos acima que mostram a relação entre verbos e seus complementos, responda as questões 01 a 03. Considere o comando das questões.

Dê a função sintática – **objeto direto ou objeto indireto** – do termo em destaque nos enunciados abaixo:

1- Naquela empresa, os funcionários obedecem **a rigorosas normas de segurança.**

2- O repórter recebeu de uma fonte anônima **um documento com revelações surpreendentes.**

3- Os cinquenta reais que pagamos ao vendedor pelos peixes, deixaram-no muito feliz.

As questões 04 e 05, baseiam-se no quadro que apresenta algumas frases.

4- Quais as preposições omitidas nas frases do quadro

Frase01: _____

Frase02: _____

Frase03: _____

Frase04: _____

05: Considerando a questão anterior e o conceito de regência apresentado, formule o seu próprio conceito de regência Verbal.

VII. Avaliação:

1ª parte

É importante aferir a compreensão dos estudantes quanto ao assunto trabalhado. Para isso, o docente recolherá dos alunos todas as cópias dos exercícios respondidas por eles. Durante a correção, o professor fará as devidas anotações das respostas inadequadas e na aula seguinte, devolverá aos alunos suas atividades corrigidas para que eles refaçam-nas, conforme as anotações do professor.

2ª parte

A avaliação será feita observando a apresentação dos discentes após eles realizarem a pesquisa solicitada no laboratório de informática e apresentarem oralmente ao professor e aos demais colegas. Serão observados os conceitos explorados, os exemplos utilizados para a transitividade e a regência dos verbos e o domínio do conteúdo por parte dos alunos durante as explanações orais. Além disso,

com o recebimento e correção dos textos redigidos por eles o professor completará sua aferição sobre o conteúdo estudado.

CONCLUSÃO

Reafirma-se que no desenvolvimento deste trabalho alguns pontos foram definidores e cruciais para, refletidamente, perscrutar o fenômeno linguístico em estudo, entre estes se destaca a busca por fontes teóricas que subsidiaram a construção de toda a pesquisa, sobretudo teorias que permeiam tanto o ensino teórico quanto o prático, Neste sentido, não se mediu esforços na busca constante por teóricos que discorrem sobre a temática investigada, isto proporcionou o encontro de fontes que favoreceram a compreensão e análise do objeto investigado.

Outro fator determinante para o prosseguimento dos estudos foi o objetivo da pesquisa o qual decidiu analisar a ocorrência da regência verbal nos textos espontâneos dos alunos, assim, houve interesse em explorar a temática, priorizando a ótica de categorias de análises as quais permitiram entender a transitividade nos textos dos discentes e, conseqüentemente, a regência verbal empregada por eles. Constatou-se, na verdade, entre outros resultados, a influência da oralidade nos empregos regenciais o que permitiu lançar uma proposta de ensino sobre regência verbal com base nas lacunas encontradas. Assim, anseia-se que esta pesquisa possa contribuir positivamente para o ensino de gramática em Língua Portuguesa.

Obteve-se êxito no tocante ao objetivo norteador do trabalho, porque com a observação do emprego da regência verbal em textos espontâneos e em situações reais de escrita, pôde-se perceber, na prática, a forma como o aprendiz utiliza o fenômeno em estudo. Assim, com as análises dos textos, detectou-se outros resultados: um baixo domínio quanto aos usos linguísticos da regência verbal e pouca noção da transitividade que acontece na relação sintático-semântica, tal fato impossibilita a organização e construção das sentenças produzida por eles.

A pesquisa se mostrou no decorrer do processo, um trabalho árduo, mas muito gratificante, visto que retomando o objetivo e as hipóteses da própria pesquisa, adianta-se que houve o alcance dos resultados esperados, já que nas produções do alunos estes utilizam com frequência o objeto pesquisado, além disso, os exemplos encontrados permitiram compará-los às prescrições da norma padrão, considera-se, pois, que essa experiência indicou novos direcionamentos e proporcionou ideias presentes na proposta de intervenção a qual não propõe oferecer soluções prontas, porém aponta algumas possibilidades, repassa algumas experiências e sugere ideias na demanda por resultados.

Considera-se que para o processo de Ensino de Língua Portuguesa este estudo contribui tanto com informações relacionadas à regência verbal quanto com conhecimentos relativos à transitividade, complementação verbal, noções de adjunto. Além de um amplo estudo de verbos, que proporcionou uma compreensão destes na visão de distintas teorias como Gramática de Valências, Gerativismo e Tradição Gramatical que trouxeram informações relativas ao verbo as quais podem auxiliar em novos estudos sobre a Regência. Portanto, com este trabalho, deseja-se aprofundar os conhecimentos sobre a temática investigada e servir de base para outras pesquisas, agregando informações na busca constante de aperfeiçoamento do aprendizado do aspecto gramatical em estudo.

Toda a experiência adquirida neste trabalho possibilitou acreditar que nada está totalmente pronto, por isso, este estudo admite e pede aperfeiçoamento nos pontos necessários, sobretudo porque o campo sintático da língua é amplo o que possibilita diferentes visões sobre a regência verbal e demais assuntos sintáticos-gramaticais agregados à Língua Portuguesa, uma vez que nada é definitivo, por isso, se admite exclusões e inclusões. Contudo, a contribuição dele para a Língua Portuguesa pode auxiliar o ensino e ao surgimento de outros trabalhos dessa categoria, contribuindo com professores de língua materna a se aproximar desse universo que é o Ensino de Gramática.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M et al. **Gramática Texto: Análise e Construção do sentido**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2010.

ANTUNES, Irandé. **Língua Texto e Ensino: Outra escola Possível**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

_____. **Aula de Português**. Encontro & interação. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. **Muito além da gramática**. Por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

ATIVIDADE DE PORTUGUÊS, LITERATURA E REDAÇÃO (Imagem). Disponível em:
<[https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=ilxbWpGJLoX5wgTL0ozwBA&q="+Tirinha](https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=ilxbWpGJLoX5wgTL0ozwBA&q=)>. Acesso em 14 dez. de 2017.

AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos da gramática do Português**. Rio de Janeiro. Zahar, 2010.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática portuguesa** – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BLOG DE REDAÇÃO: CUIDADO COM A REGÊNCIA (imagem). Disponível em:<<http://oblogderedacao.blogspot.com.br/2013/09/cuidado-com-regencia.html>>. Acesso em 19/12/2017.

BORBA, Francisco S. **Uma gramática de valências para o Português** – São Paulo: Editora Ática, 1996.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al (org). **Por que a escola não ensina gramática assim?** 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BUSSE, Winfried e VILELA, Mário. **Gramática de Valências**. Coimbra: livraria Almedina, 1986.

CAMPOS, Elísia paixão de. **Por um novo ensino de gramática: orientações Didáticas e sugestões de atividades** – Goiânia: Cãnone Editorial, 2014.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: contexto, 2014.

CEREJA, William e COCHAR, Thereza. **Gramática Texto, reflexão e uso**. 5ª ed. São Paulo: Atual, 2016.

CIPRO NETO, Pasquale & INFANTE, Ulisses. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2008.

COSTA, Rafael. **Quais são os gêneros dos jogos de vídeo Game** (imagem). <https://designzeroum.com.br/quais-sao-os-generos-de-jogos-de-video-game/>. Acesso em: 19/12/2017.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DEUS FONTE DE VIDA (imagem). Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=eu+oro+pois+prefiro+as+marcas&source>>. Acesso em 12 de dez. de 2017.

DICA #48 ASSISTIR OU ASSISTIR A? (Imagem). Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=Tirinhas>>. Acesso em 21/12/2017.

DORNELLES, José Almir Fontella. **A gramática do Concursando**. Brasília: Ed. Vestcon, 2006.

FACHIN, Odília. **Fundamentos da Metodologia**. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FERREIRA, Mauro Ferreira do. **Aprender e praticar Gramática**. São Paulo: FTD, 2011.

FONSECA, Lage Denyse. **Análise sintagmática em Português**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/portugues/sintagma/>. Acesso em: 21 de junho de 2017.

GIACOMOZZI, Gilio. et al. **Dicionário de Gramática**. São Paulo: FTD, 2004.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2014.

KAIL, Michele. **A aquisição da linguagem**. São Paulo: Parábola, 2013.

KATO, A Mary e NASCIMENTO, Milton do. (Orgs.). **A construção da sentença**. São Paulo: Contexto, 2015.

KENEDY, Eduardo. **Curso Básico de Linguística Gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

LAKATOS, Eva e MARCONE, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo. Atlas, 2007.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. São Paulo: Ática, 2008.

MIOTO, Carlos; SILVA, Cristina Figueiredo Silva e LOPES, Ruth. **Novo Manual de Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2016.

MUNDO EDUCAÇÃO: Conceito de verbo disponível em mundoeducação.bol.uol.br/gramática/verbo-2.html. Acessado: 20/07/2016: 18h:30.

MOREIRA, Sandra Regina Fonseca. O Gerativismo de Chomsky disponível em: <https://arquivos.cruzeirodosulvirtual.com.br/materiais/disc_2010/mat_grad_ling/unidade3/texto_teorico.pdf>. Acesso em 02.09.2017 às 22h.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do. **Aprender e praticar gramática**: volume único: – São Paulo: FTD, 2011.

PESTANA, Fernando. **A gramática para concursos públicos** – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

_____. **Estudos de Gramática Descritiva**. As valências verbais. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral**. 24^a ed. São Paulo: ática, 2010.

REVISTA ÉPOCA (imagem). Disponível em: <http://blogdoxandro.blogspot.com.br/2012/10/revista-epoca-n750-nas-bancas.html>. Acesso em 19/12/2017.

SACONNI, Luiz Antônio. **Novíssima Gramática ilustrada Sacconi** – São Paulo: Nova Geração, 2008.

SANTOS, Clóvis Roberto dos e NORONHA, Rogéria Toller da Silva de. **Monografias Científicas**: TCC, Dissertações e Tese. São Paulo: Avercamp, 2010.

SARMENTO, Leila Lauar. **Gramática em Texto**. 3^a ed. São Paulo: Moderna, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2016.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática Ensino Plural**. São: Cortez, 2003.

_____. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática – São Paulo: Cortez, 2009.

TERRA, Ernani. **Curso Prático de Gramática**. 6^a ed. São Paulo: Scipione, 2011.

VEJA, ÉPOCA E ISTO É (imagem). Um verdadeiro banho nos “jornais” Folha de S.Paulo, Estadão e o Globo. Disponível

em:<<https://www.google.com.br/search?q=capas+da+revista+veja&source.> >. Acesso em 20/12/ 2017.

VIEIRA, Silvia Rodrigues e BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org.). **Ensino de Gramática**: descrição e uso. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

WELKER, Herbert Andreas. **A valência verbal em três dicionários brasileiros**, disponível em<: <https://pt.scribd.com/document/270079098/A-Valencia-Verbal-Em-Tres-Dicionarios-Brasileiros>>. Acesso em: 30 de setembro de 2017.

APÊNDICES/ANEXOS

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (tcle)

O (A) menor _____ está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) de uma pesquisa denominada: “REGÊNCIA VERBAL EM TEXTOS DE ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL” , ou seja, um estudo sobre verbos, preposições e complementos verbais (objeto direto e objeto indireto) em textos escritos cujos objetivos e justificativas são investigar como os participante emprega nos textos produzidos por eles a regência verbal, tema explicado acima, a pesquisa intenciona contribuir com o ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, mais especificamente, com o aprimoramento da produção escrita desse aspecto gramatical que é a regência verbal.

A participação do (a) menor no referido estudo será no sentido de ler o poema: “Meus oito anos”, Casimiro de Abreu, em seguida produzir um pequeno texto em que ele escreverá, espontaneamente, o entendimento sobre o assunto a que se refere poema. Os textos produzidos auxiliarão para a investigação do assunto estudado.

A pesquisa a ser realizada apresenta alguns benefícios indiretos e a longo prazo, tais como: disponibilização dos resultados da pesquisa para a escola onde o aluno estuda e com acesso garantido ao participante e aos demais alunos da escola, divulgação da pesquisa em formação pedagógicas de professores de Língua Portuguesa, disponibilização de cópias dela para a escola do aluno participante do estudo em questão e cópias impressas e digitais para bibliotecas universidades, entre outros.

Por outro lado, cabe aqui expor os riscos envolvidos na pesquisa que são mínimos, pois a participação do(a) menor, conforme explicado acima, é uma atividade de leitura e interpretação de um poema seguida da produção de um texto. Porém, caso a pesquisa cause eventuais danos como: constrangimentos, nesse caso, isso pode ser ocasionado pelo fato do(a) menor estar sendo submetido ao ato de escrever essa tarefa pode gerar acanhamento, aflição, para evitar tais situações será garantido o completo anonimato dos integrantes da pesquisa.

Outro risco, é a mudança das atividades cotidianas das aulas, isso porque a atividade diagnóstica de coleta de dados implica mudanças nas atividades rotineiras, para protegê-los essa atividade será realizada conforme o horário normal da escola, na mesma sala onde costumam assistir todas as aulas e respeitando o calendário escolar, ou seja, nos dias letivos já previstos para o ano letivo.

No caso da ocorrência de traumas, isso porque com a cooperação em uma pesquisa científica o participante fica sujeito a tal risco de trauma psíquico, contudo para contê-lo a atividade aplicada na pesquisa terá cuidado e atenção com a atividade diagnóstica aplicada para coleta de dados que é: (leitura de um poema e produção de texto pelo participante), além de respeitar tempo de assimilação da aprendizagem do (a) menor

Assim sendo, a forma de assistência será integral com acompanhamento psicopedagógico da escola isso visando sanar eventuais danos causados pela pesquisa, além disso o seu filho ou menor sob sua responsabilidade terá assegurado o direito à indenização.

Cabe dizer que a privacidade do participante será respeitada, ou seja, o nome dele(a) ou qualquer outro dado que possa identificá-lo(a) será mantido em sigilo. O (a) menor ou o seu responsável pode se recusar a participar da pesquisa ou retirar o consentimento a qualquer momento sem precisar se justificar e, por desejar sair da pesquisa, o participante, não sofrerá qualquer prejuízo de nenhuma ordem.

É assegurado ao participante assistência psicopedagógica integral por eventos desfavoráveis ou desconfortos, causados pela pesquisa, bem como é garantido o acesso as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo que o participante queira saber, antes, durante e depois de sua participação.

Enfim, com as orientações apresentadas sobre o teor da pesquisa, a natureza dela, os objetivos do referido estudo, cabe ao pai ou responsável, manifestar o seu consentimento, Caso não queira autorizar a participação do (a) menor, ele(a) poderá assistir as atividades como ouvinte sem nenhum prejuízo a ele, inclusive tendo acesso a todo material impresso e com a mesma atenção do pesquisador dedicada aos outros participantes. É importante dizer que não há valor econômico a receber ou pagar pela participação.

Ressaltamos, ainda, que os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada, sendo que o nome e/ou o material que indique a participação do(a)

menor não serão liberados sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos e, após esse tempo, serão destruídos.

Este termo de consentimento, encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisador responsável, na escola em que a pesquisa será realizada, e a outra ficará com o pai ou responsável.

Esta pesquisa está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução 466/12, principalmente aos itens: II, IV,V que tratam, respectivamente dos Termos e Definições, do processo de Consentimento Livre e Esclarecido e Dos riscos e benefícios, bem como suas complementares.

Desde já, agradecemos a sua colaboração!

Eu, _____,
portador do RG _____, responsável pelo(a) menor _____,
concordo que ele(a) participe desta pesquisa.

Caxias, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do(a) responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Nome da pesquisador: JOSÉ BENEDITO NASCIMENTO DE SOUSA

Cel.: 99 988270715

E-mail: sousaben62@gmail.com

Instituição: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

Rua João Cabral, 2231 Pirajá 64.002 150 Teresina Piauí

Telefone (86) 3213-2547 / 3213 – 7942 Ramal 374

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UESPI

Rua Olavo Bilac,2335 Centro

Fone: 86 3221 6658

86 3221 4749

Teresina-PI

APÊNDICE B: Termo de Assentimento

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“A Regência verbal em textos de alunos do 9º ano do Ensino fundamental”**, isto é, esse assunto gramatical refere-se a relação estabelecida entre verbos, preposições e complementos verbais (objeto direto e indiretos) nos textos escritos.”. Neste estudo pretendemos investigar as habilidades de escrita no emprego em textos do tema acima mencionado na turma onde você estuda.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é analisar como alunos, como você, do 9º ano do Ensino fundamental utilizam a regência dos verbos. Isto é, como vocês empregam nos textos escritos a relação estabelecida entre verbos, preposições e seus complementos. Investigando se os usos estão conforme as regras exigidas pela norma padrão da Língua portuguesa ou não, para poder, com base nessas informações, traçar uma análise sobre esse aspecto gramatical.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): a partir da leitura feita por você do poema: “Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu, você irá escrever um breve texto dizendo o que entendeu sobre o poema lido. E com base na leitura dos textos escritos de cada participante o pesquisador fará um análise da ocorrência do tema que se propõe estudar.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Caso você não queira participar diretamente, pode assistir as atividades como ouvinte sem nenhum prejuízo a você, inclusive tendo acesso a todo material impresso e com a mesma atenção do pesquisador dedicada aos outros participantes. Você não será identificado em nenhuma publicação.

Por outro lado, cabe aqui expor os riscos envolvidos na pesquisa que são mínimos, pois a sua participação, conforme dito acima, é uma leitura e interpretação de um poema seguida da escrita de uma atividade de produção de texto. Porém, caso a pesquisa cause eventuais danos como: constrangimentos que pode ser ocasionado pelo fato de você está sem do submetido ao ato de escrever o qual pode gerar acanhamento ou aflição, para evitar tais situações será garantido o seu completo anonimato na pesquisa.

Outro risco, é a mudança das atividades cotidianas das aulas, isso porque a atividade diagnóstica de coleta de dados implica mudanças nas atividades rotineiras, para protegê-lo essa aplicação será realizada conforme o horário normal da escola, na mesma sala onde costumam assistir todas as aulas e respeitando o calendário escolar, ou seja, nos dias letivos já previstos para o ano escolar.

No caso da ocorrência de traumas psíquicos, isso porque com a cooperação em uma pesquisa científica você fica sujeito a tal risco, contudo para contê-lo a atividade diagnóstica aplicada na pesquisa terá cuidado e atenção durante coleta de dados (leitura de um poema e produção de texto pelo participante), além de respeitar tempo de assimilação de sua aprendizagem. Assim sendo, a forma de assistência será integral com acompanhamento psicopedagógico da escola no intuito de sanar eventuais danos causados pela pesquisa.

Esse documento respeita o que prescreve a Resolução nº 466/12, sobretudo o item II.3 que trata da assistência ao participante da pesquisa Além disso, você tem assegurado o direito de indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos por ela.

Os benefícios proporcionados por esses estudos são de longo prazo e indiretos, visto que com a conclusão da pesquisa os resultados encontrados serão divulgados na sua escola, compartilhados com outros professores de Língua Portuguesa em encontros de formação pedagógica e serão disponibilizadas cópias impressas e digitais desse trabalho para bibliotecas de universidades. Isso no intuito de contribuir para o ensino da Língua Portuguesa sobre o fenômeno estudado.

Assim, Os resultados desta pesquisa estarão à sua disposição e de sua escola quando finalizada, seu nome ou o material que indique sua participação serão mantidos em sigilo. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão

arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Desde já, agradecemos a sua colaboração!

Caxias, _____ de _____ de 20 ____.

Participante da pesquisa

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Nome da pesquisador: JOSÉ BENEDITO NASCIMENTO DE SOUSA

Cel.: 99 988270715

E-mail: sousaben62@gmail.com

Instituição: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

Rua João Cabral, 2231 Pirajá 64.002 150 Teresina Piauí

Telefone (86) 3213-2547 / 3213 – 7942 Ramal 374

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UESPI

Rua Olavo Bilac, 2335 Centro

Fone: 86 3221 6658

86 3221 4749

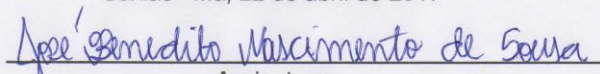
Teresina-PI

APÊNDICE C: Declaração do Pesquisador**DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL**

EU, **José Benedito Nascimento de Sousa**, CPF Nº 645.057.073-34, Matrícula: UESPI Nº 400017, Pesquisador do projeto: "REGÊNCIA VERBAL EM TEXTOS DE ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL sob a orientação do Professor Dr. Raimundo Francisco Gomes, Declaro para os devidos fins:

- 1- Preservar a privacidade e a integridade física dos entrevistados cujos dados serão coletados;
- 2- Manter o sigilo relativo às propriedades intelectuais;
- 3- Anexar os resultados dessa pesquisa na Plataforma Brasil;
- 4- Respeitar todas as normas de Resolução 466/12 e suas complementares na execução deste projeto.

Caxias –Ma, 22 de abril de 2017


Assinatura

DECLARAÇÃO DE INFRAESTRUTURA – APÊNDICE D

ESTADO DO MARANHÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE ENSINO
UNIDADE REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE CAXIAS
UNIDADE ESCOLAR JOÃO LISBOA
RUA 1º DE AGOSTO – 600 –CENTRO

SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO

GOVERNO DO
MARANHÃO
GOVERNO DE TODOS NÓS

CARTA DE ANUÊNCIA

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
UNIDADE ESCOLAR "JOÃO LISBOA"
MATUTINO
Rua 1º de Agosto, 600
CENTRO - CEP 65.606.070
CAXIAS - MA

Por ser a expressão da verdade, assino e dou fé. Eu, **Maria de Fátima Alves Bezerra**, diretora da Unidade Escolar João Lisboa, autorizo a realização da pesquisa intitulada: **Regência Verbal em textos de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental**, que será realizada pelo mestrando: José Benedito Nascimento de Sousa, do Curso de Mestrado Profissional em Letras, PROFLETRAS, da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Conduzida sob a orientação do Professor Dr. Raimundo Francisco Gomes, docente do quadro efetivo da Universidade Estadual do Piauí, matrícula: 0859516.

DECLARO, ainda que esta instituição possui infraestrutura necessária para a realização da pesquisa, possuindo 8 salas de aula, 1 diretoria, 1 Laboratório de Informática, 1 cantina, 7 banheiros, 1 sala de professores e 1 sala de AEE. Além disso, atende ao número de 508 alunos distribuídos nos turnos matutino e vespertino, em turmas do 6º ao 9º ano.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se o mesmo a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética da UESPI para a referida pesquisa.

Caxias-Ma, 20 de Março de 2016

Maria de Fátima Alves Bezerra

Maria de Fátima Alves Bezerra
Matricula 1078005
Diretora Geral

APÊNDICE E :Instrumento de coleta de dados –

POEMA: “ MEUS OITO ANOS” DE CASIMIRO DE ABREU

MEUS OITO ANOS

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
- Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é - lago sereno,
O céu - um manto azulado,
O mundo - um sonho dourado,
A vida - um hino d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

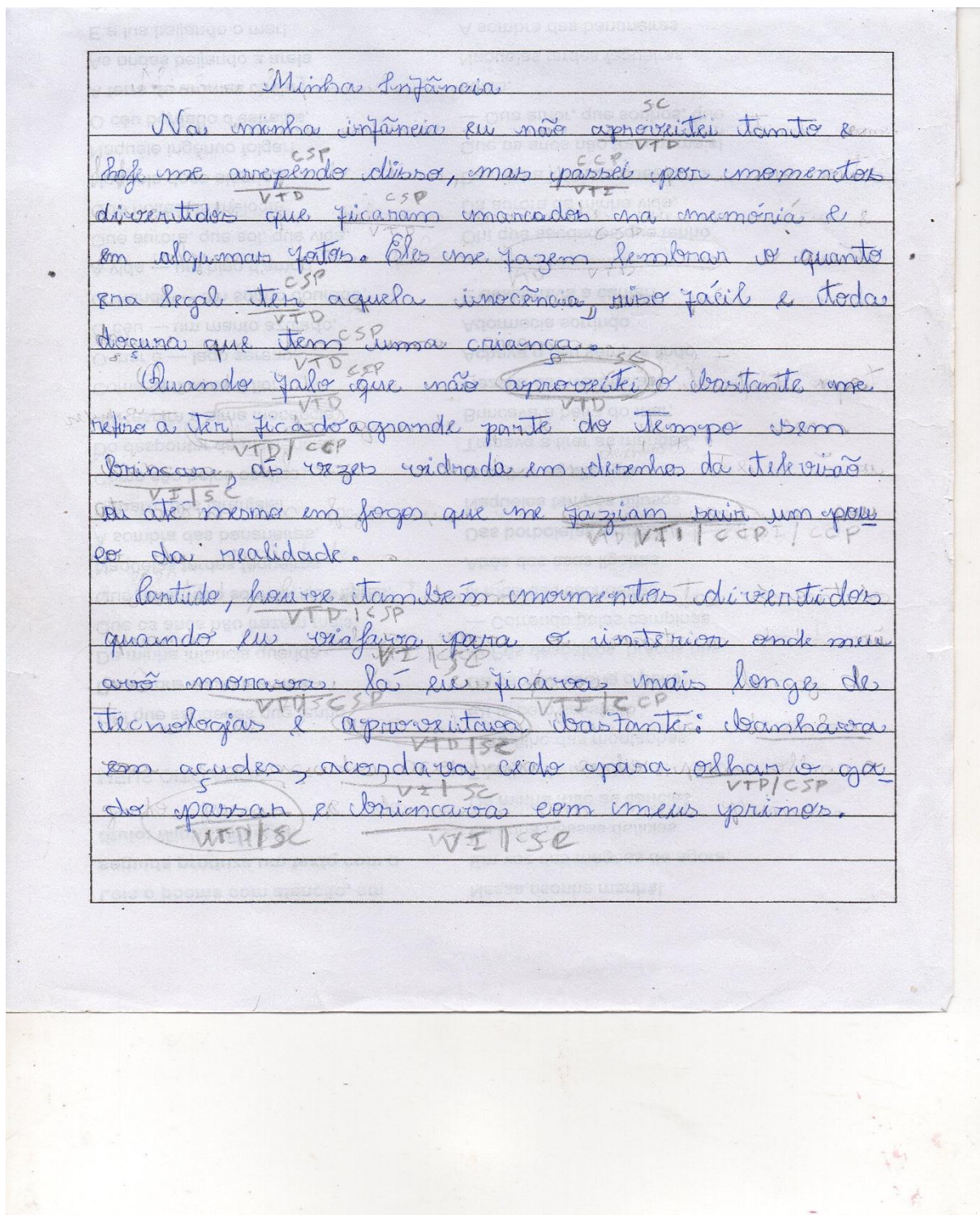
Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã.
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
De camisa aberto ao peito,
- Pés descalços, braços nus -
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar! (...)

ANEXO : Produções Textuais dos Alunos

Texto 01



TEXTO 02

Minha Infância

Minha infância bom, foi legal vivia com de bicicleta, subindo em árvores, indo pra cidade. Foi legal mais eu fui crescendo não gostava mais dessas coisas, gostava mais era da internet mais eu brincava ainda não era muito era de vez em quando com meus primos.

Com meus seis anos fui para a escola fiz vários amigos eu gostava, até que eu fui para o 6º ano não gostava muito das meus professores e nem de umas certas pessoas comecei a brincar de novo com meus amigos e primos mais parou de novo.

Em um dia minha família e eu fomos para um sítio, nesse dia minha irmã quase morreu apogada eu fiquei muito desesperada e com medo de perder minha irmã. Eu e meus irmãos brigamos muito, o meu irmão ele é muito levado e minha irmã é mais ou menos. Meus pais em um tempo se separaram era muito difícil de eu e meus irmãos ir de mais eles voltaram em um tempo.

TEXTO 03

Minha infância

Quando eu era pequena eu era muito desobedi-
 eu gostava muito de brincar e de ir para casa de minha
 vó meu vó tinha um fazenda e assim quando eu
 sempre quando eu estava de vó eu gostava de ir para fazenda
 quando eu eu não lá, porque lá tinha muito bois

Quando eu era pequena gostava muito de
 comer manga com sal escondida da mãe quando
 ela me viu a primeira vez ela ficou comigo ela
 dizia que fazia mal a pessoa um tempo, agora
 eu como na frente dela.

Não minha infância eu gostava muito de brincar de
 pega-pega,conde-conde, e gostava muito também
 de brincar de queimado, ainda hoje gosto mais no brincar
 mais hoje só foto mais está no celular, no tablet e
 computadores na minha infância nunca gostava
 de tirar fotos minhas e vou jogar foto porque
 eu estava ela tirava uma de quando tirava uma
 queda ela tirava foto minha e eu fui minha
 infância

TEXTO 04

Minha infância

Quando eu era criança eu brincava todo dia, de esconde-esconde, pega-pega e pula corda, que saudade desse tempo que a única preocupação era escolher uma brincadeira diferente todos os dias.

Eu estudava em casa com a Tameide que sempre ajudava minha mãe em praticamente tudo.

Minha mãe sempre foi barinhosa comigo e meus irmãos, meu pai também sempre foi um pai presente e atencioso.

Eu sempre morei no mesmo lugar, então minha casa sempre foi a mesma, mas tenho muita saudade dos meus antigos vizinhos que foram morar em outro lugar.

Que saudade de tudo das pessoas, das brincadeiras do comportamento das pessoas que diferente das pessoas de hoje, não todas estão sempre ligadas a tecnologia. Minha infância foi uma das melhores coisas na minha vida.

TEXTO 05

Minha Infância

Na minha infância eu lembro bem, brincava muito com meus colegas de rua. Foi um período que brincava bastante, brincava a tarde toda e na noite brincava e dormia bastante pois no centro da minha cidade tinha que ir para a escola.

Eu comecei a estudar com 2 anos de idade na minha primeira escola foi a SESC me divertia muito com meus colegas de lá, lembro que lá tinha uma piscina que todo quinto-feira a gente brincava e brincávamos no park que tinha.

Me lembro de uma noite que estávamos brincando de escondido-escondido e eu me escondi no quintal da vizinha para não ficar no claro e meu pai lá tinha uma toalha perto no varal daí eu fui pegar e esqueci por cima de mim para ficar bem escondido e nisso foi a última que fui avarar, foi muito bem nesse dia.

TEXTO 06

Minha infância

A infância sempre nos deixa saudades dos lugares que visitamos, dos amigos que fizemos e dos brincadinhos que inventamos, entre coisas se foram e bem poucas ficaram, principalmente as lembranças de quando tudo aquilo era legal, pena que não passamos.

A única coisa que ficou foram os amigos, que apesar do tempo algumas promessas se junta para falar cada momento que passamos, das brincadeiras todos os dias quando todos chegarem da escola e quando chegava à noite todos se reuniam no calçada para contar história.

acho que uma das minhas maiores saudades é de cidade da minha casa, toda semana eu ia, mas os sazes foram difíceis na escola e não podia faltar tanto para viajar, mas sempre que chega os férias eu vou e por isso que se passa um filme na minha cabeça, tudo de bom que eu vivi daquela cidade.

Não só a minha infância mas também da minha adolescência, eu vou sempre tirar tudo em minha mente, os amigos que fiz aqui na escola e cada momento que passamos juntos, por isso a lembrança é a única coisa que vai estar clara para frente.



TEXTO 07

Minha Infância

Minha infância de alegria, brincadeira,
 pílula, se escondia com meus amigos de rua
 bicoca de fardo na rua, escondi- escondi,
 pega- pega, sem me preocupar com os perigos
 que não eram grandes como hoje.

Saudades da minha mãe me levando
 para banca no parquinho da praça, e pra-
 ra brando porque eu estava de calça.

Sempre de semana indo visitar minha
 avó no interior, banhava nos riachos, corria
 pelo quintal, ruidia nos jarrões, as comidas
 que ela preparava era sempre a melhor.

Nas férias ia visitar as tias que
 moravam longe, elas ficavam nos esperando
 com vários presentes e lanchinhos, nos rece-
 bia da melhor forma possível.

Da para casa da meu avô, e comia
 muito coque, que era o que mais tinha
 lá.

TEXTO 08

Minha Infância

Saudades da minha infância, quando não havia muitas brincadeiras, as brincadeiras na natureza, as rodas de conversa com os amigos. Na minha infância era tudo muito bom, as brincadeiras de pega-pega na rua, as histórias contadas por meus pais.

Todo momento era sabido e acabava sendo uma rotina de quase todos os dias. Era muitos amigos que tinham e todos nós brincávamos sem desigualdade e preconceito, a maioria das brigas era apenas por querer usar brinquedos um do outro e no final acabava tudo bem.

A primeira vez que fui à escola foi muito bom, conheci muitas pessoas, novas brincadeiras e além de tudo fui aprendendo algumas coisas que é essencial no começo de aprendizagem, os professores eram bastante legais e alegres e as brincadeiras participavam.

Com o passar do tempo que eu crescia, as brincadeiras acabavam diminuindo, lembro que a vontade de aprender a ler era imensa e foi muito alegre quando aprendi, por fim, minha infância foi muito boa, tenho bastante saudades de tudo um pouco por algumas coisas de hoje não estão tendo essa infância de brincar e estar conectado com a natureza e viver com as tecnologias.

VTJ|CCP

TEXTO 09

Minha Infância

Nossa! Como o tempo passa rápido lembro-me muito bem da minha infância quanta dos dias em que eu corria para não pegarem nas brincadeiras de pega pega tudo de mim.

As vezes me pego pensando nos dias de chuva quando eu brincava nas lagoas com minhas primas adoradas lá ia nos correndo pelo quintal abego até ouvimos os gritos de minha mãe chamando agente para dentro.

Também me lembro dos dias em que a luz faltava e com as velas acesas nos brincávamos com as nossa vozes e corações nos gargalhadas minha vezinha amada fazia sopa e agente até repetia.

Ó! quando eu brincava de Amarelinha não tinha para ninguém ganhava de verdade.

Como é bom lembrar de minha infância amada dos dias de alegria em que eu adorava.

TEXTO 10

Minha Infância

A minha infância, infância querida
 Que não volta mais, tempo que passou
 Que ficou para trás, lembro como se fosse hoje
 Aquelas arvores lindas a florir, não tinha
 Como não lembrava e brincava.
 Aquelas brincadeiras que nos deixava feliz
 Pega-pega, esconde-esconde e amarelinha
 Nossa como e como lembra daquele
 Tempo que brincava sem me preocupar
 Brincava feliz por esta lá.
 Como é bom ser criança
 Essa infância se alegria
 Ah que saudade daquele tempo
 Onde não me preocupava com nada
 Só brincava, brincava e brincava
 Sem parar de me alegrar
 Infância querida que não volta mais

TEXTO 11

Minha Infância.

Quando eu era menor eu gostava muito de brincar de pega-pega, esconde-esconde, bonecas, no esconde-esconde o ruim era quando eu botava, daí eu achava todos, aí vem um e falta: - Sabre todos.

Eu brincava também daquela brincadeira, que a gente enchia os balões de água e jogava nos concorrentes era muito engraçado e divertido, brincar de boneca também era legal mas as minhas amigas gostavam mais de rabiscar as bonecas.

Eu brincava com as minhas amigas de restaurante e tudo era de mentirinha, a gente fazia bolo de arvia, salada de folha das árvores, a carne era folha também, o sal era arvia e era muito legal, elas queriam comer de verdade pensando que era comida, era muito divertido.

TEXTO 12

Minha Infância
 Saudade da minha Infância ainda
 há me lembro das brincadeiras do tempo bom que
 não volta mais. ^{VTDCCP} tinha um monte de amigos
^{VETSC} melhas dia foi quando minha mãe chegou do
 Serviço com uma bronca nesse dia ^{VTDCCP} era eu até
 de comer eu dormia com essa bronca ^{VTDCCP} cuidava
 dela como uma mãe ^{VETSC} (trata seu filho) de verdade ^{VTDCCP}
 tinha ciúmes quando alguém pegava nela. ^{VTDCCP}
 Nossa, me lembro ainda hoje ^{VTDCCP}
 quando eu fazia Pipiniqui na minha casa eu
 e os meus amigos ficava roubando tudo e minha
 massa era tão bom. ^{VTDCCP}
 Sinto Saudade da Cidade que
 eu morava tinha vários amigos e até
 auntsas ^{VETSC} ^{VTDCCP} nessa era tão bom quando a
 gente ficava todo mundo junto Rio ando
 de bicicleta mais que pena que esse tempo de
 criança na volta mais. ^{VETSC}

TEXTO 13

Minha infância

Minha infância foi muito boa, não queria que ninguém tivesse
 ido embora partindo para o outro mundo, hoje sou grato a
 eles, eles eram muito engrandados de me deixarem para
 todos os lugares que eu quisesse era muito bom.

Aquels tempos eram muito bom não tinha nenhum vício
 de fumar, mas que pena que eu não souço mais nunca me
 esqueço da emissão de suor por todos os poros da minha
 família, uma família toda por um só lado eu todos os meus
 primos lá brincamos muito foi muito bom.

Da época marcamos que verdade que se tinha de qual
 tempo, uma vez fomos para São Luis para casa da minha tia
 fomos todos para a praia quando chegou o fim de semana

Não gostei muito porque se estava eu a minha família
 e meu primo não tinha muita coisa para brincar mas eu
 me diverti muito porque fomos para um festival lá
 adoramos.

Amor volta no tempo para viver essa história
 muito divertida mas aprova muito que pena que aquela
 pena não está aqui mas foi para um tempo de Deus sabe.

VTD/CSP

TEXTO 14

Minha infância.

Minha infância foi uma graça!

Brincava na rua de pularia com meus
amigos, não tinha hora e nem data, qual que
hora era hora de brincar, jogava futebol,
andava de skate, buscava de se esconder.

Naquela época não existia orgulho,
as brigas não fazia a amizade acabar.
Todo mundo era amigo de todo mundo.

Mas uma coisa que nunca faltava era
aquela menina que você gostava dela,
para você ela era a mais bonita e a

mais bela de toda, mas você nunca conseguia
mostrar seus sentimentos para ela. Se estivesse

contando aquela menina poderia tomar a mulher
da sua vida. Mas o tempo passa, e para
alguns acabam percebendo que aquilo garota

"pergata" não era tão perfeita assim. Então

o tempo que não volta mais, tempo que não
existia, infelicidade, dor, ou tristeza.

VTDKSP

TEXTO 15

Minha Infância

Na minha infância foi repleta de coisas boas. Jogava muita bola na rua, brincava de escondi-
-esconde, brincava do taco, manchete e pega-pega e outras brincadeiras.

Eu ia para a AABB todo domingo, banhava tanto que os dentes ficavam tudo enroscado. Brincava de jogar um litro cheio d'água dentro da piscina para depois procurá-lo no fundo. Jogava bola até não aguantar mais.

Me lembro que quando brincava de escondi-esconde ninguém quase não me encontrava, pois me escondia debaixo da cama. As vezes reiniciavam o jogo por que não me encontravam.

Me lembro que minha equipe da manchete nunca ganhou porque sempre éramos queimados.

TEXTO 16

Minha infância

Meu nome é Pedro nasci em Coaraze MA, minha infância foi muito boa brincava demais com meus amigos, não mere o tempo todo aqui fui morar em outra cidade por um tempo lá fiz muitos amigos, estudei e me diverti muito.

Quando voltei para cá tinha muitos amigos que me vieram perto de minha casa. Quando saíam todo mundo brincava até tarde da noite jogando lixão, brincando do resconde do pégo e outras mais e que mais brincavam eram as avós.

Quando voltava para casa parecia mendigo todo voltava com pouco comida e tomava meu banho mais o que eu tenho mais saudades quando todos se reuniam para ir para a colheita ficava até tarde conversando o que já tinha acontecido com agente, contava histórias de terror, histórias engraçadas e outras.

Eu também jogava muito vídeo-game com eles fazia campeonato de futebol. O tempo foi passando alguns foram embora para muito longe e foram se dividindo. 3km para o João Lisboa e tenho muitos amigos até hoje.

VTD/CSP

TEXTO 17

Minha Infância

Quando era criança era legal tinha vários amigos
brincava de Pega Bandeira, Polícia e ladrão etc...
Vários outros deslopara lista de fazer as
Sogara video game com meu primo Sogara no computador
Super Mario World, Pop gear, megamen, Batman e
Sonic e the legend of zelda.

na Escola Via Zris, estudei até o 5º ano
gostava muito. A primeira vez que eu fui para
termino foi com meu Pai Neto assistir os vingadores
em 3D gostava muito de ir para o campo com meu pai
gostava de brincar a mal no serviço e brincar
com meus irmãos.

Mas felizmente minha separou de meu pai
Chorui muito mais e conheci o ~~depois~~ Davi, Yago,
Vanessa, Paimundo, e vários amigos continuei
visitado todo final de semana gosto de todos
amigos brinco de bicicleta, estudo no João Lisboa
Vou para casa do primo brincar,
Sogara e assistimos muito vou para o interior
e canso muito e ~~depois~~ vou dormir e amanhã e o
novo dia.

TEXTO 18

Minha Infância

minha Infância foi como de qualquer
 criança, eu brincava mais era do pega-pega
 quando a ~~a~~ ^{minha mãe} ~~me~~ ^{me} chamava eu não ia ela
 me batia muito, o lugar que eu gostava muito
 era de ~~o~~ ^o ~~o~~ ^o ~~o~~ ^o ~~o~~ ^o ~~o~~ ^o ~~o~~ ^o ~~o~~ ^o ~~o~~ ^o ~~o~~ ^o
 quando eu chegava do escola eu ia empinar
 pipa até ~~1:00~~ ^{1:00} se eu ia almoçar depois fazia
 atividade de escola depois que eu acabava ia
 jogar bola ~~quando~~ ^{quando} eu ficava com fome eu
 ia pegar manga.
 quando eu a noite eu gostava
 de assistir as novelas com minha mãe depois
 eu ia ~~o~~ ^{domin} quando era o dia do meu
 aniversário eu ganhava muito presente teve um
 dia que eu ganhei uma boneca eu muito feliz
 o que eu gosto era de ~~o~~ ^o ~~o~~ ^o ~~o~~ ^o ~~o~~ ^o ~~o~~ ^o ~~o~~ ^o ~~o~~ ^o ~~o~~ ^o
 comer sorvete com minha mamãe

dama

TEXTO 19

Minha Infância

J-19

Na minha infância querida, onde brincava sem parar
na minha terra dos palmierais, onde só tenho que amar.

De tudo que há, nada me compreendi, eu não vou como
logo, nada sabia, só queria, viver as aventuras da vida.
Com os pés descalços na terra, e um sorriso no rosto
vivendo e aprendendo mas nunca do lado oposto.

Correntes no chão, borboletas de papel, uma saudade tanta
do meu pai se chamava Emanuel.

Na hora do recreio, com meus colegas brincava
sob a sombra das bananas no trache me voltava.

Com calor de vassoura dizia que eram armadas
Todo dia de festa correndo, tocando os campainhas.

chegava no colégio, todos com tons de luzinha
mantém prometido me dá com pouco dinheiro se ela tinha

Tinha maior coleção, dizia que eram bananas
um grande pedregulho sempre criado sem pai.

Com tudo que via minha mãe teve falanda
meu filho se prepara que tudo agora tá mudando.

* VTJ/CSP

TEXTO 21

Minha Primeira Infância

A minha infância foi boa por que meu pai
 foi sempre muito presente comigo sempre me levava para
 brincas em praças, porque, pizzarias e churrasqueiras e isso
 me alegrava muito e sempre aos domingos eu sempre
 ia a minha mãe e minha mãe e eu ficava muito feliz.

Na minha infância eu gostava também de amiguinhos
 dos meus colegas brincavam muito e lembro bastante e
 quando tinha bolões surpresa sempre quando eu
 não pegava nada eu via chorando mais sempre fui
 feliz.

Na minha infância eu também era muito para a casa
 da minha mãe e eu gostava muito de brincar com os gatos
 eu via correndo a casa inteira e o quintal eu tinha
 gato e tinha duas de gato e sempre fui feliz e sempre vou
 ser.

TEXTO 22

Minha infância

Na minha infância conheci muitas coisas, mas preferia ter continue-
do inocente da vida. Ginto saudades dos brincadinhos que chegava-
mos na escola e já iamos brincar, jogava bola no sala de au-
la, brincava de motocross na escola na hora do recreio, pulava muro
para buscar mangos no quintal vizinho, jogava judô um peda-
do de armarco também do dedo e etc.

Sempre fui estudioso na minha infância, porém mudei um
pouquinho. Quando eu andava de bicicleta na rua lá da minha
casa tudo era quieto não passa os carros tudo do lado.

Pois a minha infância foi boa, queria que não tivesse mudado mas
porém a vida muda de acordo com o tempo e o seu jeito de
viver. Na minha infância gostava muito de jogar video game,
até meu irmão emprestar e eu nunca mais ver meu video game.

isso foi minha infância, porém muito marcada por vários fatos, e
isso aconteceu durante meus 7 anos de idade até os 10 anos. Depois
disse as pessoas não ficando mais abertas sobre o que é
a vida.

TEXTO 23

Minha infância

Minha infância foi muito divertida, até porque eu era aquele moleque todo, todo até demais eu saía de casa lá brincando no meio da rua, tinha muitos amigos, mas o que eu gostava mesmo era de jogar videogame com alguns amigos no orbe de confi-
 onta.

Eu mudava muito de casa e também de escola, eu era muito estudioso, mas também muito atencioso, por isso eu mudava tanto de escola, eu gostava muito de ir a pizzaria, eu não só porque de diversão e também viajava muito.

Eu gostava muito de brincar com meu pai ele era meu amigo mais legal, eu gostava muito de assistir filmes principalmente de terror eu também gostava de ler e desenhar, eu não era nem um pouco rebelde ou travesso eu também sempre gostei de sair sozinho em alguns momentos. Então isso foi a minha infância.

TEXTO 24

Minha infância

Minha infância nos dias de hoje do tempo que
 tocava a companhia das casa e leis e sai comendo em meus
 amigos ai nao se esquecia em uma nas outras eu de faz etc
 comos, mas tem um dia que amulhu nao na glaciada ai
 nos saimos no cemento e nos escendo em uma do pe de suora.

Eu gostava muito porque mi deuita muito em
 ia por porque de deitao mia minha familia tam sempre
 comia assistir filme com meu irmão, minha familia
 gostava de andar de bicicleta tam com meus amigos
 em meus

meu amido as vezes ia pra lanchonete pra
 lanchas partit de bola etc ia pra comprar jogabola mas
 brincava mais de futebol e lanchão a primeira coisa
 de bicicleta e nos brincava de umas coisas com os
 amigos e familiares

Eu estava de garras e brincava dos
 amigos e familiares por causa das brincadeiras e de
 comelas gostava tam sempre de companhia de
 ferga e de de me divertir e gostava de jogar

TEXTO: 25

Minha Infância

Minha infância foi muito ótima com meus colegas fazíamos muitas coisas juntos mas o que eu mais gostava de fazer com eles era jogar bola em um campo criado por nós mesmo a guelha trouxemos de madeira chão cheio de pedras e nos se divertia bastante.

Na infância também imbinava pipa jogava piteca, rodava pião, brincava de esconde do pega-pega manchete, queimado e entre outras brincadeiras imbinava pipa na sol quente cortavam variadas e jogava piteca de bola com agulha piteca de ferro que quibia na quase todas as pitecas.

Nos brincava de esconde esconde toda noite brincávamos so uma vez na noite toda ficávamos escondido por mais de uma hora de abrigio até acabar também nos jogávamos pião rodávamos bolabolabol e outras coisas.

Essa foi minha infância que nunca esquecerá
 + VTDICSP